

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

O Livro Siríaco de Daniel:

Texto, Tradução e Comentário

MARCUS VINICIUS RAMOS

Brasília

2014

MARCUS VINICIUS RAMOS

O Livro Siríaco de Daniel:
Texto, Tradução e Comentário

Tese apresentada ao Departamento
de História da Universidade de
Brasília para a obtenção do título
de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente
Dobroruka

Brasília
2014

À Clarinha.

Livre-se da complacência simples da mente, que procura colocar as coisas em ordem e espera subjugar fenômenos. Livre-se do terror do coração, que procura e espera encontrar a essência das coisas. Conquiste a última, a maior tentação de todas: a esperança.

Nikos Kazantzakis

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Vicente Dobroruka, mestre e amigo, pela orientação, confiança e prestígio. Ao PPGHIS e ao PEJ, pelo que representam para a pós-graduação brasileira. Minha gratidão também se estende a três outros excepcionais professores, todos pertencentes aos quadros da Universidade de Oxford. Professor Martin Goodman, meu orientador no Oriental Institute, o qual dividiu comigo muito do seu precioso tempo; Professora Alison Salvesen, por sua amizade e paciência infinita. Sua dedicação em acompanhar e corrigir minha tradução jamais será esquecida; Professor David Taylor, cujo entusiasmo e bom humor foram capazes de transformar as aulas do idioma siríaco em um fascinante exercício. Sou também grato à Dra. Emmanouela Grypeou por suas sugestões e contribuições à minha pesquisa bibliográfica, bem como à Dra. Nicoletta Demetriou, que leu esta tese com inteligência e cuidado. Mas jamais terei como agradecer à Clarinha, Paola, Gui, Ronald e Dora as palavras de gentileza e estímulo com que responderam às minhas constantes ausências, dúvidas e incertezas nesses últimos quatro anos. A eles pertence este trabalho.

RESUMO

Tradicionalmente associados a uma “literatura de resistência”, os apocalipses vêm sendo tratados nas últimas décadas como um gênero exclusivamente literário e sob essa óptica têm sido predominantemente colocadas as questões textuais e exegéticas, isolados os modos de pensamento e identificados os contextos sociais desses textos. Tal enquadramento nem sempre se ajusta, no entanto, aos apocalipses escritos nos primeiros séculos da era comum, especialmente no caso daqueles atribuídos a Daniel. Compostos em diversas línguas e em sua maioria, sem sinais de dependência mútua, muitos desses textos recorrem a tradições diferentes, como a vinda do Anticristo e a revolta dos “povos do norte” ao final dos tempos, liderada por Gog e Magog. O *Apocalipse Siríaco de Daniel*, virtualmente desconhecido até o início deste século, corresponde a um desses exemplos: seu texto é utilizada nesta tese como uma ferramenta de pesquisa para um melhor entendimento da história da cristandade siríaca do século VII. Os seguintes aspectos são aqui considerados: (1) – A recepção do texto canônico de Daniel na cristandade dos primeiros séculos; (2) – As origens e associações de Gog, Magog e o Anticristo; (3) – O texto original do *Apocalipse Siríaco de Daniel* e sua tradução para o português; e (4) – Considerações críticas sobre o *Apocalipse Siríaco de Daniel*. Os achados indicam que o *Apocalipse Siríaco de Daniel*, focado no fim iminente da História, não oferecia a esperança necessária, definida em termos políticos, para a sobrevivência do Império Bizantino.

Palavras-chave: Apocalipse. Siríaco. Daniel. Bizâncio.

ABSTRACT

Traditionally considered a “literature of resistance”, the apocalypses have been treated over the past decades as a purely literary genre. Under this understanding, those studying these texts foregrounded textual and exegetical issues, isolated the modes of thought, and identified their social contexts. This framework does not always suit, however, many apocalypses written in the early centuries of the Common Era, especially those assigned to Daniel. Composed in various languages and mostly without signs of mutual dependence, many of these texts are supported by different traditions, such as the coming of Antichrist or the “revolt of the peoples of the north” at the end of times, led by Gog and Magog. The *Syriac Apocalypse of Daniel*, virtually unknown until early this century, seems to be one of them: its text is used in this thesis as a research tool for better understanding the history of the Syriac Christianity in the seventh century. The following issues are considered here: (1) The reception of the *Book of Daniel* in the early church; (2) The origins and associations of Gog, Magog and Antichrist; (3) The original text of the *Syriac Apocalypse of Daniel* and its translation into Portuguese; and (4) A critical commentary on the *Syriac Apocalypse of Daniel*. The findings indicate that the Syriac Apocalypse of Daniel, focused on the imminent end of history, did not provide the necessary hope, defined in political terms, for the survival of the Byzantine Empire.

Keywords: Syriac. Apocalypse. Daniel. Byzantium.

ABREVIATURAS ¹

1. Geral

AEC – antes da era comum
AT – Antigo Testamento
ca. – por volta de, aproximadamente
EC – era comum
cf. – compare
cap(s). – capítulo(s)
col(s). – coluna(s)
ed(s). – edição(ões)
ep(s). – epístola (s)
fol(s). – fólio(s)
frg(s). – fragmento(s)
l(l). – linha(s)
lit. – literalmente
ms(s) – manuscrito(s)
n(n). – nota(s)
NT – Novo Testamento
p(p). – página(s)
v(v). – verso(s)

2. Línguas, Versões e Edições de Textos Bíblicos

BH – Bíblia Hebraica
LXX – Septuaginta
P – Peshitta
Syr – Siríaco
T – Targum
TJ – Targum Jonathan
TM – texto massorético
TN – Targum Neofiti
TO – Targum Onkelos
TN – Targum Neofiti
TPsJ – Targum Pseudo-Jônatas
V – Vulgata

3. Livros Bíblicos (incluindo apócrifos e deuteroacanônicos)

Gen – Gênesis
Ex – Êxodo
Lev – Levítico
Num – Números
Deut – Deuteronômio

¹ As abreviaturas seguem as recomendações da SBL (*Sociedade de Literatura Bíblica*).

Josh – Josué
Judg – Juízes
Ruth – Rute
1-2Sam – Samuel
1-2Kgs – Reis
1-2Chr – Crônicas
Ezra – Esdras
Neh – Neemias
Esth – Ester
Job – Jó
Ps(s) – Salmos
Prov – Provérbios
Eccl/Qoh – Eclesiastes/Coélet
Cant – Cântico dos Cânticos
Isa – Isaías
Jer – Jeremias
Lam – Lamentações
Ezek – Ezequiel
Dan – Daniel
Hos – Oseias
Joel – Joel
Amos – Amós
Obad – Abdias
Jonah – Jonas
Mic – Miqueias
Nah – Naum
Hab – Habacuc
Zeph – Sofonias
Hag – Ageu
Zech – Zacarias
Mal – Malaquias
Tob – Tobias
Jdt – Judite
Sir/Eclo – Sirácida (Eclesiástico)
Bar – Baruch
1-4Mac - Macabeus
Mt - Mateus
Mk – Marcos
Lk – Lucas
Jn – João
Acts – Atos dos Apóstolos
Rom – Romanos
1-2Cor – Coríntios
Gal – Gálatas
Eph – Efésios
Phil – Filipenses
Col – Colossenses
1-2Thes – Tessalonicenses
1-2Tim – Timóteo
Tit – Tito

Phlm – Filêmon
Heb – Hebreus
Jas – Tiago
1-2Pet – Pedro
1-3Jn – João
Jude – Judas
Rev. – Apocalipse

4. Pseudoepígrafos do Antigo Testamento

1En – Apocalipse etiópico de Enoch
2Br – Apocalipse Siríaco de Baruch
4Ez – Apocalipse de Esdras
2En – Apocalipse eslavônico de Enoch
3En – Apocalipse Hebraico de Enoch
4Ez – Apocalipse de Esdras
CavTr – Caverna dos Tesouros
ApEl – Apocalipse de Elias
ApMos – Apocalipse de Moisés
ApStTJn – Apocalipse do Santo Teólogo João
AscenIs – Ascensão de Isaías
Jub – Jubileus
L.A.B. – Liber Antiquitatum Biblicarum
SibOr – Oráculos Sibilinos
SibOrTib – Sibila Tiburtina
T12P – Testamentos dos doze Patriarcas
TDan – Testamento de Dan
THEz – Testamento de Ezequias
TIsaac – Testamento de Isaac
TJos – Testamento de José
TJud – Testamento de Judá
TLevi – Testamento de Levi
TMos – Testamento de Moisés
TReu – Testamento de Ruben
TSim – Testamento de Simão

5. Padres Apostólicos e apócrifos do Novo Testamento

1-2Clem – 1-2 Clemente
ActsPaul – Atos de Paulo
ApPaul – Apocalipse de Paulo
ApPet – Apocalipse de Pedro
Barn – Epístola de Barnabas
Did – Didaché
Herm – Pastor de Hermas Jovem – Apocalipse do Jovem Daniel
Jovem – Apocalipse do Jovem Daniel
SyrDan – Apocalipse Siríaco de Daniel
PolPhil – Epístola de Policarpo aos Filipenses

6. Outros testemunhos e trabalhos judaicos e cristãos da antiguidade

Aph – Afrahat
 Dem – *Demonstrações*
 Ath – Atânasio de Alexandria
 EF – *Epístola Festiva*
 Bardesanes
 BLC – *O livro das Leis dos Países*
 Cl – Clemente de Alexandria
 Strom – *Miscelâneas*
 Cyp – Cipriano de Cartago
 AdvJud – *Contra os judeus*
 Cyr – Cirilo de Alexandria
 CyrJ – Cirilo de Jerusalem
 Com – Comodiano
 Carmen – *Carmen de Duobus Populis*
 Ephr – Efrem, o Sírio
 CntJul – *Hinos contra Juliano*
 Eus – Eusébio da Cesareia
 DmEvg – *Demonstração do Evangelho*
 HE – *História Eclesiástica*
 Hipp – Hipólito de Roma
 Anti – *Anticristo*
 CommDan – *Comentários sobre Daniel*
 Ir – Irineu
 AH – *Contra as Heresias*
 Jer – Jerônimo
 CommDan(Pr) – *Comentários sobre Daniel(Prólogo)*
 CommEzek – *Comentários sobre Ezequiel*
 Jos – Josefo
 Ant. – *Antiguidades judaicas*
 BJ – *Guerra dos Judeus*
 Jus – Justino, o Mártir
 DialTrypho – *Diálogo com Trifo.*
 Lact – Lactâncio
 DivInst – *Instituições Divinas*
 Mcion – Marcião
 Or – Orígenes de Alexandria
 CtCel – *Contra Celso*
 Phil – Filo
 Ps-Phil – *Pseudo-Filo*
 Šub – Šubhalmaran
 BkGft – *Livro dos Presentes*
 Tert – Tertuliano de Cartago
 AM – *Contra Marcião*
 ResCar – *Ressurreição da Carne*

SUMÁRIO

1. Introdução	2
2. Capítulo 1:	
<i>A Recepção do Livro de Daniel nos Primeiros Séculos da Cristandade</i>	11
2.1 O Livro de Daniel	14
2.2 O Livro de Daniel na Tradição Judaica	18
2.3 O Livro de Daniel na Tradição Cristã	22
3. Capítulo 2:	
<i>Os Adversários Escatológicos</i>	50
3.1 Gog e Magog	51
3.2 O Anticristo	69
4. Capítulo 3:	
<i>O Apocalipse Siríaco de Daniel</i>	89
4.1 Tradução	90
5. Considerações Finais	121
6. Referências Bibliográficas	131
7. Anexos	144
7.1 Facsimile do Manuscrito	145
7.2 Transcrição do Manuscrito	157
7.3 Texto em siríaco	172
7.4 O Alfabeto Siríaco	212

INTRODUÇÃO

Após a morte de Alexandre, em 323, a Judeia passou a integrar o reino Lágida e assim permaneceu até o final do séc. III AEC. Durante esse período de mais de um século, enquanto seus gestores procuraram consolidar o modelo de administração ptolomaica na região, parte da população resistira à mudança, invocando a peculiar relação existente entre “o povo escolhido” e seu Deus. Ecos desse ressentimento já podiam ser encontrados em Isaías, que informava estar “a terra profanada, as leis transgredidas e a aliança eterna rompida” (Isa 24: 5-6).¹ Queixas semelhantes foram também relatadas na segunda parte de Zacarias, cujo texto foi provavelmente escrito após as conquistas de Alexandre, nas últimas décadas do séc. IV AEC. Embora guardando pouca homogeneidade entre si, vários de seus capítulos revelavam a indisfarçável animosidade dos judeus em relação à crescente helenização da região e tal como em Isaías, condenavam a submissão do povo judaico ao opressor estrangeiro, incitando-o a “destruir todas as nações que avançam contra Jerusalém” (Zech 12:9). A força dessas palavras deixava claro que as mudanças na atividade econômica e nos hábitos religiosos efetivados por administradores helenizados, fossem eles nativos ou estrangeiros, incomodavam, se não o todo, boa parte da sociedade judaica, pouco acostumada àquelas práticas (EDDY, 1961: 187).

Os sinais que chegavam da Diáspora, uma população obviamente mais exposta ao mundo gentio, interferiam cada vez mais na cultura e na religião dos residentes na Judeia. Essa presença já era evidente, por exemplo, em Tobias² onde a influência de costumes persas era clara, tanto nos personagens quanto na ambientação da história que narrava (Tob 3:8; 6:10). Como Isaías e Zacarias o haviam feito anteriormente, Tobias também manifestava inconformismo com as duras condições enfrentadas pelos judeus e as associava à dominação estrangeira. Não é difícil imaginar que a má vontade desses autores fosse utilizada pela população menos favorecida contra o comportamento da população privilegiada, cada vez mais identificada com a língua, o modo de administrar e a religião dos seus senhores. Assim, quando as tropas selêucidas sob o comando de Antíoco III invadiram a Judéia, em 201 AEC, receberam franco apoio popular, o qual foi recompensado após a vitória, com isenções de taxas e outros privilégios, conforme relata Josefo:

“Uma vez que os judeus após a nossa primeira entrada em seu país

¹ Isaías teria vivido na segunda metade do séc. VIII AEC.

² Eclesiástico e Tobias não fazem parte da Bíblia Hebraica, mas são reconhecidos como canônicos pela Igreja Católica. Ambos teriam sido escritos por volta do ano 200 AEC, na Judeia.

demonstraram a sua amizade para conosco e quando chegamos à sua cidade [Jerusalém], nos receberam de forma esplêndida, vindo ao nosso encontro com o senado e nos deram provisões e elefantes em abundância para os nossos soldados, juntando-se a nós em ejetar a guarnição dos egípcios que estavam na fortaleza, temos pensado ser adequado recompensá-los; e para recuperar a condição de sua cidade, hoje muito despovoada por tais acidentes [...] determinamos por conta de sua piedade para com Deus, conceder a eles como compensação pelo sacrifício de seus animais que estavam aptos para o sacrifício, pelo vinho, o azeite e o incenso, o valor de vinte mil peças de prata [...] E esses pagamentos eu pagarei integralmente a eles, como enviei ordens a você. Também gostaria de ter o trabalho sobre o templo terminado [...] também dispensá-los no futuro de uma terceira parte de seus impostos, de modo a reparar que as perdas que sofreram. E todos aqueles cidadãos que foram levados e se tornaram escravos, nós concederemos a eles e aos seus filhos a liberdade”. (Ant. 12.3.3)

Essa maior leniência com o povo judeu, observada ao longo do primeiro quartel do séc. II AEC refletiu-se na literatura da época, principalmente nos escritos de Jesus ben-Sirach. Sem utilizar o tom inflamado dos textos atribuídos a Isaías, Zacarias e Tobias, ben-Sirach enfatizava no Eclesiástico a lealdade que o povo judaico se obrigava a prestar a seu Deus e a seu Templo (Sir 7: 29-35), a qual devia continuar a ser intermediada pelo Sumo Sacerdote. A estrita observância à Lei, pregava, seria a única maneira de se preservar a integridade da religião e da sociedade.

O governo selêucida não deixaria de ser, no entanto, muito diferente daquele que o antecedeu e a derrota sofrida diante dos romanos em Magnésia (190 AEC) não demorou a se fazer sentida. A necessidade de enfrentar a ameaça crescente de romanos e partas, o esgotamento econômico provocado pelo constante aumento de taxas, as permanentes campanhas militares contra os vizinhos e a reforma religiosa levada a efeito por Antíoco IV Epífanês, reverteram, em pouquíssimo tempo, as condições dos judeus à mesma situação da geração anterior. É preciso notar, no entanto, que tais medidas não caracterizavam necessariamente uma perseguição de natureza religiosa e sim política, pois tinham como objetivo primário a destruição do *corpus* legal observado pelos judeus e não a intenção de abolir ou eliminar um deus ou um povo especificamente (EDDY, 1961: 211-212).

O reinado de Antíoco IV Epífanês e a perseguição do povo judeu pelo imperador selêucida estão descritos no *Livro de Daniel*, cujo texto trata da crescente helenização da região, personificada em Nabucodonosor e sua corte. Muitas das ideias

expressas nesse apocalipse³ provavelmente chegaram a Jerusalém por meio das comunidades judaicas residentes na Pérsia ou na própria Babilônia. Denunciavam os males da idolatria e os perigos que tal prática trazia à “verdadeira religião”, antecipando a intervenção divina na materialização de “um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo, mas que duraria para sempre” (Dan 2: 44).

Apocalipses envolviam experiências religiosas que revelavam ideias e conceitos inteiramente novos, percebidos sob uma perspectiva histórica regulada unicamente por Deus (GRUENWALD, 1980: 14). Tal percepção seria ainda mais evidente no material associado à vida e ao tempo de Daniel, que misturava eventos políticos e figuras do passado com o presente e o futuro dos impérios mundiais, conforme entendidos por seus autores. Intimamente relacionadas a uma crise histórica, suas visões não representavam, no entanto, uma mera reflexão dessa crise. Constituíam construções que permitiram a edificação das bases para a resistência ao helenismo, revelando ao povo judeu a dimensão do momento pelo qual passavam e assegurando, ao mesmo tempo, “que as forças do mal seriam inevitavelmente superadas por um poder mais alto” (COLLINS, 1998: 114). Fenômeno de interação entre tradição e inovação encontrado em quase todas as religiões (especialmente naquelas com forte compromisso histórico, como a judaica e a cristã), os apocalipses não devem ser considerados, contudo, como uma coleção de previsões e histórias a respeito do final dos tempos, mas como textos altamente complexos, utilizados ao longo da história para agregar interesses e propósitos diversos (McGINN, 1979: 3).

Narrativas de fundo religioso são de um modo geral indiferentes à verossimilhança histórica, mas seria lícito questionar-se o porquê desses textos não serem utilizados com mais frequência como fontes históricas legítimas. Tal questionamento torna-se ainda mais necessário se for levado em consideração o período compreendido entre os últimos séculos da Antiguidade e os primeiros do Medievo, onde “cada fragmento de informação precisa ser usado para a reconstrução de eventos”. Pela própria natureza do gênero, fato e profecia estão geralmente entrelaçados nos apocalipses, mas ainda assim é possível ao historiador levar a bom termo a tarefa de separá-los, desde que tome alguns cuidados preliminares. Datações, origens e ambientes sociais, os propósitos de quem os escreveu e o público para o qual foram escritos seriam, por exemplo, algumas das questões que poderiam ser

³ Do grego *αποκάλυψη* (“revelação”).

respondidas por aqueles textos, de modo a se “chegar a uma conclusão histórica para a qual a evidência de outras fontes narrativas fosse insuficiente” (ALEXANDER, 1968: 997-998).

Mesmo pertencendo a diferentes épocas e exibindo origens diversas, os apocalipses possuíam importantes pontos em comum, entre eles a concepção que a história era pré-determinada pela vontade de Deus, o pessimismo a respeito do presente e esperança de que a vitória do bem sobre o mal estaria definitivamente assegurada no futuro. Essa tradição, iniciada com os apocalipses judaicos do período do Segundo Templo, seria preservada nas três religiões abraâmicas e em quase todas as línguas⁴ em que essas tradições se enraizaram. O número desses textos aumentaria substancialmente a partir do séc. V, provavelmente sob o estímulo das profundas alterações surgidas no cenário político da fronteira romana oriental desde então (DITOMMASO, 2005: 10-11). Essa recorrente utilização do *Livro de Daniel* ao longo do tempo recomenda que uma avaliação crítica do *Apocalipse Siríaco de Daniel* inclua não só a análise do texto canônico,⁵ mas também a literatura cristã correlata, de modo a colocar na devida perspectiva tanto a sociedade da qual emergiu como também as circunstâncias que influenciaram sua redação. Uma vez que os primeiros cristãos foram judeus e foi essa tradição que os inspirou, o passo inicial para se alcançar esse objetivo seria tentar identificar a partir de que momento (e de que maneira) pessoas de diferentes origens e culturas passaram a assumir a literatura judaica como a sua própria.

O movimento que congregava aqueles que posteriormente viriam a ser conhecidos como cristãos, concentrado inicialmente em Jerusalém (Acts 2: 44-47), em breve se difundiu por todo o Império Romano, dando origem a um processo que iria proporcionar aos seus seguidores “uma sensação relativamente estável, amplamente compartilhada e socialmente incorporada, de quem eram e o que representavam” pelos dois séculos seguintes. A formação de tal identidade seria estimulada pela tendência dessas comunidades de se sentirem parte de um único povo, uma vez que as discordâncias e discrepâncias entre elas não seriam suficientes para superar o sentimento comum de envolvimento e dependência mútua. Essa coesão

⁴ Este tipo de literatura pode ser encontrado em hebraico, aramaico, grego, latim, siríaco, copta, árabe, farsi, turco, armênio, eslavônio antigo, inglês antigo, inglês médio, islandês antigo, irlandês antigo e em versões antigas do francês, italiano e alemão.

⁵ Do grego *κανόν* (régua), padrão contra o qual é medida a qualidade de alguma coisa.

seria também fortalecida pela convicção de estarem alienadas da ordem mundial, pois “se o mundo exterior as entendia como potencialmente perigosas”, também elas consideravam estar a ordem estabelecida “sob o domínio de poderes hostis a Deus e a Cristo” (NORRIS, 2004c: 71).

No entanto, não seria correto considerar nesses primeiros tempos que essas comunidades já professassem uma nova religião, uma vez que o cristianismo não se desenvolveu de modo paralelo à fé judaica, mas sim como uma corrente dentro do judaísmo do Segundo Templo. Não seria, portanto, possível atribuir uma data precisa para essa separação, embora pareça provável que cristãos e judeus já estivessem afastados à época da revolta de Bar Kochba (132–135 CE). A expulsão dos judeus de Jerusalém e a mudança do nome de Judeia para Palestina, medidas levadas a efeito como consequência dessa derrota colocaram, porém, a cristandade como um culto independente aos olhos de Roma, hostil aos seus deuses e contrária à ordem vigente. Aqueles que professavam a nova fé não deixariam, porém, de se reconhecer como herdeiros da mesma história cultuada pelos judeus, da qual se consideravam legítimos sucessores (NORRIS, 2004c: 79).

A maioria dos estudos sobre a origem da cristandade e suas relações com outros grupos religiosos esteve confinada por séculos aos limites ocidentais do Império Romano. Eusébio dá pouca ou nenhuma atenção às comunidades cristãs nas províncias romanas orientais em sua *História Eclesiástica* (a primeira narrativa cristã com pretensões historiográficas, escrita em torno de 325), praticamente ignorando aquelas situadas junto aos limites do Império Sassânida. O peso desse “modelo ocidental” e a grande influência que essa obra teve sobre a história da Igreja deixaram “a impressão que a cristandade constituiu um fenômeno restrito ao mundo cultural greco-latino, uma vez cortados os laços que o conectavam às suas raízes judaicas”, praticamente marginalizando uma terceira tradição, a cristandade siríaca (BROCK, 1992: 212).

Variante do aramaico, o idioma siríaco⁶ foi a língua franca do Oriente Médio durante quase todo o milênio que antecedeu as invasões árabes. Originário da região que tinha como centro cultural e comercial a cidade de Edessa,⁷ no noroeste da Mesopotâmia (onde as primeiras comunidades cristãs já estavam estabelecidas desde

⁶ O idioma siríaco pertence ao grupo do ramo aramaico das línguas semíticas e era falado no Oriente Médio do Mediterrâneo à Mesopotâmia e Assíria (a leste) e às fronteiras do Egito e Arábia (ao sul).

⁷ Edessa, atual Urfa, situa-se na região sudeste da Turquia moderna, 80 quilômetros a leste do rio Eufrates.

os sécs. II e III), foi por meio do siríaco que a maior parte da produção literária da cristandade oriental passou a ser transmitida a partir do séc. IV (MURRAY, 2006: 4).

Embora parte do mundo romano, muitos dos cristãos que tinham no siríaco sua língua nativa recusavam a concepção “bizantina” da religião, considerada como mais alinhada aos interesses do Estado que aos da Igreja. Descontente com os resultados do Concílio de Calcedônia,⁸ especialmente em relação à definição da natureza de Cristo, uma parte importante dessa população sentia-se perseguida e discriminada em função de suas convicções religiosas (PRICE, 2005: 1). A situação agravou-se à época em que Jacó Baradaeus⁹ foi bispo de Edessa (543–578), o que levou uma grande parte da comunidade que liderava a se afastar das diretrizes de Constantinopla, provocando uma ruptura no seio da Igreja. A conquista do Oriente Médio pelos árabes no século VII – que viria mudar para sempre a tradicional oposição entre os impérios Romano e Persa na região oriental do Mediterrâneo – “em nada ajudaria a abafar a controvérsia, pois estava claro para todos os envolvidos que era graças aos erros do lado oposto que a comunidade cristã estava sendo afligida daquela maneira” (PALMER, 1993: xxi).

O início do século VII foi de fato um marco de mudança para o império Bizantino e sinais que outros tempos haviam chegado podiam ser vistos e sentidos em todos os lugares. O latim fora substituído pelo grego como língua oficial do Império (WICKHAM, 2009: 90),¹⁰ a burocracia estava mais centralizada, os laços entre os negócios do Estado e da Igreja mais apertados e os surtos de praga (que fizera sua primeira aparição em 542 EC) haviam se tornado recorrentes. O “fim dos tempos” parecia estar próximo, e os conflitos religiosos se intensificavam à medida que Heráclio impunha medidas de concordância e uniformidade de crença a um império devastado pela guerra. Além disso, os árabes em breve conquistariam as províncias bizantinas orientais, as quais haviam sido recuperadas aos persas em 628. Uma após outra cairiam a Mesopotâmia, Síria, Palestina, Egito e a própria Constantinopla logo se veria ameaçada pelo que parecia uma irresistível onda muçulmana. A decisiva

⁸ O Concílio de Calcedônia, realizado em 451, definiu a dupla natureza de Jesus Cristo (divina e humana) como coexistindo em uma única pessoa e colocou Constantinopla em igualdade a Roma como autoridade em matéria de questões religiosas.

⁹ Jacó Baradaeus foi o principal responsável pela reorganização do miafisismo (divindade e humanidade estariam unidas na pessoa de Jesus Cristo em uma única natureza (sem separação, confusão ou alteração) no período pós-Calcedônia. Seus seguidores foram eventualmente chamados de jacobitas.

¹⁰ Justiniano, o Grande (527–565), foi o último imperador romano a ter o latim como sua primeira língua.

vitória dos bizantinos sobre os árabes na batalha naval travada nas vizinhanças de sua capital em 678 interromperia, porém, a invasão, e permitiu ao Império iniciar a uma renovação militar e administrativa que visava garantir sua sobrevivência (HALDON, 2007: 63-66).

Conquanto ainda enfrentasse problemas nos Balcãs, no norte da África e nos extremo oeste de seus domínios, Bizâncio conseguiu permanecer em firme controle da Ásia Menor e de praticamente toda a orla do mar Negro, preservando grande parte de sua enorme influência política e cultural sobre o mundo ao redor. Encravado entre o Oeste romano-germânico e o Leste muçulmano, transformou-se a partir do final do séc. VII num Estado grego de fato – não no sentido étnico ou em sua ideologia política, pois continuou a ser um Império multicultural herdeiro das tradições romanas, mas no que dizia respeito à cultura e à língua, não mais resistente ao progressivo processo de helenização, iniciado séculos antes.

A redução territorial e a reforma na máquina do Império trouxeram com elas a força política e unidade espiritual que não fora desfrutada anteriormente, mas nas antigas províncias orientais perdidas para os muçulmanos, a constante confrontação entre árabes e cristãos forçou a população nativa a reavaliar e proteger a infraestrutura da Igreja Ortodoxa Síria, incluindo “seu estatuto jurídico e base financeira, a necessidade de uma solidariedade social e um aumento da autoestima da comunidade e da disposição dos leigos em contribuir, tanto em termos humanos quanto financeiros para o clero” (PALMER, 1993: xiv). A mentalidade resultante dessas mudanças daria àquelas províncias uma perspectiva do mundo árabe completamente diferente daquela abraçada por Constantinopla, embora as duas comunidades provavelmente tivessem continuado a acreditar que a presença muçulmana na região seria temporária, como tantas outras de diferentes povos e credos, haviam sido anteriormente.

A produção literária siríaca, como um todo, também declinou nesse período e os escritos historiográficos somente sobreviveram em alguns poucos monastérios. As calamidades que caíram sobre praticamente todas as comunidades cristãs trouxeram com elas expectativas perturbadoras e o gênero apocalíptico voltou a florescer. Assim, não foi difícil para os autores daquela época retomar o uso da estrutura delineada no *Livro de Daniel* – baseado na sequência de impérios mundiais e da divisão da história em eras e milênios – para “colocar ordem no passado”, elaborar uma concepção de história que pudesse explicar a difícil situação do presente e manter vivas as esperanças da população cristã da região no futuro. Na tradição apocalíptica siríaca,

essa retomada apresentava características distintas, que podem ser assim sumarizadas: 1 – Não há apocalipses siríacos cujo tema seja as viagens ao além; 2 – O interesse na história, passada ou presente é importante; 3 – A relação com o helenismo, incluindo Bizâncio e Alexandre, é próxima; 4 – A maioria está relacionada às crises históricas do séc. VII (MARTINEZ, 1987: 339-340). No entanto, nenhum desses pontos pode ser identificado com segurança no texto do *Apocalipse Siríaco de Daniel*, nem mesmo as catástrofes do séc. VII (época presumível de sua composição), apesar da região ter servido como campo de batalha para as invasões sassânidas e árabes em sua primeira metade.

Provocando mais dúvidas que conclusões, a publicação no início da década passada de duas edições do *Apocalipse Siríaco de Daniel* por Slabczyk e Henze não despertou maior atenção do mundo acadêmico e não recebeu mais do que algumas poucas críticas e comentários. Contudo, esse apocalipse representa um testemunho da importância que os cristãos atribuíam aos seus laços de origem, comprovando que a teologia cristã, mesmo num período em que já se encontrava inteiramente separada de suas raízes judaicas, “jamais deixou de periodicamente restabelecer conexões importantes com essa tradição” (SALVESEN, 2003: 233).

CAPÍTULO 1

A Recepção do *Livro de Daniel* nos Primeiros Séculos da Cristandade

A literatura apócrifa referente a Daniel somente começaria a ser estudada de modo sistemático a partir do séc. XVIII, quando Johan A. Fabricius (1688–1736) incluiu alguns manuscritos que faziam referência a Daniel em seu *Codex pseudoepigraphus Veteris Testamenti*,¹¹ publicado em 1713. Procurando dar alguma sistematização ao seu *Codex*, Fabricius dispôs o texto da *Vita Danielis et Prophetia Apocrypha* (§223)¹² em duas colunas, com a versão em grego na primeira e a tradução em latim na segunda. Fabricius não deixou claro se essa lista representava uma escolha pessoal ou a totalidade dos escritos referentes a Daniel conhecidos até então, mas ainda que não incluísse uma análise crítica dos textos em seu *Codex*, este “viria a determinar o paradigma a partir do qual se desenvolveram praticamente todas as pesquisas subsequentes sobre este tipo de literatura” (DITOMMASO, 2005: 20).

Manuscritos, lendas e textos apócrifos dedicados a Daniel foram também agrupados e publicados pelo abade Jacques-Paul Migne (1800–1875) em seu *Dictionnaire des Apocryphes*¹³ quase 150 anos depois do trabalho pioneiro de Fabricius, do qual pouco difere. Assim, podem ser encontrados nas páginas de seu dicionário desde um manuscrito grego conservado na Biblioteca Bodleian, em Oxford, intitulado *As Visões de Daniel*, que abre o verbete dedicado ao profeta, como uma versão sem data da história de *Susana* encontrada em Troyes, cidade do interior da França, que o fecha (MIGNE, 1858: cols. 185-190). A primeira tentativa real de avaliar esses textos do ponto de vista verdadeiramente acadêmico partiu de Frédéric Macler (1869–1938), em sua tese intitulada *Les Apocalypses Apocryphes de Daniel*, apresentada em 1895. Nessa publicação, Macler reafirmava a importância do *Livro de Daniel*, ressaltando que “a inspiração apocalíptica proporcionada por ele não se esgotara na idade Média, mas continuava até os dias de hoje” (MACLER, 1895: 16).

A publicação de *Les Apocalypses Apocryphes* coincidiu com o lançamento, na Alemanha, da monografia de Wilhelm Bousset (1865–1920) sobre as origens e desenvolvimento da figura do Anticristo, logo traduzida para o inglês sob o título *The Antichrist Legend: A Chapter in Jewish and Christian Folklore*.¹⁴ Incorporando os poucos apócrifos de Daniel conhecidos à época, *The Antichrist Legend* tornou-se um divisor de águas no entendimento da especulação escatológica da literatura apócrifa dos primeiros séculos de nossa era. Conquanto não tenha se alongado em fazer uma

¹¹ *Coleção de pseudoepígrafos do Antigo Testamento*.

¹² *A Vida de Daniel e Apócrifos Proféticos*.

¹³ *Dicionário de Apócrifos*.

¹⁴ *A Lenda do Anticristo: um capítulo no folclore judaico e cristão*.

análise crítica desses apocalipses, Bousset procurou desenvolver uma metodologia que comprovasse algum tipo de relação entre eles. A importância desse trabalho não o livrou, contudo, de ser responsabilizado pela formação do consenso equivocado que os textos referentes a Daniel escritos em outras línguas não passariam de “versões diferentes do mesmo original grego” (DITOMMASO, 2005: 22- 23).

Não menos importante que *The Antichrist Legend* foi a coleção publicada por Louis Ginzberg (1873–1953) entre 1909 e 1938, *The Legends of the Jews*,¹⁵ cuja postura metodológica, especialmente na organização do material referente a Daniel, foi completamente diferente daquela adotada por Bousset. Na tentativa de “construir uma síntese de várias interpretações”, Ginzberg teria “coletado material de todas as fontes possíveis, utilizando-as sem maiores preocupações cronológicas”, muito embora talvez resida nessa grande latitude “a maior virtude de seu trabalho” (VERMES, 1973: 1). Estruturadas em torno dos mesmos personagens e desenvolvidas na exata sequência em que aparecem na Bíblia, *The Legends* contêm uma notável relação de notas explicativas as quais, se não suficientes para torná-la uma obra acadêmica, não deixam de representar uma rica fonte de pesquisa para os textos relacionados a Daniel.

Mais recentemente, Klaus Berger (1940–) publicou *Die Griechische Daniel-Diegesis, Eine Altkirchliche Apokalypse*,¹⁶ o qual inclui alguns textos apócrifos judaicos e cristãos, além de comentários sobre a figura do Anticristo e Gog e Magog, temas recorrentes nos apocalipses do período bizantino. Paul J. Alexander, por sua vez, utilizou uma combinação de achados históricos e filológicos para procurar determinar épocas, lugares e circunstâncias da composição de cada um dos textos incluídos em *The Byzantine Apocalyptic Tradition*,¹⁷ publicada em 1985. Ao avaliar *Pseudo-Metódio* e diferentes versões de outros apocalipses, esse autor também se deteve na análise dos personagens escatológicos já estudados anteriormente por Bousset, como Gog e Magog, além do Anticristo. Para Alexander, a contribuição mais importante da tradição apocalíptica estaria na “utilização e reutilização desses textos como expressão do pensamento político e religioso dos contemporâneos daqueles períodos” (ALEXANDER, 1985: 8).

Nessa mesma época James H. Charlesworth (1940 –) deu início à publicação

¹⁵ *As Lendas dos Judeus.*

¹⁶ *A história grega de Daniel: um apocalipse da Igreja Primitiva.*

¹⁷ *A tradição apocalíptica Bizantina.*

de *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*,¹⁸ uma extensa compilação de textos atribuídos a figuras do Antigo Testamento. Editada inicialmente em dois volumes, entre 1983 e 1986, continha traduções para o inglês de quase meia centena de textos associados à apocalíptica, entre eles um conhecido como o *Apocalipse de Daniel*, de origem bizantina tardia (séc. IX).

A literatura apócrifa relacionada a Daniel despertou novos interesse a partir do final do último quartel do século XX, quando Hans Schmoldt submeteu sua tese de doutorado *Die Schrift 'Vom jungen Daniel' und 'Daniels letzte Vision'. Herausgabe und Interpretation zweier apokalyptischer Texte*¹⁹ à Faculdade Teológica de Hamburgo (SCHMOLDT, 1972). Conquanto tenha tido o inegável mérito de apresentar, analisar e traduzir textos apocalípticos do siríaco para o alemão, essa tese não foi, contudo, publicada até os dias de hoje. Um segundo apocalipse de origem siríaca – *O Apocalipse Siríaco de Daniel* – viria a ser traduzido em esperanto por Miron Slabczyk e em inglês por Matthias Henze e publicado em 2000 e 2001, respectivamente.

Uma análise sistemática da totalidade do *corpus* da literatura daniélica incluindo comentários sobre aqueles produzidos na Antiguidade tardia e alta Idade Média (muitos deles praticamente desconhecidos até então) só viria a ser publicada, porém, em 2005, por Lorenzo DiTommaso. *The Book of Daniel and the Apocryphal Daniel Literature* não inclui os textos propriamente ditos, mas é o primeiro trabalho acadêmico a comentar – ainda que de forma genérica –, a relação entre o *Livro de Daniel* e as formas, conteúdo e significado de cada um dos demais textos a ele relacionados (DITOMMASO, 2005: 15).

1. O Livro de Daniel

Considerado o único exemplo verdadeiro de um apocalipse na Bíblia Hebraica,²⁰ o *Livro de Daniel* apresenta uma série de dificuldades que há muito desafiam e estimulam a perspicácia de seus pesquisadores, entre elas os embaraços às referências históricas e a falta de coincidência da divisão linguística com sua forma e datação. Embora considerado como a mais importante contribuição da literatura

¹⁸ *A Pseudoepígrafa do Velho Testamento: Literatura Apocalíptica e Testamentos.*

¹⁹ *Os escritos do 'Jovem Daniel' e 'A última visão de Daniel'. Apresentação e interpretação de dois textos apocalípticos.*

²⁰ A “Bíblia hebraica” refere-se à coleção impressa do texto massorético do cânone judaico (*Tanakah*).

religiosa do período intertestamental ao cânone judaico,²¹ tal adição provavelmente não ocorreu por alguém chamado Daniel ter sido mencionado em Ezequiel como um herói de um passado remoto,²² mas porque “círculos anônimos, tanto na diáspora quanto em Judá [...] encontraram neste livro uma mensagem especial a qual parecia essencial para seu auto-entendimento religioso” (KOCH, 2001: 421-422).

Redigido em duas línguas distintas – cuja relação é, no entanto, bastante próxima, hebraico e aramaico,²³ característica pouco usual e não encontrada noutros livros bíblicos à exceção de Esdras – o *Livro de Daniel* parece ser o resultado de um processo de adição e edição de textos que incorporaram épocas e tempos diversos.²⁴ Sua forma final foi provavelmente alcançada durante a perseguição religiosa promovida por Antíoco IV Epifânio,²⁵ mas seus seis primeiros capítulos parecem anteceder esse período e muito provavelmente foram acrescentado aos demais durante a crise dos Macabeus pelo autor ou compilador dos demais (caps. 7-12). A leitura desses últimos revela que o responsável final pelo livro demonstra, além de um bom conhecimento dos períodos persa e neobabilônico, algum conhecimento histórico, especialmente no cap. 11, onde são tratadas as chamadas “guerras sírias” (GRABBE, 2001: 230).

A versão eventualmente adotada pelas Escrituras hebraicas²⁶ faria parte, portanto, de “um ciclo muito mais amplo de textos relacionados a Daniel em hebraico, aramaico e grego na era helenística, alguns dos quais provavelmente circularam em mais de uma versão ou foram preservados em formas reelaboradas e ou em línguas que podem não corresponder às originais” (DITOMMASO, 2005: 4). A existência de tais variantes explicaria a existência do material adicional encontrado nas traduções (prece de Azarias; cântico dos três jovens) e adições gregas (Susana; Bel e o dragão), mas ausentes do texto canônico hebraico. Independentemente de sua forma de composição, o *Livro de Daniel* constitui um texto político, em que a continuidade da história do mundo flui, sob a supervisão de Deus, em uma sucessão contínua de

²¹ O *Livro de Daniel* foi incorporado ao cânone entre os sécs. I e II EC.

²² “Mesmo que estes três homens, Noé, Daniel e Jó estivessem no meio deles, se salvariam em virtude de sua própria justiça, diz o Senhor Deus”. (Ezek 14:14)

“Veja, você é mais sábio que Daniel! Não há segredo que possa ser ocultado de você”! (Ezek 28:3)

²³ Hebraico: capítulos 1:1 a 2:4a; 8 a 12. Aramaico: capítulos 2:4b a 7:28.

²⁴ A data e origem do texto começaram a ser objeto de contestação já a partir do séc. III EC, por Porfírio (ca.234–ca.305), que o identificou como obra de um autor que teria vivido à época de Antíoco Epifanes e não na do exílio babilônico. Apenas fragmentos de seus questionamentos sobrevivem, refutados por Jerônimo.

²⁵ Entre 168 e 165 AEC.

²⁶ Usualmente chamado de “massorético”, devido à padronização da vocalização e acentuação (*masorah*) ocorrida entre os sécs. VII e X EC.

impérios estrangeiros por um período de quatro séculos, do Babilônico, passando pelo Persa e Macedônico, ao Selêucida e Lágida. Aceito por judeus e cristãos, o livro não deixa também de ser também um divisor de águas entre essas duas religiões, especialmente em relação à controversa recepção do tema relacionado ao “Filho do Homem” (MILLAR, 1997: 103).²⁷

O livro conta a história de um jovem judeu (Daniel) exilado após a queda de Jerusalém no começo do séc. VI AEC, sua habilidade em interpretar sonhos e resolver mistérios e sua ascensão à posição de principal conselheiro de Nabucodonosor, o todo poderoso rei da Babilônia. A primeira parte do livro é formada por uma narrativa em seis capítulos sobre os acontecimentos em que Daniel e seus três amigos são envolvidos nas intrigas da corte do rei e de seus sucessores. Escrita na terceira pessoa do presente, a narrativa tem início quando “no terceiro ano do reinado de Joaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio a Jerusalém e a cercou”.²⁸ Vencedor, Nabucodonosor retorna à sua capital levando consigo, além do tesouro e utensílios do Templo, alguns “jovens de famílias nobres” (Dan 1:3), entre eles Daniel, Ananias, Misael e Azarias. No segundo capítulo Daniel adivinha e explica um sonho que perturbara o rei, interpretando a gigantesca estátua construída com diferentes materiais²⁹ e destruída por uma pedra como uma sequência de impérios que terminaria com o advento do reino de Deus (Dan 2:31-45). O foco da narrativa passa para Ananias, Misael e Azarias no capítulo três. Por recusarem-se a adorar uma estátua de ouro, são lançados por Nabucodonosor a uma fornalha, mas não se queimam graças à ajuda de um quarto personagem, cuja “aparência é como a do Filho de Deus” (Dan 3:25).

No capítulo seguinte o rei pede que Daniel interprete um novo sonho, no qual um anjo lhe ordena que corte uma bela árvore que crescia “no centro da terra”, tire sua folhagem e espalhe seus frutos, mas que mantenha sua raiz. O anjo também anunciara que essa árvore deveria ser acorrentada na relva do campo, molhada pelo orvalho do céu e passar a conviver com os demais animais daquele campo por sete anos, com “o coração de uma fera” (Dan 4:7-14). Daniel explica que a árvore representava o próprio rei, o qual estava destinado a se afastar do convívio dos homens e a viver como um animal por sete anos devido à sua soberba em não

²⁷ “Eu vi, nas visões noturnas, [alguém] como o Filho de Homem vindo com as nuvens do céu”. (Dan 7:13)

²⁸ Dan 1:1.

²⁹ A estátua tinha cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés parte de ferro e parte de barro.

reconhecer Deus como o único responsável pelo sucesso de seu reinado. Nabucodonosor somente recuperaria o domínio sobre seu reino depois de sete anos se passarem. A interpretação dada por Daniel mais uma vez se confirma, Nabucodonosor recupera o domínio sobre seu reino no tempo estabelecido e reconhece o poder do deus de Daniel.

O tema do quinto capítulo é o banquete oferecido por Baltazar, sucessor de Nabucodonosor, à nobreza do reino, utilizando para tal os utensílios tomados por seu antecessor do Templo, em Jerusalém (Dan 5:2-4). Depois de beberem o vinho dessas taças percebem a presença de uma mão que escreve palavras ininteligíveis na parede do palácio real, deixando todos aterrorizados. Aconselhado pela rainha, Baltazar convoca Daniel, que justifica o acontecido pelo fato do rei, ao contrário de seu pai, haver se mostrado arrogante diante de Deus e bebido, juntamente com seus nobres e concubinas, das taças do Templo (Dan 5:18-23). Esta foi a razão da mão ter escrito na parede as palavras *mene, mene, tekel, upharsin*,³⁰ interpretadas por Daniel como “Deus numerou seu reino e o trouxe ao fim, foste pesado na balança e achado em falta, seu reino foi dividido e entregue aos medas e persas” (Dan 5:24-28). Baltazar morre naquela noite e Dario, o Medo, assume o trono.

Daniel é colocado por Dario à frente dos negócios do reino e mais uma vez é vítima de intrigas. Pressionado pelos babilônios, que alegam haver Daniel desobedecido a um decreto que proibia a adoração de homens ou deuses por trinta dias (Dan 6:7-10) à exceção do próprio rei, Dario o atira à cova dos leões (Dan 6:17). No dia seguinte, o rei se dirige ao local e chama por Daniel, que ileso informa que seu deus o salvara das feras por meio de um anjo, que lhes fechara as bocas (Dan 6:23). O capítulo seis termina com Dario exortando “todos os povos, nações e línguas a temer e temer diante do deus de Daniel” (Dan 6:26-27).

A segunda metade do texto corresponde ao apocalipse propriamente dito: contém revelações sobre o futuro intermediadas por um anjo e nela não há menção à situação de Daniel junto à corte ou de seus amigos. Relatada na primeira pessoa, foi com quase toda certeza composta posteriormente à primeira e data das perseguições de Antíoco IV Epifânio, entre 167–164 AEC. (COLLINS, 2001: 2)

³⁰ As raízes dessas palavras significam “contar”, “pesar” e “dividir”, respectivamente. Unidades usadas como moedas ou pesos também são derivadas dessas mesmas raízes: um *mina* equivalia a 60 *shekels* (siclos) e um *pheres* à metade de uma *mina*: “[...] vinte siclos mais vinte e cinco siclos mais quinze siclos farão uma mina” (cf. Ezek 45:12).

O sétimo capítulo constitui uma transição entre as duas partes, ligando-se à primeira pela língua e semelhança com o segundo capítulo e à segunda, pelo assunto e associação com o oitavo. Nele, Daniel sonha com quatro bestas diferentes, a mais terrível delas com dez chifres. Elas representam “quatro reis que se levantarão da terra”.³¹ Neste capítulo está descrita também a visão do “Antigo dos Dias” e a “do Filho do Homem” (Dan 7:9;13). O capítulo seguinte retorna à visão descrita no que o antecedeu de modo mais explícito. Descreve Alexandre de modo alegórico, seus feitos e sua morte, a partilha de seu império, a ascensão de Antíoco IV Epifânio e as iniquidades cometidas por este contra o “povo de Deus”, as quais são interpretadas pelo anjo Gabriel (Dan 8:16).

O nono capítulo se passa no primeiro ano do reinado de Dario, “da raça dos medos”.³² Após confessar as transgressões cometidas por Israel contra Deus, Daniel mais uma vez recebe uma visão do anjo Gabriel, informando que a pena para seu povo e sua cidade expiar seus pecados havia sido fixada em setenta semanas, ao final da qual seria instalada a justiça eterna. No décimo capítulo Daniel é informado que o “tempo da cólera” se aproxima, descrito em detalhes no capítulo seguinte.³³ No décimo segundo e último, Daniel é admoestado a “guardar em segredo essas palavras” (Dan 12:4) e manter “lacrado o livro até o tempo do fim”, quando receberá “a sua parte” (Dan 12:13).

2. O Livro de Daniel na Tradição Judaica

Provavelmente a mais antiga literatura relacionada ao *Livro de Daniel* corresponda às chamadas *Adições Gregas* (ausentes do texto massorético, mas presentes na LXX) e aos quatro textos encontrados entre os manuscritos do mar Morto,³⁴ identificados como 4Q242 (*A prece de Nabonido*), 4QPseudo-Daniel^{a-b} (4Q243/244), 4QPseudoDaniel^c (4Q245) e 4QApócrifo de Daniel (4Q246). Todos esses textos datam do período do Segundo Templo e foram compostos originalmente em hebraico ou aramaico.

³¹ Dan 7:17.

³² “No primeiro ano de Dario, filho de Artaxerxes, da raça dos medos, o qual foi feito rei do reino dos caldeus”. (Dan 9:1)

³³ Este último narra as campanhas empreendidas pelos reino Selêucida e Lágida durante as chamadas “guerras sírias” (sécs. III e II AEC).

³⁴ Entre os manuscritos do mar Morto foram encontrados oito fragmentos do livro de Daniel equivalentes ao texto massorético.

As *Adições Gregas* são contos textualmente independentes do texto massorético e tanto a história de Susana quanto a de Bel e o Dragão – caps. 13 e 14 nas bíblias grega e latina – têm um personagem chamado Daniel como ator principal. Fazem também parte dessas adições o *Salmo de Azarias* e o *Cântico dos Três Jovens*, correspondendo à interpolação dos versos 24-90 no corpo do cap. 3 do texto daniélico dessas mesmas bíblias.

A *Prece de Nabonido* conta, de forma semelhante à descrita pelo *Livro de Daniel*,³⁵ como o rei Nabucodonosor foi curado por um exorcista judeu, “após ouvir a verdade e arrepender-se de seus pecados”, de uma doença que o afligia há sete anos. Já no texto do fragmento 4Q*Apócrifo de Daniel* (4Q246)³⁶ alguém (Daniel?) explica a um rei sua visão a respeito da guerra entre Egito e Assíria e a vinda de um novo conquistador, obedecido por todos e autointitulado “Filho de Deus”. Mas a guerra continuaria durante seu mando e a paz só seria alcançada quando chegasse o verdadeiro Deus,³⁷ cujo domínio sobre a humanidade seria eterno (VERMES, 1997: 573):

As palavras da prece proferidas por Nabunai, rei da t[erra da Ba]bilônia, [o grande] rei, [quando foi afligido] com uma úlcera maligna em Teiman por ordem do [Deus Altíssimo]. Eu fui afligido [com uma úlcera maligna] por sete anos e um exorcista perdoou meus pecados. Ele era um judeu dentre [os filhos dos exilados de Judá e ele disse] “Ponha isso por escrito para [glorificar e exaltar] o nome do [Deus Altíssimo]”. E eu escrevi isso]: Eu fui afligido por uma úlcera [maligna] em Teiman [por ordem do Deus Altíssimo]. Por sete anos rezei aos deuses de prata e ouro, [bronze e ferro], madeira, pedra e argila, pois [acreditava] que eram deuses... (4Q242)

[o espírito de Deus] habitou nele e ele prostrou-se diante do trono. Ó rei [...] uma grande opressão cairá sobre a terra ... um grande massacre nas províncias ... o rei da Assíria e do Egito ... ele será grande sobre a terra ... fará com que todos o sirvam. Ele se proclamará filho de Deus e como filho do Altíssimo será chamado. O reino deles será como as fagulhas da sua visão. Reinarão por anos sobre a Terra e todos serão pisoteados. Pessoas irão pisotear pessoas (cf. Dan 7: 23) e uma província a outra, até o povo de Deus se levantar e todos depuserem as espadas. O reino destes será um reino eterno (cf. Dan 7:27) e todos os seus caminhos serão na verdade [...] (4Q246)

³⁵ Cf. Dan 4.

³⁶ Também conhecido como o manuscrito do “Filho de Deus”.

³⁷ Cf. Dan 7.

Daniel foi considerado um profeta por Josefo (37–ca.100), em suas *Antiguidades Judaicas*. Seu comentário sobre o sonho de Nabucodonosor³⁸ no livro 10 daquela coletânea deixava claro que Roma, feita de ferro, seria substituída do império de Alexandre, feito de bronze (GRABBE, 2001: 238-239):

[...] mas outro rei que virá do oeste, armado com bronze, destruirá aquele governo; e outro governo, que deverá ser semelhante ao ferro, colocará um fim ao poder do anterior e terá domínio sobre toda a Terra, em razão da natureza do ferro, o qual é mais forte que o ouro, a prata e o bronze. Daniel também esclareceu o significado da pedra para o rei, mas não considero adequado discorrer sobre isso, uma vez que assumi apenas o compromisso de descrever as coisas passadas ou presentes, mas não o futuro; mesmo assim, se alguém estiver tão desejoso em conhecer a verdade, a ponto de não afastar tais pontos de curiosidade e não poder conter sua inclinação para a compreensão das incertezas do futuro, e se vão acontecer ou não, que seja diligente na leitura do livro de Daniel, que ele encontrará entre os escritos sagrados. (Ant. 10.10.4)

Josefo, sem explicitá-la, considerava certa a queda de Roma no futuro, pois esse seria o desejo de Deus, de acordo com Daniel. Tais expectativas escatológicas estariam também evidentes em 4 *Ezra* e 2 *Baruch*, dois outros textos escritos após a queda do Segundo Templo (70 EC) e que guardam uma forte relação de dependência entre si.

4 *Ezra*, composto originalmente em hebraico (ou talvez em aramaico) na Judeia à época de Domiciano (81–96 EC), foi preservado fora da tradição judaica, como atesta seu modo de transmissão. O texto original teria sido traduzido para o grego e a partir daí transmitido por diversas igrejas cristãs para o latim, siríaco, etiópico, georgiano, árabe, armênio e cóptico. As versões em latim, por sua vez, teriam dado origem a traduções secundárias para a maioria dessas mesmas línguas, além de outras, como eslavônico, grego moderno e novamente hebraico. Neste aspecto, 4 *Ezra* não seria uma exceção, uma vez que a maioria da literatura judaica do período do Segundo Templo só teria conseguido sobreviver fora de sua tradição (STONE, 1990: 1-9).

Nem por isso 4 *Ezra* deixa de pertencer à mesma tradição apocalíptica da qual Daniel faz parte. A descrição da visão da águia, por exemplo, associa a quarta besta de Dan 8 a Roma, do mesmo modo que “o homem que saiu do coração do mar”

³⁸ Cf. Dan 2.

baseia-se, aparentemente, na figura do “Filho do Homem”, descrita em Dan 7 (GRABBE, 2001: 238):

Esta é a interpretação da visão que você viu: a águia que você viu saindo do mar é o quarto reino que apareceu numa visão para seu irmão Daniel. Mas ela não foi explicada para ele como eu vou te explicar agora a você. Veja, os dias [finais] estarão vindo quando um reino, mais terrível que todos os outros antes dele, surgir na Terra. (4Ez 12:10-14)

E assim ele disse: A quarta besta será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos. Ele devorará a terra inteira, a pisoteará e a quebrará em pedaços. (Dan 7:23)

E após sete noites eu sonhei um sonho à noite: veja, o vento levantou-se do mar e agitou todas as suas ondas. E eu olhei e veja, o vento fez com que alguma coisa como a figura de um homem saísse do coração do mar. E eu olhei e veja, aquele homem voou com as nuvens do céu [...] Quanto a você ter visto um homem sair do coração do mar, esse é aquele a quem o Altíssimo vem mantendo por muitas épocas, quem irá libertar sua criação e comandar aqueles que forem deixados. (4Ez 13:1-3; 26-27)

E continuava contemplando, nas visões noturnas, e eis que [um] como o Filho do Homem veio com as nuvens do céu, chegou-se ao Antigo dos dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem: seu domínio [é] um domínio eterno, que não passará, e o seu reino não será destruído. (Dan 7:13-14)

Tal como 4 *Ezra*, o texto original de 2 *Baruch*, hoje desaparecido, teria sido composto em hebraico e traduzido para o grego, mas diferentemente daquele, sobreviveu apenas em sua versão siríaca. Diversas evidências sugerem que data das décadas seguintes à destruição do Segundo Templo, o que talvez explique as muitas similaridades com 4 *Ezra*, embora estas não sejam suficientes para determinar a direção da dependência entre ambos (STONE, 1990: 39). Ainda que o número de referências ao Antigo Testamento nesta obra seja pequeno, são até certo ponto surpreendentes os muitos paralelos com o Novo, especialmente com as epístolas Paulinas (KLIJN, 1983: 619).

2 *Baruch* não mostra dependência especial com Dan, mas a “visão da água com diferentes tonalidades” antecipa a revelação de um Messias e “ilustra a contínua perspectiva escatológica” de seu autor (GRABBE, 2001: 238):

Portanto, ouçam a exposição das últimas águas escuras as quais virão após elas. Esta é a palavra. Veja, os dias estão chegando e acontecerá quando o tempo do mundo estiver maduro e a colheita das sementes dos maus e dos bons tiver chegado [...] E acontecerá que todo aquele que quiser salvar a si mesmo e escapar de todas as coisas que foram ditas antes – tanto aqueles que venceram quanto os que foram vencidos – que tudo será entregue nas mãos de meu Servo, o Messias. Pois toda a Terra devorará seus habitantes. (2Br 70:1-2; 9-10)

O fracasso das campanhas judaicas contra Roma em 67–73 e 132–136 EC, com suas drásticas consequências, viria a trazer na prática o fim às expectativas escatológicas do povo de Israel. Não há, por exemplo, referências literárias a Daniel na *Mishnah*,³⁹ embora a possibilidade da vinda de um messias tenha sido posteriormente reintroduzida na literatura rabínica.⁴⁰

3. O Livro de Daniel na Tradição Cristã

A rápida expansão e as acomodações necessárias à própria sobrevivência dentro do império romano viriam a modificar significativamente o pensamento apocalíptico das primeiras comunidades cristãs. Confrontada pela demora da chegada da Parúsia,⁴¹ e ainda que formada “no mesmo cadinho das tradições apocalípticas judaicas”, a apocalíptica cristã daria início no séc. II à “criação de novos cenários para o drama que se desenrolaria ao final dos tempos”, perdendo as preocupações históricas características dos textos judaicos produzidos no período intertestamental.

Entre os principais componentes desse processo encontravam-se o desenvolvimento da figura do Anticristo, a revitalização do tema das idades do mundo e a valorização do milenarismo (McGINN, 1979: 16-18). A modificação do estilo dos apocalipses intensificaria o foco no presente e no futuro imediato, uma vez que o(s) autor(es) de um apocalipse cristão escrevia(m) sob uma perspectiva cronológica diferente da judaica. Afinal, a vinda do messias já havia acontecido e o exemplo de Cristo, especialmente seu sofrimento e morte, estava disponível como fonte de inspiração para o visionário. Contudo, os valores éticos presentes nesses apocalipses não foram muito diferentes dos que os antecederam. Tanto quanto aqueles que

³⁹ A *Mishnah* é considerada a primeira obra da literatura rabínica e corresponde à transcrição das tradições orais judaicas. Foi redigida no início do séc. III EC.

⁴⁰ Essa possibilidade será discutida brevemente nas considerações finais desta tese.

⁴¹ Do grego *παρουσία* (“presença”).

professavam a fé judaica, “os cristãos também procuraram expressar naqueles textos os medos e esperanças que os atormentavam” (COLLINS, 1998: 278).

O Livro de Daniel não deixou de continuar a influenciar a consciência coletiva de judeus e cristãos, embora apenas uma pequena proporção da literatura referente àquele livro tenha sido composta nos quatro primeiros séculos da cristandade. Datam dessa época os primeiros comentários de estudiosos como Hipólito de Roma, Porfírio e Jerônimo, que procuraram garantir em seus escritos que as eventuais novas interpretações da “mensagem original” não deixariam também de exibir a “marca apostólica de autenticidade” (BATEMAN, 2011: 10-13).

3.1 *O Novo Testamento*

Os primeiros líderes cristãos provavelmente escreveram suas obras não como uma alternativa às escrituras judaicas, mas como uma maneira de preservar o pensamento de Deus revelado por meio das palavras de Cristo. Com o passar do tempo, os textos dos Evangelhos e epístolas escritos pelos apóstolos assumiram um lugar de primazia em relação aos demais escritos e se tornaram a parte central do cânon cristão. Este cânon passou a ser levado ao conhecimento de todos os povos possíveis, procurando manter, porém, seu formato original à medida que se difundia.

Era por meio de cartas que o mundo helenístico romano se comunicava, à época do surgimento da Cristandade. Geralmente escritas por escribas, tratavam dos mais variados assuntos pessoais ou comerciais e representavam pelo menos para os mais cultos, o modo predominante de transmissão de exortações e conselhos, algumas vezes “acompanhados pela exposição de alguma doutrina filosófica de fundo moral, psicológico ou cosmológico”. Esses escritos podiam ser publicados e eventualmente “funcionar como pequenos tratados” (NORRIS, 2010: 12).

Foi nesse formato que a maioria dos livros do NT foi escrita e seus textos mais antigos, atribuídos a Paulo,⁴² datam dos anos 50 e 60 EC. Tratavam de assuntos práticos e doutrinários, geralmente relacionados às igrejas recém-criadas e diferenciavam-se do estilo das cartas helenísticas convencionais basicamente na maneira que refletiam a origem judaica e a fé cristã de seu autor. Eram dirigidos a públicos diversos em diferentes situações, mas ensinamentos apocalípticos

⁴² Das 14 cartas do Novo Testamento atribuídas a Paulo, apenas 1Thes, 1-2Cor, Phil, Phlm, Gal e Rom são consideradas inquestionavelmente genuínas.

importantes já estavam presentes na *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*, provavelmente escrita em 51 EC:

Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de leva-los em sua companhia. [...] Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o senhor. Consolai-vos uns aos outros com essas palavras. (1Thes 4: 14-18)

Da mesma forma, ecos do *Livro de Daniel* também podiam ser encontrados na tradição paulina, como nos seguintes versos da *Segunda Epístola aos Tessalonicenses*:

Ele que é um adversário, e exalta-o mesmo acima de tudo que é chamado Deus e Venerável, de modo a também se sentar no Templo de Deus como um Deus, e mostrando a si mesmo como se fosse Deus. Não vos lembrais de que quando estava convosco eu disse essas coisas? (2Thes 2:4-5)

E o rei agirá de acordo com sua vontade e exaltará a si mesmo e se colocará acima de todos os deuses [...] e falará coisas inauditas contra o Deus dos deuses e no entanto prosperará [...] pois é a si mesmo que ele exaltará acima de tudo. (Dan 11:36)

Também fazendo parte do Novo Testamento e escritas algumas décadas depois, mas no mesmo estilo das anteriores, encontram-se as *Epístolas aos Hebreus* e a *Primeira de São Pedro*, ambas de autoria anônima e focadas em temas já presentes na literatura paulina. São também dessa época as três epístolas atribuídas a João, em quem a tradição identifica o autor do quarto e último dos evangelhos canônicos. O mais provável, porém, é que essas obras representem o produto de uma “escola” e não de um indivíduo, o que explicaria melhor suas diferenças e afinidades de estilo e vocabulário. Algumas das divergências internas que agitavam a Igreja no início do séc. II, possivelmente provocadas pelas diversas correntes nela abrigadas podem ser encontradas em duas outras cartas que fazem parte dos textos canônicos: em *Judas*,⁴³ que denuncia aqueles que “transformam a graça de Deus em lascívia” e na *Segunda*

⁴³ Cf. Jude 1:4.

Epístola de São Pedro,⁴⁴ que repreende aqueles que “seguem fábulas habilmente engendradas” (NORRIS, 2010: 15).

Além de cartas, outro gênero literário, o evangelho,⁴⁵ foi bastante utilizado no período inicial da Igreja. O termo, originalmente aplicado exclusivamente às narrativas da vida e do destino de Jesus, eventualmente passou também a identificar diversos tipos de textos da nova fé. Os quatro evangelhos canônicos foram considerados por Irineu de Lyon como sendo da autoria de Mateus, Marcos, Lucas e João, e por esses nomes são desde então, conhecidos:

Pois, após nosso Senhor ressuscitar dos mortos, (os apóstolos) foram investidos do poder das alturas quando o Espírito Santo desceu (sobre eles); estavam cheios de todos (os Seus dons) e tinha conhecimento perfeito: eles partiram para os confins da terra, pregando as boas novas das boas coisas (enviadas) por Deus para nós, e proclamaram a paz celestial para os homens, os quais, na verdade, fazendo tudo igual e individualmente, possuem o evangelho de Deus. Mateus também emitiu um Evangelho entre os Hebreus, escrito em sua própria língua, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando em Roma, lançando as bases da Igreja. Depois de sua partida, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também nos entregou, por escrito, o que havia sido pregado por Pedro. Lucas, também companheiro de Paulo, registrou em um livro o Evangelho pregado por ele. Depois, João, o discípulo do Senhor, que também havia se inclinado sobre Seu peito, publicou ele mesmo um Evangelho durante sua permanência em Éfeso, na Ásia. (AH 3.1.1)

O *Evangelho segundo São Marcos*, possivelmente o mais antigo deles, teria sido escrito ainda à época de Pedro e forma, juntamente com os atribuídos a Mateus e Lucas, os chamados “Evangelhos Sinóticos”, devido à relação literária entre eles ser bastante próxima. Já o *Evangelho segundo São João*, escrito um pouco mais tardiamente, difere dos demais tanto na cronologia quanto nos detalhes da vida de Jesus. Os quatro evangelhos abrem os livros do Novo Testamento e neles as citações a Daniel resumem-se ao “Filho do Homem” (Dan 7:13), concentradas nos textos dos três primeiros:⁴⁶

⁴⁴ Cf. 2Pt 1:16.

⁴⁵ Do grego *εὐαγγέλιον* (“boa nova”).

⁴⁶ O texto apocalíptico atribuído a Jesus pelos sinóticos é chamado de *Pequeno Apocalipse* ou *Discurso Apocalíptico* e contém trechos de Mk 13, Mt 24-25 e Lk 21.

E então verão o “Filho do Homem” vindo entre nuvens com grande poder e glória. (Mk 13: 26)

E ele, Jesus, disse para ele: “Eu sou”. E vereis o “Filho do Homem” sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu. (Mk 14:62)

E então será visto o sinal do “Filho do Homem” no céu: e todas as tribos da Terra irão se lamentar quando virem o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. (Mt 24:30)

E então verão o “Filho do Homem” vindo do numa nuvem com poder e grande glória. (Lk 21: 27)

“Eu vi, nas visões noturnas, e veja, [um] como o “Filho do Homem” veio com as nuvens do céu”. (Dan 7:13)

Embora possa ser tecnicamente considerado uma carta “endereçoada às sete igrejas da Ásia”,⁴⁷ o *Apocalipse de João* é o principal representante desse gênero no Novo Testamento. Aparentemente escrito à época das perseguições religiosas promovidas por Domiciano (81–96 EC), corresponde basicamente a uma serie de visões descritas por um autor que se identifica como João. Embora considerado “o apocalipse por excelência”, o texto constituiu-se num “centro de controvérsias dos primeiros tempos da cristandade” e só veio a ser aceito pelas igrejas orientais a partir do séc. VI (McGINN, 1979: 12-13).

Os frequentes paralelismos com o *Livro de Daniel* encontrados no *Apocalipse de João* atestam, no entanto, a persistência e a importância daquela matriz nos livros do Novo Testamento (EVANS, 2001: 526):

E eu vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta [...] E eu vi os mortos, grandes e pequenos, de pé, diante do trono; e os livros foram abertos. (Rev 20: 11-12)

Eu olhei até que os tronos fossem colocados e o Antigo dos Dias se assentasse [...] Milhares de milhares o serviam e dez mil vezes dez mil estavam diante dele: o julgamento estava pronto e os livros foram abertos (Dan 7: 9-10)

E eu vi tronos e eles [os santos] neles se sentaram e poder de julgar foi entregue a eles. (Rev. 20:4)

⁴⁷ Cf. Rev. 1:4.

Até que o Antigo dos dias veio, e o julgamento foi entregue aos santos do Altíssimo. E chegou o tempo que os santos possuíram o reino. (Dan 7: 22)

E o sétimo anjo tocou e houve vozes e trovões, que disseram: O reino do mundo tornou-se [o reino] do Nosso Senhor e do seu Messias; e ele reinará para sempre (Rev. 11:15)

E foi entregue a ele o domínio, a glória e o reino e todos os povos nações e línguas servirão a ele [...] e seu reino jamais será destruído. (Dan 7:14)

3.2 *Os Padres da Igreja*

3.2.1 Justino, o Mártir

Justino (ca.100–165), citado tanto por Irineu quanto por Eusébio, é considerado o autor de numerosos livros, tratados, discursos, apologias e diálogos, dos quais apenas duas apologias e um diálogo (*Diálogo com Trypho*) têm sua autenticidade confirmada. No *Diálogo*, Justino exalta as virtudes do cristianismo sobre a religião judaica e utiliza Dan 7:9-28 para convencer Trypho, um personagem judeu provavelmente ficcional, que Jesus é o Messias prometido pelas Escrituras (SETZER, 1994: 135):

“Se tão grande poder se seguiu e ainda está se seguindo à dispensação de Seu sofrimento, quão maior será aquele [poder] que se seguirá ao seu glorioso advento! Pois ele virá sobre as nuvens como o Filho do Homem, conforme predisse Daniel, e seus anjos virão com Ele” [...] E quando terminei, Trypho disse: “Estas e escrituras como tais, senhor, obrigam-nos a esperar por ele, que como o Filho do Homem, recebe o reino eterno do Antigo dos dias”. (DialTrypho 31-32)

3.2.2 Irineu de Lyon

Irineu de Lyon (ca.130–ca.200) foi um aplicado estudioso dos escritores cristãos que o precederam e personagem principal nos debates da Igreja a respeito do Gnosticismo, movimento considerado por ele como uma ameaça real à sobrevivência da Igreja. Irineu foi o primeiro autor da Igreja a manifestar um interesse maior em Daniel, registradas naquela que é considerada sua obra mais importante, *Adversus*

Haereses.⁴⁸ Escrita em cinco volumes por volta do ano 190, dela sobrevivem alguns fragmentos no original grego e uma tradução em latim, preservada em sua totalidade. A ressurreição da carne é o tema central do quinto volume dessa coleção, especialmente em relação à escatologia e ao destino final da humanidade. O *Livro de Daniel* é citado *ipsis verbis* por Irineu (OEGEMA, 2006: 3-4):

A quarta fera será o quarto reino sobre a terra, o qual suplantará todos os demais e devorará toda a terra, e pisará sobre ela e a quebrará em pedaços. E seus dez chifres são dez reis que virão; e depois deles virá outro, que superará em malefícios tudo que foi feito antes dele. (AH 5. 25.3)

Afirmando que o poder mundano não pode ser considerado simplesmente uma ferramenta nas mãos de Satanás, mas sim como a maneira criada por Deus para “limitar o mal”, Irineu segue a mesma linha para falar do Anticristo:⁴⁹

E não só por conta das indicações já mencionadas, mas também por meio dos eventos que irão ocorrer ao tempo do Anticristo, está demonstrado que sendo ele um apóstata e ladrão, está ansioso para ser adorado com um Deus; e que, embora um mero escravo, deseja ser proclamado rei. Pois ele [Anticristo] estando revestido com todo o poder de Satanás, virá não como um rei justo, nem como rei legítimo, obediente a Deus, mas como um [rei] impiedoso, injusto e sem lei. (AH 5, 25,1)

3.2.3 Clemente de Alexandria

Pouco se sabe da vida de Clemente (ca.150–ca.215), o qual teria nascido em Atenas, mas passado a maior parte de sua vida em Alexandria. Aparentemente bom conhecedor da filosofia helenística, deve-se a Eusébio a maior parte das informações conhecidas a respeito de sua obra. *Stromata*⁵⁰ é seu trabalho mais longo e importante a sobreviver. Como o próprio título indica, o texto corresponde “a uma longa série de divagações intencionais, de modo a forçar o leitor a usar sua imaginação para entendê-lo” (HEINE, 2010: 118). No livro 1 dessa coleção Clemente usa Daniel ao comparar as leis e instituições judaicas com as gregas:

⁴⁸ *Contra as Heresias*.

⁴⁹ Conquanto o termo “Anticristo” seja cristão, a imagem de um governante “antidivino”, por assim dizer, já se encontrava presente tanto na Bíblia Hebraica (Dan 2: 7-9) quanto nos textos apócrifos da época do Segundo Templo, como 4Ez 11;12 e 2Br 39.

⁵⁰ Do grego *στρώματα* (“retalhos”, “miscelâneas”).

Do cativeiro na Babilônia, que teve lugar no tempo de Jeremias, o profeta, se cumpriu o que foi dito pelo profeta Daniel como se segue: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa, para cessar a transgressão, selar os pecados, acabar com a iniquidade e trazer a justiça eterna”. (Strom 1.21.329)

Clemente menciona também a *Epístola de Barnabas*, obra aparentemente composta nas décadas situadas entre a destruição do Segundo Templo e a revolta de Bar Kochba. Endereçada aos “filhos e filhas”, seu autor procurava “dissociar a cristandade do judaísmo, mostrando que a *Torah*,⁵¹ se entendida como uma alegoria, teria um sentido cristão” (NORRIS, 2010: 15).

O texto da *Epístola de Barnabas* apoia-se claramente em Dan quando trata do “final dos tempos”:⁵²

[...] Para a este efeito, o Senhor abreviou os tempos e os dias, de modo que seu amado pudesse e se apressar e se apossar de sua herança. O profeta também falou desta maneira: “Dez reinos reinarão sobre a Terra, e se levantará depois deles um pequeno rei que humilhará três reis sob um”. E do mesmo modo, Daniel falou sobre esse: E vi a quarta besta, má e mais forte do que todos os animais da terra; e eu vi como cresceram dela dez chifres, e dentre eles um chifre pequeno, crescendo ao lado, e como ele humilhou sob um, três dos grandes chifres. (Barn 4:3-5)

3.2.4 Orígenes

Orígenes (ca.185–ca.253), considerado um dos mais controversos “Padres da Igreja”, nasceu em Alexandria, onde teria sido aluno de Clemente (OEGEMA, 2006: 6). Embora escritor prolífico, Orígenes não chegou a comentar o *Livro de Daniel* diretamente, mas tratou de temas como “o fim dos tempos” e o “Anticristo” em seu último tratado, *Contra Celsum*, preservado em grego em sua totalidade. Celso havia criticado, décadas antes,⁵³ o baixo *status* social dos cristãos e a falta de participação de suas comunidades nos assuntos políticos e militares de Roma. Orígenes apoiou-se “tanto na Bíblia quanto nos filósofos e poetas gregos” para contestar Celso (HEINE, 2010: 127):

⁵¹ O termo *Torah* (lit. “ensino”, “doutrina” ou “instrução”) é usualmente utilizado para designar os primeiros cinco livros das escrituras hebraicas (*Pentateuco*).

⁵² Dan 7:7-24.

⁵³ A crítica teria sido feita na obra intitulada *A Verdadeira Doutrina*, escrita entre 170–180 AEC, a qual sobreviveu apenas nas citações feitas por Orígenes.

Também a profecia relacionada ao Anticristo é demonstrada no livro de Daniel, e está colocada de maneira a fazer um leitor inteligente e sincero admirar as palavras como verdadeiramente divinas e proféticas, pois nelas está relatado o reino vindouro, começando com os tempos de Daniel e continuando até a destruição do mundo. E quem quiser pode lê-las. (CtCel 6:46)

3.2.5 Tertuliano

Tertuliano de Cartago (ca.160–ca.225) foi o primeiro autor cristão a escrever em latim e sua vida pode ser traçada com relativa precisão por meio de sua obra. Convertido ao cristianismo por volta de 193, cerca de três dezenas de seus tratados sobrevivem, entre eles escritos apologéticos e anti-heréticos. *Adversus Marcionem* é o mais longo e talvez o mais importante, uma vez que Tertuliano considerava o marcionismo⁵⁴ “a mais perigosa das heresia contra a fé” (HEINE, 2010b: 133). Neste texto Tertuliano utiliza passagens do *Livro de Daniel* para defender seu ponto de vista:

E agora, se Cristo for descrito em Daniel por este mesmo título de Filho do Homem? Isso não é suficiente para provar que Ele é o Cristo da profecia? [...] Foi ele que foi visto com seus mártires pelo rei da Babilônia na fornalha: “o quarto, que era como o Filho do Homem”.⁵⁵ Ele também foi expressamente revelado ao próprio Daniel “como o Filho do Homem, vindo das nuvens do céu”⁵⁶ como um juiz, como também mostram as Escrituras. (AM 4,10,359)

3.2.6 Hipólito de Roma

Hipólito foi um dos mais enigmáticos autores dos primórdios da Igreja e as dúvidas em relação à sua identidade são tão numerosas quanto as desconfianças atribuídas à autoria de sua obra. A tradição o situa, todavia, como nascido em Roma ao final do século II e morrido martirizado em 235, na Sardenha.

Commentarium in Danielelem, um dos mais antigos textos cristãos a chegar integralmente à atualidade, foi escrito durante as perseguições de Sétimo Severo no início do séc. III, momento em que houve um aumento das expectativas sobre a

⁵⁴O marcionismo tinha afinidades com o gnosticismo, entre elas a crença que Jesus era essencialmente um espírito divino que tinha aparecido aos homens na forma, mas não num corpo físico verdadeiro de um ser humano.

⁵⁵ Dan 3:25.

⁵⁶ Dan 7:13.

aproximação do “final dos tempos”. Hipólito em seu comentário procurou demonstrar que o final não estava ainda à vista, identificando na visão das quatro bestas descritas em Dan 7, quatro reinos históricos:

E então, quando uma besta diferente foi mostrada ao abençoado profeta Daniel e foi mostrado que era diferente das demais, é necessário para nós considerar que ele não comenta qualquer das bestas como meros animais, mas como um modelo e uma imagem que retratam os impérios que surgiram no mundo, do mesmo modo que ele retrata as bestas destruindo a humanidade. (ComDan 4.2.1)

Hipólito descreve os primeiros três impérios como Babilônia (a leoa),⁵⁷ Pérsia (o urso) e Grécia (o leopardo) e descreve a quarta besta, “o atual Império Romano, que reina atualmente”, da seguinte maneira:

Mas agora, a poderosa besta não é uma única nação, mas uma de muitas línguas, que congrega nela mesma, homens de muitas raças, os quais são preparados como um exército na linha de batalha e todos são chamados romanos, embora nem todos sejam de um único país. (ComDan 4,8,7)

Mas também deixa claro que o fim virá conforme previsto por Daniel, uma vez que Roma representa as pernas de ferro da estátua compósita do sonho de Nabucodonosor (Dan 2:31-33):

Depois deles os gregos dominaram, começando com Alexandre da Macedônia, por trezentos anos, sendo eles o bronze. Depois deles os romanos, que são as pernas de ferro da imagem, sendo fortes como o ferro. (CommDan 2.12.4-5)

Como Irineu antes dele, Hipólito também usou o livro de Daniel para responder questões relativas à vinda do Anticristo e à segunda vinda de Cristo. Em seu tratado *De Anticristo*, obra anterior ao *Commentarium*, Hipólito mistura passagens apocalípticas do Antigo e Novo Testamentos:

Quanto à besta vindo da terra, ele quer dizer o reino do Anticristo; e os dois chifres representam ele próprio e o falso profeta depois dele. E

⁵⁷ Tanto Hipólito quanto Jerônimo trataram erroneamente a primeira besta como sendo uma leoa.

falando dos “chifres serem como o cordeiro, ele quer dizer que ele fará a si próprio como o Filho de Deus e se apresentará como rei”. E a expressão “ele falou como um dragão” significa que ele é traiçoeiro e não merece confiança. (Anti:49)

[...] e o mundo inteiro finalmente se aproximando da consumação final, o que resta, a não ser a vinda do céu do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, por quem temos aguardado com esperanças? Que trará a conflagração e o justo julgamento sobre aqueles que se recusaram a nele acreditar. (Anti:64)

3.2.7 Cipriano de Cartago

Cipriano (ca. 200–258) foi bispo de Cartago de 248 até sua morte, período em que a Igreja foi vítima de seguidas perseguições por parte de sucessivos imperadores romanos⁵⁸ e a cidade assolada por surtos de praga. Mesmo vivendo em uma época extremamente conturbada, deixou copiosa produção literária, em sua maioria “endereçada a ocasiões específicas, o que permite datá-las com precisão” (HEINE, 2010b: 153).

Em *Adversus Judaeos*, Cipriano faz menção a vários profetas do AT, comentando “que os judeus não iriam entender as Sagradas Escrituras, mas essas seriam inteligíveis ao final dos tempos, depois da vinda de Cristo”:

Em Isaías: “E todas estas palavras serão para você como as palavras de um livro que está selado, o qual se você der a um homem que conhece letras para lê-lo, lhe dirá: Não posso ler, pois está selado. Mas naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e os que estão nas trevas e na névoa, seus olhos o verão”. Também em Jeremias: “No último dos dias sabereis essas coisas”. E em Daniel, além disso: “Protegei as palavras e selai o livro até o momento da consumação, até que muitos aprendem, e o conhecimento seja cumprido, pois quando houver a dispersão, saberão todas estas coisas”. (AdvJud 3,4)

3.2.8 Lactâncio

Lactâncio (ca.240–ca.320) foi conselheiro de Constantino, o Grande, o primeiro imperador cristão romano (306–337) e tutor de seu filho, Crispo. Entre seus trabalhos merece destaque *De Mortibus Persecutorum*,⁵⁹ escrito pouco depois do fim

⁵⁸ Décio (249–251), Galo (251–253) e Valeriano (253–259).

⁵⁹ *A Morte dos Perseguidores*.

do período da “grande perseguição” (303–313). Nele, Lactâncio descreve em detalhes os diferentes modos encontrados por Deus para punir os diversos imperadores que tentaram dizimar a cristandade. Esse texto, além da precisão histórica, “corresponde ao primeiro registro feito por um conhecedor das noções cristãs a respeito do envolvimento de Deus na história da humanidade e na realidade das práticas políticas” (NICHOLSON, 2010: 261-262).

Datam dessa mesma época as *Divinarum Institutionum*,⁶⁰ obra que tinha a intenção de mostrar às pessoas o mundo sob a perspectiva cristã. Considerado seu trabalho mais importante, foi escrito em sete volumes, dos quais o último explicava como ao final dos seis mil anos da história da humanidade, os justos desfrutariam de um milênio de felicidade. É interessante notar que Lactâncio considerava Diocleciano (245–311) o imperador que anunciaria o “fim dos tempos”, os quais começariam pela invasão do “inimigo vindo do norte”:

Então se levantará um poderoso inimigo dos limites extremos da região norte, que depois de ter destruído os três que deverão então estar na posse da Ásia, será admitido à aliança pelos outros, e será constituído príncipe de todos. Ele incomodará o mundo com sua intolerável tirania, misturará coisas divinas e humanas, inventará coisas ímpias e detestáveis para contar, e engendrará novos projetos em seu peito, de modo a estabelecer um governo para si mesmo. Mudará as leis e fará a sua própria; irá contaminar, pilhar, despojar e condenar à morte. E por fim, tendo o seu nome alterado e a sede do governo transferida, resultará a confusão e a perturbação da humanidade. Então, na verdade, um tempo detestável e abominável virá, em que a vida não será agradável para nenhum dos homens. (7 DivInst 16:3-9)

Essa passagem é claramente inspirada em Dan 7, com Diocleciano assumindo o papel atribuído à quarta besta:

Então ele disse: “A quarta besta será o quarto reino sobre a terra, que será diferente de todos os reinos”. Ela devorará a terra inteira, a pisoteará e a quebrará em pedaços. E os dez chifres deste reino (são) dez reis que surgirão: e outro se levantará depois deles; e este será diferente do primeiro e subjugará três reis. E proferirá insultos contra o Altíssimo e porá à prova os santos do Altíssimo e tentará mudar costumes e leis: e eles serão entregues em suas mãos por um tempo, tempos e metade de um tempo. (Dan 7: 23-25)

⁶⁰ *As Instituições Divinas.*

Diocleciano, de fato, se qualificava para representar esse papel – vindo do norte, tornou-se Imperador na Ásia, dividiu o poder, mas preservou sua hierarquia, considerava-se favorito de Júpiter, fez de Nicomedia sua capital e mudou o próprio nome (DIGESER, 2012: 149-150).⁶¹

3.2.9 Eusébio de Cesareia

Dono de uma grande erudição, Eusébio (ca.265–339), bispo de Cesareia, comentou praticamente todos os livros bíblicos, mas é mais conhecido por ter sido o autor da *Historia Eclesiástica* (ca.324), a primeira narrativa historiográfica da Igreja:

[...] Sou o primeiro a me aventurar em um projeto como este e a seguir o que é de fato um caminho solitário e inexplorado, mas rezo para que possa ter Deus a me guiar [...] Quanto aos homens, não consegui encontrar pegadas claras daqueles que passaram por essa trilha antes de mim; apenas traços, os quais, de diferentes maneiras, nos deixaram relatos particulares dos tempos em que viveram”. (HE 1.1.4)

Escreveu também apologias, crônicas e eulogias, notadamente *Vita Constantini*,⁶² que deixou incompleta. Eusébio foi ordenado bispo logo depois da vitória de Constantino sobre Maxicêncio, data que marca o início da tolerância religiosa no Império Romano e uma mudança significativa na relação entre a Igreja e as autoridade imperiais (LOUTH, 2010b: 267). Eusébio interpretou a seu modo a periodização do tempo em semanas feita por Daniel (Dan 9:24-27) e considerou em *Demonstratio Evangelica*⁶³ que as profecias daquele livro já haviam há muito sido cumpridas (GRABBE, 2001: 241):

Setenta vezes sete semanas foram determinadas sobre seu povo e sua cidade santa para terminar as transgressões e dar um fim aos pecados, para perdoar as iniquidades e trazer a justiça eterna, para cumprir a visão dos profetas e dar o santíssimo ao Messias. (Dan 9:24)

Como este está diante de nossos olhos, mesmo agora, é extraordinário que os judeus sejam ousados o suficiente não só para se recusar a ver o que é claro, mas também cegos e obscurecidos em suas mentes para

⁶¹ Diocleciano nasceu na Dalmácia e chamava-se Diocles antes de tornar-se imperador. Nicomedia (atual Izmit, na Turquia) é vizinha a Constantinopla.

⁶² *Vida de Constantino*.

⁶³ *Demonstração do Evangelho*.

não serem capazes de perceber o claro e evidente cumprimento das Sagradas Escrituras. (DmEvg 8.2.404)

3.2.10 Atanásio

Atanásio (296–373), bispo de Alexandria e de quem pouco se sabe a respeito de sua infância e juventude, é considerado o mais proeminente teólogo do século IV. Conhecido por sua firme obediência às resoluções do concílio de Niceia (325), sua produção literária encontra-se preservada predominantemente na forma de cartas. As mais conhecidas são as chamadas *Cartas Festivas*, “escritas a cada ano para anunciar a data da Páscoa e preparar o povo e o clero para sua comemoração” (LOUTH, 2010: 276). Foi numa dessas cartas, referente ao ano 367 e conhecida como *Epístola Festiva 39: em relação às divinas Escrituras*, que pela primeira vez foram mencionados os textos que viriam a formar o cânon do Novo Testamento:

Há, então, do Antigo Testamento, vinte e dois livros em número [...], a sua respectiva ordem e nomes sendo da seguinte forma: o primeiro é o Gênesis, depois Êxodo, em seguida, Levítico, depois desse, Números e Deuteronômio. Na sequência desses há Josué, filho de Nun, em seguida, Juízes, então Ruth. [...] Depois desses, há o livro de Salmos, os Provérbios, em seguida Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Segue-se Jó, em seguida os Profetas, os doze profetas menores sendo contados como um só livro. Então Isaías, um livro, [...] depois Ezequiel e Daniel, cada um com um livro. Até agora, esses constituem o Antigo Testamento. Novamente, não é tedioso falar dos livros do Novo Testamento. São eles: os quatro Evangelhos, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Após estes, os Atos dos Apóstolos e as sete epístolas chamadas Católicas: de Tiago, uma; de Pedro, duas; de João, três; depois dessas, uma, de Judas. Além disso, há quatorze epístolas de Paulo, o apóstolo, escritas nesta ordem: a primeira, aos romanos; então, duas para os Coríntios; após esses, aos Gálatas; em seguida, aos Efésios; então, aos Filipenses; então, aos Colossenses; depois desses, duas aos Tessalonicenses e aquela aos hebreus; e novamente, duas a Timóteo, uma a Tito e, por último, a Filêmon. E, além disso, o Apocalipse de João. (EF 39: 4-5)

3.2.11 Jerônimo

Jerônimo (347–419), conhecido por ter sido o principal tradutor do Novo Testamento para o latim, foi também o autor de um catálogo que lista em ordem cronológica a partir de São Pedro, todos aqueles “que haviam deixado alguma coisa

escrita a respeito das Escrituras sagradas”. Pouco modesto, Jerônimo dedica o último capítulo de *De Viris Illustribus*⁶⁴ à sua própria obra e nele consta sua autobiografia (VESSEY, 2010: 318).

Jerônimo não considerava seus “comentários” propriamente um gênero literário, mas sim um trabalho metódico, no qual os temas eram abordados na mesma sequência e lógica dos originais. Esse tipo de abordagem pode ser melhor avaliada quando comenta o *Livro de Daniel* e interpreta suas previsões apocalípticas “do fim da história” como se referindo primariamente à confrontação do indivíduo com a própria morte (DALEY, 1991: 101-102).

Jerônimo não só tomava as palavras da Bíblia de forma bastante literal como também acreditava que o mundo aproximava-se inexoravelmente do fim. Para ele, “a chegada do Anticristo estaria próxima”, conforme atesta sua resposta às dúvidas colocadas por Porfírio sobre a historicidade das profecias de Daniel:

Porfírio escreveu seu décimo segundo livro contra as profecias de Daniel, negando que foi composto pela pessoa a quem é atribuído no título, mas sim por algum indivíduo vivendo na Judeia à época de Antíoco, por sobrenome Epifânio. Alegou, além disso, que “Daniel” não previu o futuro do modo como descreveu o passado e o que ele falou até o tempo de Antíoco era verdadeiro, enquanto qualquer coisa que porventura tivesse dito depois daquele ponto era falso, na medida em que ele não poderia conhecer de antemão o futuro [...] Mas na medida em que não é nosso propósito responder às falsas acusações de um adversário [...] gostaria de sublinhar em meu prefácio este fato, que nenhum dos profetas falou tão claramente a respeito de Cristo como este profeta Daniel. Pois ele não só afirmou que Ele viria, uma previsão comum aos outros profetas, como também esclareceu o tempo em que Ele viria. Além disso, ele passou, na ordem, por vários reis no fim, declarou o número real dos anos envolvidos e anunciou, de antemão, os mais claros sinais dos eventos vindouros. E porque Porfírio viu que tudo aquilo tinha sido cumprido e não podia negar que tivesse ocorrido, superou essa prova de precisão histórica refugiando-se nesta desculpa, alegando que o que estava predito sobre o Anticristo ao final do mundo havia sido, na verdade, cumprido no reinado de Antíoco Epifânio, por conta de certas semelhanças com as coisas que tinham acontecido em sua época. Mas mesmo este ataque somente atesta sua precisão: pois foi tão marcante a confiabilidade do que o profeta predisse, que ele não poderia aparecer para os incrédulos como um previsor do futuro, mas sim um narrador de coisas já passadas. (Com.Dan.Pr: 491: 617-619)

⁶⁴ *Sobre Homens Ilustres.*

3.3 *A Literatura Siríaca*

Pouco se sabe a respeito da disseminação da cristandade entre as populações dos limites orientais do Império Romano⁶⁵ que falavam aramaico ou uma de suas variantes. A literatura mais antiga desses grupos é constituída, em sua quase totalidade, por textos anônimos cuja data e origem não podem ser estabelecidas com precisão, fundamentalmente em razão da ausência de fontes históricas confiáveis anteriores ao séc. IV EC. Assim, a maioria das obras que podem ser identificadas – com a notável exceção das atribuídas a Bardesanes – têm registro daquela data em diante, quando os cristãos já se encontravam firmemente estabelecidos na região (BROCK, 1992: 212-13).

Pertencem a esse século “os escritos que melhor caracterizam a cultura literária siríaca num período em que ainda estava relativamente não helenizada”: as obras de Aphrahat e Efrem, autores quase contemporâneos que viveram em lados opostos à linha divisória entre os limites dos impérios Romano e Sassânida:⁶⁶ o primeiro a leste, o segundo a oeste (BROCK, 2010b: 362).

Mas foi somente a partir do séc. V que a literatura da região passou a refletir, ao lado de uma maior influência do mundo grego, as controvérsias produzidas no interior da sociedade siríaca pelo Concílio de Calcedônia. Datam do final desse período as homilias de Jacó de Serugh (451–521) e os trabalhos em prosa de Filoxeno de Mabbug (ca. 440–523), conhecido pela elaboração de uma versão da Bíblia siríaca que leva seu nome.

3.3.1 Bardesanes

Educado em Edessa, na corte de Abgar VIII e com bom conhecimento sobre a cultura grega, Bardesanes (154–222), foi o primeiro autor cristão conhecido a escrever em siríaco. Bardesanes foi, contudo, considerado um autor herético, uma vez que sua “visão a respeito de certos tópicos, tais como a criação, não se alinhava com o que posteriormente emergiu como sendo a ortodoxia cristã” (BROCK, 2010: 162).

Embora escrevesse em versos a maior parte de seus trabalhos, seria por meio

⁶⁵ Região que corresponde aproximadamente ao sudeste da Turquia moderna e à totalidade dos territórios dos atuais Estados da Síria, Líbano, Jordânia e Israel.

⁶⁶ O império Sassânida sucedeu o Parta em 224 EC.

da prosa de um pequeno texto, o *Livro das Leis dos Países*,⁶⁷ que Bardesanes viria a se tornar um dos responsáveis pela divulgação das ideias filosóficas e teológicas do mundo grego contemporâneo na cultura siríaca. Nessa obra, uma discussão focada no conceito do livre arbítrio escrita no estilo dos diálogos platônicos, Bardesanes responde a diversas questões e objeções colocadas por seus estudantes. Provavelmente escrito por um de seus discípulos, mas tendo nele próprio seu personagem principal, o *Livro das Leis* atribui um conceito completamente diferente daquele atribuído em Daniel (Dan 7:13-14) à expressão “Filho do Homem”, considerada por Bardesanes como relativa a um ser humano normal:

Que você possa entender, no entanto, o que é natural e o que é liberdade. Vou explicar melhor isto para você; é da natureza do *filho do homem* que ele nasça e cresça e se torne adulto e gere filhos e envelheça, enquanto comendo, bebendo e dormindo e acordando; e que ele morra. (BLC: 726)

A leitura das *Leis dos Países* dá indícios que o processo de helenização da região possivelmente se fez de duas maneiras: pelo aproveitamento de um gênero literário grego por excelência (diálogo), dirigido a um pequeno, mas educado grupo de leitores e de outro de origem local, *madrāšē* (hino),⁶⁸ mais adequado às grandes audiências. Sugere também que a fé cristã já se encontrava estabelecida na área sob a influência de Edessa à altura do início do séc. III, o que vale dizer que traduções da maioria dos livros do Antigo e do Novo Testamento para o idioma local⁶⁹ estariam disponíveis para a população naquela época (BROCK, 2010: 163).

3.3.2 Afrahat

Conhecido como o “sábio persa”, Afrahat (ca.270–ca.345) escreveu tanto em poesia quanto em prosa e suas vinte e três *Demonstrações* encontram-se entre os textos mais conhecidos de sua produção literária. Escrita em prosa entre 337 e 343, a primeira metade desse trabalho trata majoritariamente dos diversos aspectos da vida cotidiana dos cristãos (entre eles o hábito de jejuar e orar), enquanto a segunda

⁶⁷ Conhecido na versão grega sob o título *Diálogo sobre o Destino*.

⁶⁸ A *madrāšē* corresponde a uma mistura de elementos poéticos derivados da tradição folclórica e das Escrituras, dispostos em estrofes compostas por versos de diferentes métricas.

⁶⁹ O conjunto dessas traduções é conhecido como *Peshitta*, equivalente a “simples”, no idioma siríaco. Na *Peshitta*, o AT teria sido traduzido diretamente do hebraico, enquanto o NT teria vindo do grego. Algumas das epístolas católicas (2Pt; 2, 3 Jn, Jude) bem como Rev não constavam do NT até meados do séc. V.

preocupa-se com as relações destes com o judaísmo, com as práticas nem sempre éticas de algumas autoridades eclesiásticas (Dem. 14) e com o início de perseguições religiosas em terras pertencentes ao Império Sassânida (BROCK, 2010b: 362-363).

Algumas de suas reflexões teológicas sobre os acontecimentos políticos da época estão descritas na *Quinta Demonstração: Sobre as Guerras*. Neste texto Afrahat utiliza o *Livro de Daniel* com o objetivo de transmitir uma mensagem tranquilizadora para a comunidade cristã que vivia na Pérsia, submetida às crescentes pressões aplicadas pelo imperador sassânida Shapur II (309–379), aparentemente em resposta à alegação de Constantino (272–337) de “haver sido enviado por Deus para salvar o mundo inteiro da opressão e miséria” (BARNES, 1985: 131).

O texto foi provavelmente adaptado por Afrahat para deixar claro, tanto aos governantes persas quanto à sua audiência cristã, que a interpretação da história, conforme manifestada em *Daniel*, poderia ser concretizada ainda em seus próprios dias (MORRISON, 2007: 56).

Mais uma vez o carneiro levantou-se e foi exaltado, e avançou com seus chifres para o oeste, e para o norte, e para o sul, e humilhou muitas feras. E elas não podiam fazer frente a ele, até que o bode veio do oeste e feriu o carneiro, e lhe quebrou os chifres e humilhou o carneiro completamente. Mas o carneiro era o rei da Média e da Pérsia, isto é, Dario, e o bode era Alexandre, o filho de Filipe, o Macedônio. (Dem V: 5).

Mas vós, que são exaltados, não deixais que o orgulho do seus corações os engane, nem diga: vou contra a rica terra e contra a poderosa besta. Pois aquela besta não vai ser morta pelo carneiro, já que seus chifres estão quebrados, pois o bode quebrou os chifres do carneiro.⁷⁰ Agora, o bode tornou-se a poderosa besta. Pois, quando os filhos de Jafé tinham o reino, eles mataram Dario, rei da Pérsia. Agora, a quarta besta engoliu a terceira. E a terceira era composta pelos filhos de Jafé e a quarta composta pelos filhos de Shem, pois eles são os filhos de Esaú. Porque, quando Daniel teve a visão das quatro bestas, ele viu primeiro os filhos de Ham, os descendentes de Nimrod, que são os babilônios, em segundo lugar, os persas e medos, que são os filhos de Jafé, e em terceiro lugar, os gregos, os irmãos dos medos, e em quarto lugar, os filhos de Shem, que são os filhos de Esaú. Pois uma união foi formada entre os filhos de Jafé e os filhos de Shem. Então, o governo foi tirado dos filhos de Jafé, o mais jovem, e foi dada a Shem, o mais velho, e até hoje ele continua e continuará para sempre. Mas quando o tempo da consumação do domínio dos filhos de Shem vier, o

⁷⁰ Cf. Dan 7:7.

Senhor, que veio dos filhos de Judá, receberá o reino, quando vier pela segunda vez. (Dem V: 10)

E ele mostrou que nos dias daqueles reis, que se levantarão nos reinos, o Deus do céu estabelecerá um reino que jamais será destruído e durará para sempre.⁷¹ Este é o Reino do Rei Messias, o qual é aquele que fará com que o quarto reino passe. (Dem V: 14)

3.3.3 Efrem, o Sírio

Efrem (ca.306–ca.373), vivia em Nisibis, nas vizinhanças da fronteira oriental do império Romano, a qual sofria constante mutação em sua época⁷². Autor de copiosa produção literária, sua fama devia-se, em grande parte, ao uso da poesia em sua obras, principalmente na forma de *madrāšê*, estilo poético já utilizada por Bardesanes no passado e com igual sucesso, para popularizar seus ensinamentos (BROCK, 2010b: 364).

Efrem também possui uma extensa obra em prosa, principalmente tratados direcionados a refutar os ensinamentos de pensadores gnósticos – Marcião, Mani e até mesmo Bardesanes – e comentários sobre livros bíblicos, tanto do Antigo (*Genesis* e *Êxodo*) como do Novo Testamento (*Atos* e *Epístolas Paulinas*), esses últimos preservados apenas em uma tradução para o armênio (BROCK, 2010b: 364-365).

Efrem combina o *Livro de Daniel* com a sua própria visão da Bíblia e faz inúmeras referências a Daniel em seus *Hinos contra Juliano*, uma pequena coleção de discursos poéticos descrevendo as ações e eventos que levaram à morte o imperador Juliano na Pérsia, em 363. Neles, Efrem considerava o imperador o “modelo de um homem orgulhoso” e sua morte, perto da Babilônia, nada mais seria que a confirmação do paralelo existente entre ele e Nabucodonosor (MCVEY, 2002: 258).

A maneira como relata a visão em Dan 8 e seus comentários sobre a vontade de Juliano em se tornar um novo Alexandre ao dar início à sua campanha contra a Pérsia, são encontrados nas estrofes finais do Hino 1 (GRIFFITH, 1987: 251):

O rei, o rei de Babilônia, voltou para o campo.
Ele o deixou louco, para lembrar a si mesmo;
Ele o enlouqueceu, para voltar aos seus sentidos.

⁷¹ Cf. Dan 2:44.

⁷² O Império Sassânida, sob Shapour II, esteve em guerra contra o Romano entre 337–350 e 358–363 EC. Efrem foi morador de Nisibis (cercada pelos persas em 338, 346 e 350), mudando-se para Edessa em 363, quando aquela foi entregue definitivamente aos persas por Joviniano.

Ele regozijou Deus, e alegrou Daniel.
O rei, o rei da Grécia, foi considerado culpado.
Ele havia enfurecido Deus, e desacreditado Daniel.
E, portanto, em Babilônia foi julgado e condenado.
(CntJul 1:18-20)

3.3.4 Jacó de Serugh

A partir do final do final do séc. V a agenda teológica e literária da cristandade de língua grega passou a influenciar de forma crescente a siríaca, a ponto de alterar a tradição exegética baseada na segunda (BROCK, 2010b: 269). Essa influência está presente na obra de Jacó de Serugh, composta em grande parte por homilias em forma de versos,⁷³ uma “adaptação tipicamente siríaca da narrativa poética” (BROCK, 2010b: 369). Conhecidas como *memré*, uma sequência de versos do mesmo comprimento que rimam aos pares, frequentemente descreviam temas e passagens bíblicas, embora também se prestassem à liturgia e à hagiografia.

Jacó, que viveu cerca de 150 anos depois de Efrem, fez uso do *Livro de Daniel* de uma forma mais teológica do que este e enfatizando mais os valores da oração e da simplicidade da vida sobre a preparação para a guerra, concentrou-se mais no ascetismo do que na fidelidade à fé judaica do profeta (SALVESEN, 2009: 7-8).

Um grande número de suas homilias foi preservado, muitas das quais (cerca de 250) foram editadas e publicadas. O trecho abaixo se refere a Dan 4:9:

Daniel postou-se diante do rei para ser questionado. E o rei começou a falar com ele com grande amor: “Tu, ó Daniel, és o chefe dos videntes e sábios, tu tens comando sobre os mistérios, tu quem és capaz de comandar as coisas escondidas. Eu te conheço, não há segredo que se esconda de ti, e nenhum pedido escapa às suas interpretações.⁷⁴ O Espírito de Deus está verdadeiramente dentro de ti, homem poderoso, e todas as coisas escondidas e ocultas são reveladas a ti. Venha, interprete para mim o sonho que eu claramente vi!” (cf. HENZE, 1999: 253)

3.4 Os apocalipses siríacos de Daniel

Apenas dois apocalipses diretamente relacionados a Daniel, compostos

⁷³ A homilia pode ser definida como um discurso religioso com intenção mais edificante que doutrinária.

⁷⁴ “Ó Belteshazzar, mestre dos magos, porque eu sei que o espírito dos deuses santos [está] em ti, e nenhum mistério é escondido de ti, esta é a visão do meu sonho que tive: diz-me sua interpretação”. (Dan 4:9)

originalmente em siríaco, são conhecidos e ambos foram editados recentemente.

O *Jovem Daniel*, depositado na Biblioteca Britânica (WRIGHT, 1870: 239-241),⁷⁵ foi traduzido para o alemão por Hans Schmoldt e incluído em sua tese de doutoramento (SCHMOLDT, 1972: 64-118), mas nunca foi publicado. Já o manuscrito do *Apocalipse Siríaco de Daniel*, pertencente ao arquivo da Biblioteca Houghton (Universidade de Harvard), foi traduzido, editado e publicado em esperanto (SLABCZYK, 2000) e em inglês (HENZE, 2001).

3.4.1 O Jovem Daniel

De acordo com Schmoldt, o *Jovem Daniel* é uma obra compósita, contendo uma seção apocalíptica judaica mais antiga (caps. 3-5 e 7-8) e uma segunda, majoritariamente cristã (caps. 1-2 e parte do cap. 6). A seção judaica parece ter sido escrita originalmente em aramaico e sua datação é imprecisa, mas Schmoldt a situa entre a destruição do Segundo Templo (70 CE) e o final do séc. II. A parte cristã teria sido acrescentada não muito depois (SCHMOLDT, 1972: 95).

Baseados nas expectativas escatológicas encontradas no texto, a maioria dos pesquisadores (com a notável exceção de Henze), concorda com o ponto de vista de Schmoldt e endossa a ideia que sua seção mais antiga data, de fato, “do mundo antigo, e não do medieval”:

Schmoldt identifica a referência ao bode em 5.7 (cf. Dan 8:5, 8 e 21) com a era dos “bons imperadores” de Roma, durante o período de Vespasiano [...] a Cômodo, ao final do séc. II. Garcia Martinez não tem dificuldades em afirmar que ‘as obras judaicas nas quais [o *Jovem Daniel*] é baseado coincidem perfeitamente com os escritos apocalípticos dos primeiros séculos’, enquanto em uma breve nota, oferecida sem suporte, K. Berger data o texto [como sendo] do quarto século. Sebastian Brock é mais cauteloso e considera o *Jovem Daniel* de data completamente desconhecida. (DITOMMASO, 2005: 112)

O *Jovem Daniel* foi composto quase que integralmente em versos. Os caps. 1 e 2 são precedidos por uma curta introdução em prosa, focadas nas ações do “Filho do Homem”. A seção escatológica, também começa em prosa, com a revelação de uma visão feita a Daniel pelo Espírito Santo (cap. 3), revelando a Daniel quais serão os

⁷⁵ Esse manuscrito data aparentemente do séc. XII e contém o único texto conhecido do *Jovem Daniel*.

acontecimentos dos “últimos dias”.⁷⁶ Depois de uma série de guerras e calamidades, surgirá um “rei vindo do oriente” que se aliará aos exércitos dos demais pontos cardeais para enfrentar os exércitos celestiais (cap. 4). O cap. 5 revela um futuro rei e expectativa que o “bode e o touro”⁷⁷ serão destruídos, após o que têm início diversas catástrofes e calamidades, seguido por um período de calma (cap. 6). A descrição dos sinais de que “o fim está próximo” (cap. 7) continuam até o aparecimento do “Pseudo-Messias”, o Anticristo que virá da casa de Levi, cuja fisionomia é descrita em detalhes (cap. 8). O manuscrito termina neste ponto, de forma abrupta (OEGEMA, 2011: 168).

3.4.2 O Apocalipse Siríaco de Daniel

O texto do *Apocalipse Siríaco de Daniel* também pode ser dividido em duas seções distintas: uma “narrativa histórica” (caps. 1-12), seguida por uma sequência de visões apocalípticas (caps. 14-40), que segue de perto a estrutura do livro canônico. A conexão entre as duas partes, representada pelo cap. 13, se faz por meio da pessoa do profeta Daniel.

A narrativa tem início com Daniel na corte de Nabucodonosor, descrevendo os tesouros tomados do Templo em Jerusalém e levados para a Babilônia e sua fuga para a Pérsia após a vitória de Senaqueribe sobre Belteshazzar, filho de Nabucodonosor (caps. 1-5). Uma vez na Pérsia, Daniel relata a existência desses tesouros a Ciro, conclamando-o a marchar contra a Babilônia. Ciro aceita a sugestão e após derrotar Senaqueribe, é instruído por Deus a depositar os tesouros no monte Zilai.⁷⁸ Ciro obedece, mas mantém o trono de Salomão (caps. 6-8). Gaumata, o mago, assassina Ciro e usurpa o trono, forçando Daniel a fugir para as montanhas de Elam. Gaumata, por sua vez, é assassinado após ficar seis meses no poder e Dario torna-se o novo rei (cap. 9). Daniel é convocado por Dario, que pretende forçá-lo a revelar o local onde estariam escondidos os tesouros do Templo, mas antes que Daniel o faça o rei é cegado por um anjo, sob as ordens de Deus. Daniel o leva à fonte de Siloé, em Jerusalém, onde o rei tem sua cegueira curada. Após orarem ao Deus dos judeus,

⁷⁶ “Como eu, Daniel, estava na Pérsia e Elam nos anos do rei Dario, o Espírito Santo revelou-me o que acontecerá nos tempos futuros”. (Cf. Jovem 3:1)

⁷⁷ Possíveis referências a Alexandre e ao Império Romano.

⁷⁸ O nome é uma clara alusão ao monte Sinai e provavelmente representa um artifício para aproximar DanSyr do texto bíblico (Ex 19-34), uma vez que os autores apocalípticos se consideravam em pé de igualdade em relação às autoridades religiosas.

ambos retornam à Pérsia (caps. 10-13).

De volta à corte, grandes visões e profecias prodigiosas são reveladas a Daniel e estes mistérios constituem a segunda parte do apocalipse propriamente dito (caps. 14-40).⁷⁹ Essa parte tem início com “os povos do norte” se revoltando e um ciclo de desastres naturais se abatendo sobre a Terra. Segue-se um curto período de paz, seguido por outra sequência de calamidades (caps. 14-20). O advento do Anticristo é acompanhado pela abertura dos portões do norte e a liberação da multidão dos filhos de Gog e Magog (caps. 21-22). O Anticristo, descrito com riqueza de detalhes, é morto no mar pelo “anjo da Reconciliação” (caps. 23-24) e instala-se na terra um período de medo que é sucedido por outro de placidez, após o que virá o final dos tempos (cap. 25). Os céus se abrem e Deus aparece (caps. 26-28), dando início aos preparativos para a segunda vinda de Cristo (caps. 29-31), a construção da Nova Jerusalém (caps. 32-33), a ressurreição dos mortos (caps. 34-36) e o encontro de todas as nações em Sião (cap. 37). Então, após o julgamento conduzido pelo Messias (cap. 38), os impuros são excluídos, os justos admitidos e tem lugar, por fim, o banquete da paz (caps. 39-40).

Evidências internas, como as menções aos “portões do norte” e ao Anticristo⁸⁰ fizeram Henze considerar como provável *terminus a quo* para SyrDan o final da terceira década do séc. VII, época de composição da *Lenda Siríaca de Alexandre*.⁸¹ As ponderações de Henze são reforçadas pela opinião de Sebastian Brock, que considera SyrDan um dos raros textos, senão o único além do *Livro dos Presentes*,⁸² a utilizar a expressão “despojado de coração” (siríaco *šmyt’ lb’*) para descrever o Anticristo (BROCK, 2013:1). Esta qualificação é encontrada na segunda parte desse livro, intitulada *Enigmas do Nosso Senhor e de Paulo, e sobre o seu significado a respeito dos últimos tempos. E o homem do pecado, o filho da perdição* (LANE, 2004: 160):

E não há necessidade de ninguém para dizer “onde está o Messias”?
Porque eu estou revelado em minha glória e no esplendor dos anjos,
para guiá-lo. Portanto, assim também sugeriu o abençoado Paulo ao
final, sobre a vinda do “despojado de coração”. O mistério da maldade

⁷⁹ Não há referências à pessoa de Daniel nesta parte do texto.

⁸⁰ A abertura dos “portões do Norte”, dando início ao final dos tempos e liberando Gog, Magog, o Anticristo e seus seguidores para possuírem a terra, é um tema comum nos apocalipses siríacos bizantinos.

⁸¹ A importância da *Lenda* é discutida no cap. 2.

⁸² Também conhecido como o *Livro dos Fragmentos* ou o *Livro dos Séculos*, foi escrito por Šubhalmaran, bispo de Serlok (atual Kirkuk, na região noroeste do Iraque moderno) no início do séc. VII EC.

começará a ter efeito somente se o que agora o retém [...] for retirado de seu meio. (BkGft 2: 2)

Já a falta de influência significativa do apocalipse de *Pseudo-Metódio* sobre o texto de SyrDan foi o fator preponderante para que Henze colocasse a data de composição do primeiro (690–691) como o *terminus ante quem* do segundo (HENZE, 2001: 14-15). Slabczyk, por sua vez, não data o texto, mas argumenta que seu autor “parece ser grego, pois seu conhecimento de Jerusalém é puramente teórico e não parece basear-se em qualquer conhecimento direto”. As múltiplas referências a “ilhas e seus habitantes”, associadas à presença de “vulcões, altas montanhas e fortificações militares” levaram Slabczyk a sugerir que o texto teria sido escrito por um grego bizantino, morador de uma das inúmeras ilhas da bacia do Mediterrâneo oriental (SLABCZYK, 2000: 10-12).

Henze, em relação à proveniência, acredita que os últimos capítulos de SyrDan (a partir da descrição da Jerusalém celeste, no cap. 33) acompanham de perto a visão escatológica do livro do *Apocalipse* e dele sejam dependentes. A introdução tardia no cânone siríaco⁸³ e a grande influência desse texto sobre os relatos apocalípticos bizantinos fizeram com que Henze afastasse a possibilidade de SyrDan ter surgido no leste da Síria, onde predominava a visão nestoriana⁸⁴ da natureza de Cristo e propusesse, como possibilidade mais provável, sua origem calcedônia ou melquita.⁸⁵

Essa justificativa, aceita sem maiores questionamentos por Lorenzo DiTommaso (DITOMMASO, 2005: 116), é criticada por Sebastian Brock, que embora concorde ser improvável uma procedência siríaca oriental para DanSyr, considera “estar longe de ser uma certeza seu autor ter conhecido ou feito uso do *Apocalipse*” naquele texto. Brock discorda da afirmativa de Henze quanto ao uso desse livro como fonte das citações bíblicas no *Apocalipse Siríaco de Daniel*, uma vez que “em todas as passagens onde aquele é citado, a probabilidade da inspiração ter sido encontrada em outra passagem bíblica é igual ou maior”. Uma dessas

⁸³ A *Peshitta* contém todos os livros do Novo Testamento, à exceção das Epístolas Católicas menores (2 Pedro; 2 e 3 João; Judas) e o Apocalipse. Este último somente foi traduzido e tornou-se disponível no início do séc. VI e mesmo nos dias de hoje esses textos não são lidos nas igrejas Siríacas.

⁸⁴ Nestório, patriarca de Constantinopla (428–431), sustentava a separação entre a natureza divina e humana de Cristo. O movimento foi considerado herético pelos concílios de Éfeso (431) e Calcedônia (451), e Nestório e seus seguidores eventualmente forçados a se transferir para a Pérsia.

⁸⁵ Calcedônia era uma cidade portuária localizada na entrada do estreito de Bósforo, na Bitínia, e está hoje incorporada a Istanbul. O termo “melquita”, do siríaco *mlk'* (“rei”) referia-se originalmente àqueles que apoiavam as posições tomadas pelos imperadores de Bizâncio em relação aos concílios.

passagens pode ser encontrada, por exemplo, no cap. 39 de SyrDan, onde a referência a Rev. indicada por Henze é muito menos precisa que a encontrada em Isaías (BROCK, 2005: 17):

E os não circuncidados e impuros nela [Nova Jerusalém] não entrarão e seus moradores nela viverão com alegria. (SyrDan 39: 18)

Mas nada imundo nela entrará, nem alguém que pratique impureza ou falsidade; mas aqueles que estão registrados no livro da vida do cordeiro. (Rev 21:27)

Coloque tuas roupas de gala, ó Jerusalém, porque a partir de agora não mais entrarão em ti o não circuncisado e o impuro. (Isa 52:1)

Alexander Golitzin também discorda da sugestão de Henze para uma possível origem melquita de SyrDan, por considerar ser altamente improvável um “apocalipse histórico demonstrar pouco ou nenhum interesse em relação aos eventos que estavam se desenvolvendo do lado de fora da residência de seu autor”, acrescentando que essa falta de interesse seria ainda mais surpreendente “se fosse considerado como verdadeiro o *terminus ante quem* sugerido por Henze para aquele apocalipse”, com o qual, aliás, Golitzin concorda. Golitzin é o único a sugerir um autor e um público específico para o *Apocalipse Siríaco de Daniel*: “um monge parafraseando o livro canônico de Daniel, de modo a lembrar a seus colegas de claustro o significado de seus votos, o apego à vocação e a natureza e perigos da experiência espiritual” (GOLITZIN, 2011: 67-68). Essa hipótese poderia explicar a falta de referência a eventos históricos em SyrDan, mas não explicaria os temas e vocabulário do texto, que indicam um expressivo substrato judaico (SALVESEN, 2013: 1).

Henze encontra menos oposição quando pondera que semelhanças entre o *Apocalipse Siríaco de Daniel*, como as observadas no capítulo 40 (a segunda vinda de Cristo, a Jerusalém celestial e a reunião das tribos de Judá) e os apocalipses judaicos do período do Segundo Templo, como 4 *Ezra* e 2 *Baruch* (a vinda do Messias, a Sião celestial e a redenção escatológica de Israel) sugerem “que seu autor estava familiarizado com a apocalíptica judaica e incorporou uma quantidade de material importante daquela época em seu próprio trabalho” (HENZE, 2001: 17-22).

Ainda que tal afirmativa não levante maiores objeções, é com o *Jovem Daniel* que SyrDan parece estar explicitamente associado desde as suas primeiras linhas (HENZE, 2001: 9). Slabczyk, por exemplo, mesmo sem demonstrar evidências que a

suportem, concorda com essa opinião, uma vez que afirma explicitamente não passar SyrDan de “uma recensão mais completa” do *Jovem Daniel*:

Esta versão siríaca do apocalipse de Daniel, a qual representa uma recensão mais completa de um texto na Biblioteca Britânica, Add. 18715, editada numa dissertação não publicada por H. Schmoldt, é uma obra que tem sido até aqui desconhecida dos estudiosos ocidentais e constitui um novo testemunho, importante e interessante, da literatura apocalíptica associada ao profeta Daniel. (SLABCZYK, 2000: 12)

Henze, contudo, sugere que os paralelos entre os dois indicam apenas que “ambos derivam de um mesmo *milieu* e foram, portanto, compostos aproximadamente na mesma época” (HENZE, 2001: 16). Já DiTommaso considera esses paralelos difíceis de serem justificados e conclui ser a opinião de Henze por demais ousada:

Minha impressão é que estes dois apócrifos siríacos de Daniel são fundamentalmente independentes e que todos os pontos de contato são resultado de tradições compartilhadas [...] Uma data relacionada ao Segundo Templo para partes ou mesmo para a totalidade de ambos parece um exagero, embora admito ser necessário se pesquisar mais sobre o tema da transmissão de temas escatológicos [da época] do Segundo Templo desde o final de Antiguidade ao período medieval. Se Henze estiver correto [em relação à] data da redação final do texto, talvez as primeiras seções do *Apocalipse Siríaco de Daniel, o Profeta*, datem do quinto ou do sexto séculos. Mas isso é especulativo. (DITOMASO, 2005: 122-123)

Independentemente da opinião de Slabczyk e DiTommaso, os comentários de Henze em relação a ambos os apocalipses siríacos parecem ter amplo apoio no mundo acadêmico. Pablo Ubierna, por exemplo, comentando sobre o lugar do Império Romano na apocalíptica siríaca e bizantina do séc. VII, praticamente não os questiona. Seu texto reproduz sem modificações o raciocínio utilizado por Henze para a datação de DanSyr. Nesta mesma linha segue Muriel Debié, em sua revisão dos apocalipses apócrifos siríacos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento:

O texto tem alguns paralelos com o único outro apocalipse siríaco de Daniel conhecido sob o nome que lhe deu seu primeiro editor, Hans Schmoldt, *O Jovem Daniel sobre o nosso Senhor e o Fim*. No entanto, a parte escatológica do *Apocalipse Siríaco de Daniel* é mais desenvolvida, o que também nos permite datar o texto. Devido à ausência de referências externas, referências internas são usadas para determinar a data do texto. Uma dessas referências é derivada da

menção, no capítulo 22, da abertura dos “portões do Norte”, o que vai permitir a invasão dos “povos do Norte”, cuja revolta já havia sido anunciada no capítulo 14. Na verdade, esses “portões do Norte” correspondem a uma imagem literária que está na *Lenda Siríaca de Alexandre* [...] escrita por volta de 629-630, no norte da Mesopotâmia e isso marca o *terminus a quo* para a redação do *Apocalipse Siríaco de Daniel*. (UBIERNA, 2008: 25-27)

O texto d’*O jovem Daniel* e o *Apocalipse Siríaco de Daniel* apresentam paralelos literários para a descrição do Anticristo e o fazem, tanto um quanto o outro, descender da casa de Levi.⁸⁶ É possível que o segundo tenha utilizado o primeiro, mas é mais provável que ambos tenham se baseado numa descrição que já haviam utilizado independentemente, pois as semelhanças textuais acabam aí. A ausência de alusões históricas claras torna difícil datar o texto. A referência interna à abertura dos “portões do Norte” e à invasão dos povos de Gog e Magog [até então] trancada atrás [deles] pode oferecer uma datação posterior à elaboração desse tema na lenda de Alexandre, composta em 629-30. (DEBIÉ, 2005: 132-133)

Brock, com uma abordagem mais cuidadosa e fundamentada em bases mais sólidas, concorda que não só existem claros paralelos entre *O jovem Daniel* e o *Apocalipse Siríaco de Daniel*, como muitos deles foram “infelizmente desconsiderados”. Brock preocupa-se particularmente com a omissão de Henze em informar que “do capítulo 4:19-24, e do capítulo 7 até o final abrupto do *Jovem Daniel*”, existe uma “correspondência muito próxima com SyrDan 14:6 e 20-22”:

E os povos do norte se revoltarão: haverá muita comoção e um grande terremoto sobre a face da terra. E serão estes os sinais: como a voz dos anjos e como o tumulto dos exércitos celestiais eles serão ouvidos. Haverá um grande tumulto no céu até que as altas montanhas se quebrem e se nivelem às planícies. (SyrDan 14)

Nesse momento os povos do norte se revoltarão e haverá um grande terremoto sobre a face da terra. E haverá um som como as vozes dos anjos e como o tumulto dos exércitos celestiais eles serão ouvidos. Então haverá um grande tumulto no céu até que as altas montanhas sejam rebaixadas no meio dos campos. (Jovem 4:19-22)

Atribuindo “à perda de pelo menos um fólio neste ponto no manuscrito”, Brock considera também que “uma vez que cada um desses textos tem material adicional que não está presente no outro [...], ambos devem estar fazendo uso de um

⁸⁶ Na tradição judaica, os descendentes da tribo de Levi foram os únicos israelitas a não receber terras em Canaã, pois “não terão herança no meio de seus irmãos: o Senhor [é] a sua herança, como ele disse a eles”. (Deut 18:2)

mesmo documento anterior, tornando assim a última parte do *Jovem Daniel* uma testemunha indireta importante para o texto do *Apocalipse Siríaco de Daniel* (BROCK, 2006: 9-10).

Suas conclusões são, portanto, basicamente as mesmas alcançadas por Henze e reforçam a possibilidade de uma origem comum para os dois documentos.

CAPÍTULO 2

OS ADVERSÁRIOS ESCATOLÓGICOS

A associação de Gog e Magog com o tema dos “portões” na *Lenda Siríaca de Alexandre* foi, como visto, o principal argumento utilizado por Henze para colocar o *terminus a quo* para o *Apocalipse Siríaco de Daniel* entre os anos de 629 e 630, provável data de composição daquele texto (HENZE, 2001:14). Seus nomes aparecem na seção escatológica do apocalipse comandando a revolta dos povos enclausurados por Alexandre atrás dos “portões do norte” (cap. 14), acontecimento que dá início ao advento do Anticristo (cap. 21) e à liberação do “exército de Mebagbel e à multidão de agogitas e magogitas”.

As origens dos nomes Gog e Magog não são conhecidas, e as várias interpretações históricas e etimológicas oferecidas até agora “não têm sido capazes de resistir a uma crítica mais severa” (LUST, 1995: 373). Tanto nos escritos judaicos quanto nos cristãos, esses nomes representam os poderes do mal e neles são mencionados diversas vezes, geralmente associados à tradição de Ezequiel e João. No entanto, a literatura ligada a esses nomes é muito mais ampla e inclui uma série de textos que datam de tempos e círculos bastante diferenciados (BØE, 2001: 45).

A figura do Anticristo, por sua vez, é um conceito baseado na crença da aparição de um ser capaz de concentrar a totalidade do mal que antecederia o retorno de Cristo à Terra. Suas origens, contudo, estariam nas crenças apocalípticas e messiânicas do judaísmo do período do Segundo Templo, repletas de alusões ao sofrimento do povo de Israel no passado e às perseguições que ainda estariam por acontecer, no futuro. Essas especulações, que atribuíam um novo significado à história, estavam também presentes na matriz da Cristandade primitiva e não foi difícil para a nova fé considerar o Messias das esperanças apocalípticas judaicas como tendo se materializado em Cristo, transformando de modo análogo os adversários messiânicos nas bases da lenda do Anticristo (McGINN, 1996: 10).

1. Gog e Magog

1.1 *Gog e Magog no Antigo Testamento*

Os termos bíblicos de Gog e Magog, nas tradições judaica e cristã primitiva, são nomes que podem se referir a indivíduos, povos e até mesmo a uma região

geográfica, como descrito na *Geografia* (11.14.4) por Estrabo.⁸⁷ Magog aparece pela primeira vez na “tábua das nações” do *Gênesis*, apontado como um dos netos de Noé e listado como o segundo dos descendentes de seu filho mais novo, Jafé. Como tal, Magog é também citado em *Crônicas*:

Estas são, agora, as gerações dos filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé, aos quais nasceram filhos após o dilúvio. Os filhos de Jafé: Gomer, e Magog, e Madai, e Javã e Tubal, e Mosoc, e Tiras [...] E foi destes que as pessoas foram divididas pelas ilhas e terras firmes dos gentios, cada uma segundo sua língua, sua tribo e sua nação. (Gen 10: 1-2)

Os filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. E os filhos de Gomer: Asquenaz, Rifat, Togarmah. E os filhos de Javã: Elisa, Társis, Cetim e Rodanim. (1Chr 1: 1-7)

Embora não haja menção a Gog no Gen, seu nome também aparece na árvore genealógica de 1Chr. Esta lista é mais longa do que a encontrada na “tábua das nações” e Gog é mencionado entre os descendentes de Rúben:

Os filhos de Rúben, o primogênito de Israel, foram: Hanoch, Pallu, Hezron e Carmi. Os filhos de Joel⁸⁸: Shemaiah, seu filho; Gog, seu filho; Shimei, seu filho; Micah, seu filho; Uriah, seu filho; Balah, seu filho [...] (1Chr 5: 1-4).

No texto bíblico, esses nomes representam mais a distribuição geográfica das tribos de Israel do que referências apocalípticas. Contudo, os israelitas já haviam sido alertados no livro de Jeremias sobre o perigo que um inimigo vindo do norte traria à “terra prometida”. Eventos semelhantes haviam também sido descritos por outros profetas, maiores ou menores, que viveram, em sua maioria, o exílio na Babilônia (587-538 AEC), “provável pano de fundo para as visões apocalípticas e escatológicas relatadas por eles”. (VAN DONZEL, 2010: 5)

Então o Senhor me disse: do norte virá o mal sobre todos os habitantes da terra. (Jer 1:14)

Eis que um povo virá do norte e uma grande nação se levantará dos confins da terra. (Jer 6:22)

⁸⁷ Estrabo coloca esse local na Armênia, perto da área atribuída, pelos relatos bíblicos, a Jafé e seus descendentes:

⁸⁸ O cronista não explica a relação entre Rúben e Joel.

Mas afastarei para longe de vós o exército do norte, e o levarei para uma terra seca e deserta, com sua vanguarda na direção do último mar e sua retaguarda voltada para o mais distante [...]. (Joel 2:20)

Eis que o dia do Senhor está chegando [...] Porque eu agruparei todas as nações contra Jerusalém para a batalha; e a cidade será tomada, e as casas saqueadas e as mulheres forçadas [...]. (Zech 14:1-2)

Foram, no entanto, as visões de Ezequiel que serviram como base para todas as descrições judaicas e cristãs posteriores de Gog e Magog como agentes escatológicos. Esse texto foi o primeiro a associar Gog a Magog e descreve a invasão e destruição final de Israel pelos exércitos do norte, comandados por Gog, mas sob as ordens de Deus. É também nessa visão que a ligação entre Gog e Magog e os “povos do norte” é estabelecida, mas aqui Magog é representado como um lugar e não como um indivíduo:

E a palavra do Senhor veio até mim, dizendo, Filho do homem, volte sua face contra Gog, da terra de Magog, príncipe e senhor de Mosoc e Tubal⁸⁹ e profetize contra ele, e diga: Assim disse o Senhor Deus: Eis que estou contra ti, ó Gog, príncipe e senhor de Mosoc e Tubal. Eu o farei voltar, colocarei rédeas em suas mandíbulas, e o trarei, com todo o seu exército, cavalos e cavaleiros, todos eles vestidos com todos os tipos de armadura, até mesmo uma grande companhia, com escudos e proteções, todos os deles manejando espadas: Pérsia, Etiópia, Líbia com eles, todos com escudo e capacete. Gomer e todas as suas tropas, a tribo de Togarmah, no extremo norte, com todas as suas tropas e muitos outros povos contigo. Esteja preparado, e prepare-se, tu e toda a tua companhia que se reuniu a ti, para guardá-los [...]. Portanto, Filho do homem, profetize e diga a Gog: Assim disse o Senhor Deus, naquele dia, quando o meu povo de Israel vivia em segurança, não o saberás tu? E tu virás do teu lugar, no extremo norte, tu e muitos povos contigo, todos eles montados a cavalo, uma grande companhia e um exército poderoso; e virás contra o meu povo de Israel, como uma nuvem para cobrir a terra; isto será nos últimos dias [...]. (Ezek 38:1:15)

1.2 Gog e Magog na Septuaginta

⁸⁹ Mosoc e Tubal são também tratados como lugares em Ezek 27:13; 39:6 e em Isa 66:19, embora tanto quanto Magog, estejam relacionados como filhos de Jafé em Gen10:1-2. Mosoc e Tubal corresponderiam ao território da Frígia e Cilícia, respectivamente.

A LXX⁹⁰ é geralmente aceita como a forma em que a maioria das igrejas cristãs parece ter vindo a conhecer e usar o Antigo Testamento⁹¹ e apresenta algumas referências adicionais a Gog e Magog quando comparada ao texto da bíblia hebraica. Embora não haja incongruências de vulto entre eles em relação ao livro do Genesis ou a 1Crônicas, algumas pequenas diferenças podem ser observadas. Em Números 24:7, por exemplo, Agag é substituído por Gog; na versão do *Codex Vaticanus* da LXX, Gog substitui Og em Deuteronômio 3:1-13; 4:47. Em Amos 7:1, Gog é mencionado na LXX, mas omitido na BH, na passagem equivalente (BØE, 2001: 50-61):

LXX: Um homem virá de seus filhos e terá autoridade sobre muitas nações. E o seu reino será mais exaltado que o de Gog e será aumentado. (Num 24:7)

BH: Água fluirá de seus baldes, e sua semente [estará] em muitas águas, e seu rei será maior que Agag, e seu reino será exaltado. (Num 24:7)

LXX: Então voltamos e fomos pelo caminho que leva a Basan; e Og, o rei de Basan veio ao nosso encontro, ele e todo o seu povo, para lutar em Edrai. (Deut 3:1)

cod.Vat.: Então voltamos e fomos pelo caminho que leva a Basan; e Gog, o rei de Basan veio ao nosso encontro, ele e todo o seu povo, para lutar em Edrai. (Deut 3:1)

LXX: E eles herdaram sua terra e a terra de Og, rei de Basan, dois reis dos amoritas, que estavam além do Jordão, na direção leste. (Deut 4:47)

cod.Vat.: E eles herdaram sua terra e a terra de Gog, rei de Basan, dois reis dos amoritas, que estavam além do Jordão, na direção leste. (Deut 4:47)

LXX: Assim o Senhor Deus me mostrou: E, veja! Uma nuvem de gafanhotos vindo do leste, e veja! Uma lagarta é Gog, o rei. (Amos 7:1)

BH: Assim o Senhor Deus me mostrou: E, veja! Uma praga de gafanhotos aparecendo no momento em que a colheita tardia começava, e veja! Era a colheita tardia, após a colheita do rei. (Amos 7:1)

⁹⁰ A Septuaginta representa a tradução, feita em torno do final do séc.II AEC, da Bíblia hebraica para o grego. O título refere-se ao número de tradutores envolvidos nessa tarefa.

⁹¹ A tradição siríaca talvez represente uma notável exceção a essa regra, uma vez que há fortes indícios que indicam a *Peshitta* como uma tradução direta dos textos bíblicos hebraicos (Cf. nota 68).

1.3 Gog e Magog nos Oráculos Sibilinos

Os *Oráculos Sibilinos* representam uma coleção bastante heterogênea de textos encontrados em diversas tradições religiosas do mundo antigo, as quais incluíram a judaica e posteriormente, a cristã. Esses oráculos têm como principal característica a predição de aflições e desastres que afligiriam a humanidade⁹² e à exceção de Ezequiel, representam os mais antigos textos a associar Gog e Magog. Ambos são mencionados no terceiro livro desse *corpus*, um trabalho compósito, provavelmente escrito no Egito e cuja parte principal aparentemente data de meados do séc. II AEC. (COLLINS, 1983: 354-355).

Embora compartilhem algumas características com os apocalipses, foram provavelmente escritos como peças de propaganda política (e religiosa) dirigidas principalmente ao público externo, predominante pagão (STONE, 1984: 422):

Ai de ti, terra de Gog e Magog, no meio dos rios da Etiópia! Quão grande será o derramamento de sangue que irás receber! Serás chamada de tribunal pelos homens e sua terra encharcada de orvalho beberá sangue negro. (OrSib3: 319-322)

Esta associação entre Gog e Magog em OrSib3 chama a atenção por duas discordâncias importantes, quando comparada a alguns textos bíblicos. A primeira refere-se tanto ao texto de Ezequiel quanto ao *Livro do Apocalipse*. Neste, Gog e Magog são caracterizados como pessoas e a terra pertence a ambos, enquanto em Ezek 38-39, a terra de Magog é propriedade de Gog. A segunda os coloca na África, contrariando não só o texto de Ezequiel, que localiza Magog em algum lugar ao norte da “terra prometida”, como também Gen 10 e 1Chr. Essa contradição pode, contudo, ser atribuída ao “pobre conhecimento das fontes dos rios africanos entre os escritores antigos”, pois “em vários livros dos oráculos Sibilinos o termo ‘Etiópia’ ocorre lado a lado com localizações situadas no extremo leste” e até mesmo Xerxes foi neles chamado como “um etíope bastardo” (BØE, 2001: 144):

Mas quando essas coisas das quais eu falei tiverem se realizado, os gregos novamente lutarão uns contra os outros. Assírios e árabes, e mais, medos carregadores de aljovas, persas e sicilianos e lídios se levantarão. Trácios e bitínios e aqueles que habitam a terra de belas

⁹² Esses oráculos são geralmente dirigidos contra povos e cidades e no caso específico dos textos de origem judaica ou cristã, por violações éticas.

plantas nos riachos do Nilo [...] Mas um homem assírio, um etíope bastardo, virá subitamente, com o espírito de uma besta selvagem e cortará através de todo o istmo. (OrSib11:172-180)

Os OrSib também associam Gog e Magog a outros povos guerreiros, a maioria deles de fato ocupantes de terras muito ao norte de Israel:

Ai de ti, Gog e Magog, e de todos os “mardianos” e “dácios”,⁹³ uns após os outros. Quantos males o destino colocará sobre vós! Muitos [males] também [colocará] sobre os filhos dos lícios, mísios e frígios. Muitas pessoas dos pânfilos e lídios, mauritanos e etíopes e povos de língua estranha, capadócius e árabes, cairão.⁹⁴ (OrSib3: 512-517)

Existem, contudo, diversas semelhanças do livro 3 dos oráculos com o texto de Ezequiel, especialmente na sua última parte, na qual são tratados temas como a destruição do Templo, a salvação dos eleitos, o dia do Juízo e o estabelecimento do reino de Deus. Tais alusões sugerem uma transmissão direta entre ambos, mas seria somente na versão latina da *Sibila Tiburtina*, já no século XI EC, que Gog e Magog⁹⁵ seriam associados, na literatura sibilina correlata, aos “povos do norte” aprisionados por Alexandre no Cáucaso:

Os anos serão curtos como os meses, os meses como as semanas, as semanas como os dias, os dias como as horas e a hora como um momento. As nações impuras que Alexandre, o rei da Índia, prendeu (i.e., Gog e Magog) se levantarão no norte. Estes são os vinte e dois reinos cujo número compara-se ao da areia do mar. (SACKUR, 1898: 185)

1.4 Gog e Magog em *Jubileus*

Também conhecido como o “pequeno Gênesis”, o *Livro dos Jubileus* é uma versão, na forma de narrativa, da história bíblica que estende-se do Gênesis ao Êxodo e pode ser datado, com razoável segurança, entre 170–100 AEC (COLLINS, 1995:

⁹³ “Mardianos” eram tribos guerreiras que habitavam a Hircânia, uma província do Império Persa situada na costa sul do mar Cáspio, enquanto os “dácios” ocupavam o território que tinha como limites aproximados as terras situadas ao norte do rio Danúbio, tendo como fronteira leste o mar Negro e a oeste e sul, os Balcãs.

⁹⁴ Lícia, Lídia, Mísia, Frígia, Panfília e Capadócia são regiões situadas no noroeste da Ásia Menor (Anatólia) e fazem parte da Turquia moderna.

⁹⁵ Gog e Magog não são citados na versão original grega, conhecida como “Oráculo de Baalbek” e que data do final do século IV ou do início do V da era cristã.

84). O texto não tem características escatológicas, mas nele são encontradas tanto a genealogia quanto a maneira como Noé dividiu a terra entre seus filhos após o Dilúvio, além da descrição geográfica da parte que coube a cada um deles. Em *Jubileus*, Gog é mencionado uma vez e Magog duas:

Os filhos de Jafé são: Gomer, Magog, Madai e Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. Estes são os filhos de Noé. (Jub 7: 19)

E para Jafé foi atribuída a terceira parcela, além do Rio Tina⁹⁶ em direção ao norte da foz de suas águas. E ela se estende em direção ao nordeste de toda a região de Gog e (inclui) tudo a leste dela. (Jub 8:25)

E Jafé também dividiu a terra de sua herança entre seus filhos. E coube a Gomer a primeira porção, na direção leste, a partir do norte, até o rio Tina. E ao norte, foi atribuído a Magog tudo das partes interiores (do norte) até a vizinhança próxima ao mar de Meótis.⁹⁷ (Jub 9: 7-8)

A partir destas referências, várias interpretações para os nomes Gog e Magog devem ser consideradas. Gog em Jub 8:25 poderia ser o mesmo que Magog em Jub 7:19 e Jub 9:7-8 e como tal, poderiam ser usados indistintamente. Alternativamente, Gog e Magog seriam regiões distintas, localizadas ao norte, mas ainda assim adjacentes à área anteriormente pertencente a Jafé. Por fim, a grafia da palavra Gog representaria “um erro do escriba ao grafar Magog, ocorrido em algum momento do processo de transmissão ou tradução do texto”. (BØE, 2001: 155-156)

1.5 Gog e Magog em *Qumran*

Gog aparece nesse *corpus* de forma indireta como um dos filhos de Jafé, mas é também citado nominalmente como uma das nações alinhadas entre os inimigos escatológicos de Israel no chamado *Rolo da Guerra*. Aparentemente escrito entre as últimas décadas do séc. I AEC e as primeiras do séc. I EC o *Rolo*, “mais que um manual de operações bélicas, representa um trabalho teológico e a guerra da qual ele trata simboliza o eterno conflito entre os espíritos da Luz e das Trevas” (VERMES, 1997: 163). Embora a identificação dos inimigos nesse texto pertença ainda ao terreno

⁹⁶ O rio Tina corresponde ao Don moderno.

⁹⁷ Corresponde ao mar de Azov, situado ao norte do mar Negro.

das especulações (1QM 1:5),⁹⁸ um cenário de guerra escatológica com a participação de Gog e seus aliados parece estar claramente indicado, especialmente em 1QM 11:15-17 (BØE, 2001: 178).

[O rei] de Cetim entrará no Egito, e nesse tempo ele partirá em grande ira para lutar contra os reis do norte [...] Este será um tempo de salvação para o povo de Deus, uma época de domínio para todos os membros de Sua assembleia e de destruição eterna para todos os aliados de Beliar. A confusão entre os filhos Jafé será [grande] e a Assíria cairá sem ser socorrida. O domínio de Cetim terá fim e a iniquidade será vencida, não deixando vestígios. (1QM 1:5)

Desde os tempos antigos tendes [anunciado a hora] quando a força de Vossa mão será levantada contra Cetim [...] para fazer para vós mesmo um nome eterno entre os povos que haveis redimido [...] de modo a mostrar-se grande e santo aos olhos dos demais povos, para que eles possam saber [...] quando executarás a sentença sobre Gog e toda a sua multidão [...] pois lutarás contra eles desde os céus. (1QM 11: 15-17)

Magog também é mencionado no material coletado em Qumran, quer seja individualmente, como no “Genesis Apócrifo” (1QapGen12; 17) e no “Comentário sobre Isaías” (4Q161: 8-10) ou associado a Gog, como em 4Q523.

Do meu filho mais velho [Shem] nasceu, para começar, um filho, Arpachshad, dois anos depois do Dilúvio [...] E os filhos de Jafé: Gomer e Magog e Madai e Javan [eTu]bal e Mashok e Tiras e quatro filhas. (1QapGen 12:12)

E Shem, meu filho, dividiu [sua herança] entre seus filhos [...] E após isso, para Aram, a terra entre os dois rios até o alto da montanha de ashur [...] para [...] coube este Monte do Touro e a parte que estende para o oeste até Magog. (1QapGen 17:10)

Jafé dividiu [...] sua herança entre seus filhos. Deu a primeira parte para Gomer, no norte até o rio Tina, e depois para Magog a Media e depois para Javan [os gregos] todas as ilhas que há na Lídia (1QapGen 17:16)

Deus irá mantê-lo [com o espírito forte e lhe dará] um trono de glória e uma auréola [de santidade] e vestes multicoloridas. [Ele colocará um

⁹⁸ O termo comumente empregado para descrever os inimigos de Israel, “Cetim”, originalmente utilizado para descrever os habitantes de *Kition*, em Chipre, foi atribuído, entre outros, aos habitantes das demais ilhas do Mediterrâneo oriental por Josefo (AJ 1:128), aos povos das regiões marítimas ocidentais (Gen 10:4, Num 24:24, Jer 2:10, Esd 27:6), aos gregos (1Mc 1:1; 8:5) e aos romanos (Dan 11:30).

etro] em sua mão e ele terá domínio sobre todas as [nações]. E Magog [...] e sua espada julgará [todos] os povos. (4Q161: 8-10)

Embora não exista nesse material uma relação evidente de Gog ou Magog com poderes políticos ou cósmicos, encontra-se em Qumran a mais antiga referência conhecida, mesmo que bastante fragmentada, à associação “Gog e Magog”, substituindo a expressão “Gog da terra de Magog” (BUITENWERF, 2007: 172):

[...] eles haviam removido Jônatas [...] os exércitos haviam roubado [...] os garfos e [...] Gog e Magog [...] Netinim [...] você deve esconder [nos] armazéns os tesouros [...] eles [irão] capturar Gallikah [...] eles [irão] trazer. (4Q523)

1.6 Gog e Magog em Josefo

Flávio Josefo foi o primeiro a associar a tradição de Gog e Magog com a lenda relacionada ao bloqueio de um desfiladeiro ao sul do Cáucaso com portões de ferro feito por Alexandre, que impediria o avanço dos povos bárbaros sobre o chamado “mundo civilizado”:

Agora, a nação dos alanos, os quais havíamos mencionado previamente em algum lugar como sendo citas e habitando o lago Meótis. Esta nação, naquele tempo, planejou atacar a Média, e as regiões além dela, de modo a saqueá-las; com essa intenção negociaram com o rei da Hircânia, pois ele era o senhor daquela passagem que o rei Alexandre [o Grande] havia fechado com portões de ferro. Este rei lhes deu permissão para passar por eles; assim, eles vieram em grande multidão e caíram sobre os Medos inesperadamente; e saquearam o país deles, o qual eles encontram cheio de pessoas e abastecido em abundância de gado, enquanto ninguém ousou fazer qualquer resistência contra eles. (BJ 7. 8.4)

Josefo também chamou esses povos de citas (denominação comum atribuída às tribos que viviam além das fronteiras norte do Império Romano) em *Antiguidades Judaicas*, explicando que era por esse nome que os gregos conheciam os magogitas:

Os filhos de Noé tiveram filhos, em honra dos quais foram impostos os nomes às nações por aqueles que primeiro as tomaram. Jafé, filho de Noé, teve sete filhos: eles as habitaram, de modo que a partir dos montes Taurus e Amanus, prosseguiram ao longo da Ásia, até o rio Tanais, e ao longo da Europa até Cádiz; e estabelecendo-se em terras

[...] que não haviam sido anteriormente habitadas, as chamaram pelos seus próprios nomes. Assim, Gomer fundou aquelas que os gregos chamam agora gálatas, mas eram então chamadas gomeritas. Magog fundou aquelas que a partir dele foram chamadas magogitas, mas que pelos gregos são chamadas de citas. (Ant. 1. 6.1)

Josefo não faz referências a Gog e também não dá a seus leitores uma informação mais precisa da localização da passagem fechada por Alexandre.

1.7 *Gog e Magog em Pseudo-Filo (Liber Antiquitatum Biblicarum)*

Provavelmente composto no séc. I EC, logo após a destruição do Segundo Templo, *Pseudo-Filo* reconta o *Gênesis*, de Adão a *1Samuel*, de maneira bastante similar àquela já observada em *Jubileus*. *Pseudo-Filo* aparentemente representa a versão latina de uma obra grega mais antiga, essa por sua vez quase certamente traduzida de um original hebraico (JAMES, 1917: 28-32).

Em L.A.B., Magog é apenas um homem que recebeu de Jafé, seu pai, a terra chamada de Degal. Além de mencionado como filho de Jafé, Magog é lembrado como neto de Noé e pai de vários filhos, cujos nomes são também revelados:

E os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé. Os filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Meshech, Tiras, Ashkenaz, Riftah e Togarmah, Elisa, Dessin, Cetim, Dodanim. E os filhos de Gomer: Thelez, Lud, Deberlet. E os filhos de Magog: Cesse, Thifa, Faruta, Amiel, Fimei, Goloza, Samanac [...] E estes são aqueles que foram dispersados para longe e habitaram na terra com persas e medas, e nas ilhas que há no mar. [...] e então a terceira parte da terra foi dividida. Domeret e seus filhos tomaram Ladec e Magog e seus filhos tomaram Degal (L.A.B. 4:1; 2:1-4).

A “terra de Degal” é desconhecida, mas o texto do L.A.B. é bastante claro em identificar Magog como pessoa e não como nome de um território e como em Josefo, não faz referências a Gog.

1.8 *Gog e Magog nos targumim*⁹⁹ e em outros escritos rabínicos

⁹⁹ *Targumim*, plural de *targum*, significa “traduções”.

Os *targumim*, originalmente apresentados sob forma oral, correspondem às traduções das escrituras judaicas do hebraico para a linguagem de quem as ouvia – usualmente o aramaico – e serviam como uma maneira popular de divulgação dos textos sagrados. Gog e Magog são temas recorrentes neste tipo de literatura, traduzidas ao longo dos séculos¹⁰⁰ com diferentes propósitos e interpretações, mas sempre submetidas ao controle das autoridades rabínicas (LEWEY, 1987:2). Considerados inimigos escatológicos de Israel, os nomes de Gog e Magog são encontrados nesses textos em diversas adições e interpolações ao texto canônico.¹⁰¹ Na versão do *Gênesis*, por exemplo, Magog é mencionado da mesma maneira que no texto bíblico (como um dos descendentes de Jafé), mas Gog é encontrado associado ao Messias no *Êxodo* e a Roma em *Ezequiel*, e ambos estão relacionados ao Messias tanto em *Êxodo* quanto em *Números*:

Estas são as gerações dos filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé, aos quais filhos nasceram depois do dilúvio. Os filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. *E os nomes de suas províncias: Frígia, Germânia, Média, Macedônia, Bitínia, Ásia e Trácia.* (TPs.J Gn 10:2)

Ungirás a bacia e sua base e a consagrarás. [...] *por cuja mão a terra de Israel será repartida; e do messias filho de Efraim, que virá dele, por cuja mão a casa de Israel está para vencer Gog e seus confederados ao fim dos dias.* (TO Ex 40:11)

Ao percorrer a terra, se um deles vir um osso humano, marcará o lugar junto a ele até que os coveiros o enterrem no vale de Hamon-Gog. *Lá, deverão também ser jogados os mortos de Roma, a cidade das multidões barulhentas.* E mesmo o nome da cidade será Hamonah e assim eles purificarão a terra. (TJ Ez 39:15-16)

Mas dois homens permaneceram no acampamento: o nome de um era Eldad e o nome do outro, Medad e o Espírito repousou sobre eles [...] E eles profetizaram no acampamento, *dizendo: Ao final dos dias Gog e Magog sobem a Jerusalém e caem nas mãos do rei Messias, e por sete anos os filhos de Israel farão fogueiras de suas armas e não precisarão ir às florestas.* (TN Num 11:26)

Referências a Gog e Magog são também encontradas, entre outras, nos *targumim* referentes aos livros de *Isaías* (Is 10:3), *Zacarias* (Zc 12:10), *Ester* (Est 5:1) e *Cântico dos Cânticos* (Ct 8:4).

¹⁰⁰ A transcrição dos *targumim* começou muito provavelmente a partir do final do séc. I EC, mas a cristalização desse *corpus* só viria a ocorrer no início do séc. XI.

¹⁰¹ Em itálico nas citações em destaque.

1.9 *Gog e Magog* em 3 Enoch

Embora a literatura *merkabah*¹⁰² mostre pouco interesse em temas associados à escatologia – usualmente relacionados à apocalíptica – estes elementos não deixam de estar presentes naquele *corpus*, devendo-se creditar essa diferença a uma “questão de ênfase” (ALEXANDER, 1983: 235). 3Enoch, uma compilação de muitas tradições separadas e posteriormente agrupadas, de modo a formar um único texto, resume (até certo ponto) essas duas tradições. 3En é um relato do que o rabino Ismael teria visto e aprendido quando viajou ao além (RAMOS, 2007: 66) e há neste texto pelo menos uma referência a Gog e Magog, cuja orientação escatológica é explícita:

E cada batalha nas guerras que os gentios lutaram contra Israel nos dias de seu domínio. E eu vi: o Messias, o filho de José e sua geração, e tudo que eles farão aos gentios. E eu vi: o Messias, o filho de Davi, e sua geração, e todas as batalhas e guerras, e tudo que eles farão a Israel, seja bom ou ruim. E eu vi: todas as batalhas e guerras nas quais Gog e Magog lutarão contra Israel nos dias do Messias e tudo aquilo que o Santo, abençoado seja ele, fará a eles no tempo que virá. (3En 45:5)

1.10 *Gog e Magog* no Novo Testamento: o Apocalipse

O Apocalipse é o único livro do Novo Testamento a mencionar os nomes de Gog e Magog juntos e provavelmente representa o testemunho mais importante da cristandade primitiva a respeito desses personagens. No texto, escrito entre o final do séc. I e o começo do séc. II EC, Gog e Magog associam-se às forças de Satã – as quais haviam sido liberadas por Deus após a idade messiânica – para trazer morte e destruição a Israel, em preparação para a chegada dos últimos dias:

E quando estes mil anos se completarem, Satã será liberado de sua prisão e sairá para seduzir as nações dos quatro cantos da terra, Gog e Magog, e as reunirá para o combate, cujo número é como a areia do mar. E elas subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada: e fogo veio do Deus celestial e os devorou. (Rev. 20: 7-9)

¹⁰² 3 Enoch se insere no corpus literário que trata do misticismo do trono-carruagem (*merkabah*) de Deus e incorpora elementos de diversas épocas e autores, o que impede uma datação precisa de seu texto, colocada pela maioria dos pesquisadores entre os sécs. I e VI EC.

1.11 *Gog e Magog e os Padres da Igreja*

Embora existam várias referências a Gog e Magog na literatura judaica dos séculos seguintes à destruição do Segundo Templo, pouca atenção foi dada pelos cristãos a essas figuras escatológicas naquele período.¹⁰³ O mais importante transmissor da tradição de Gog e Magog no cristianismo primitivo foi Jerônimo, que combinou a tradição judaica, tal como encontrada em Ezequiel, com a mensagem messiânica de João. Em seu comentário sobre Ezequiel, coloca os descendentes de Gog além do Cáucaso, mas por “citas” provavelmente referia-se aos hunos, por conta “de cujos avanços na Europa ele próprio teria sido forçado a mudar-se para a Palestina” (VAN DONZEL, 2010: 13).

Judeus e nossos judaizantes vêem Gog como sendo os citas, terríveis e incontáveis, que se estendem para além do Cáucaso e do Mar de Meótis, perto do Mar Cáspio, até a Índia. (CommEzek: 38)

Assim como Flávio Josefo, Jerônimo também associou Gog e Magog aos portões de Alexandre, o Grande, como mostra a carta endereçada a Oceanus:

Mensageiros vieram subitamente até aqui [e informaram] que todo o Leste estava aterrorizado. Pois chegaram novas que hordas de hunos partiram do Meótis [eles tinham suas habitações entre o gélido Tanais e os rudes massagetas,¹⁰⁴ onde os portões de Alexandre bloqueiam os povos bárbaros atrás do Cáucaso] e que aqui e ali, em seus velozes cavalos de ágeis patas, estavam assombrando o mundo com pânico e derramamento de sangue. (Carta 77: 8)

1.12 *Gog e Magog em Isidoro de Sevilha*

Além de Alanos e Hunos, os godos também foram identificados na Antiguidade tardia como o inimigo que veio do norte para destruir o Império Romano, como explicado por Isidoro de Sevilha (ca.560–ca.636) no *incipit* de sua *Historia de Regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum*:

¹⁰³ Justino e Irineu, por exemplo, não os mencionam, ainda que ambos tenham escrito sobre *Ezequiel* e também sobre o *Apocalipse*.

¹⁰⁴ Massagetas eram os povos descritos por Heródoto que habitavam as planícies a leste do mar Cáspio.

É certo que os godos são uma nação muito antiga. Alguns conjecturam, a partir da semelhança da última sílaba, que a origem de seus nomes vem de Magog, filho de Jafé, e eles deduzem isto principalmente a partir da obra do profeta Ezequiel. Anteriormente, porém, os estudiosos estavam acostumados a chamá-los *Getae*, ao invés de Gog e Magog. A interpretação de seu nome em nossa língua é *tecti* [protegidos], o que denota força; e com justiça, pois não houve outra nação no mundo que tenha tanto ameaçado o poder de Roma. Pois estes são os povos que até mesmo Alexandre declarou que deveriam ser evitados.

1.13 *Gog e Magog na Literatura Siríaca*

1.13.1 O Romance de Alexandre

A primeira versão do *Romance de Alexandre* (Pseudo-Calístenes), em grego, foi aparentemente escrita em Alexandria no séc. III CE. O texto foi adaptado para línguas, gostos e costumes dos diferentes países e culturas que tinham feito parte de seu império e tornou-se extremamente popular ao longo de toda a Antiguidade tardia e primeiros séculos da Idade Média. As traduções do “romance” para o latim (séc. IV), armênio (séc. V) e siríaco (séc. VII) não mencionam, no entanto, os “portões de ferro”. A fusão do tema da “muralla” de Alexandre com a tradição bíblica de Gog e Magog apareceria, na verdade, somente em outra obra épica, a *Lenda Siríaca de Alexandre*, escrita muito mais tarde, provavelmente por volta de 630 (VAN DONZEL, 2010: 16).¹⁰⁵

1.13.2 A Lenda Siríaca de Alexandre

A *Lenda Siríaca de Alexandre* pode ser considerada como um anexo à versão siríaca do “romance” e celebra a vitória de Heráclio sobre os persas em 628. A *Lenda* explicava como Alexandre deixou o Egito comandando uma expedição ao “fim do mundo” e como chegou às encostas da cordilheira do Cáucaso. Uma vez lá, pediu que trouxessem à sua presença “trezentos homens idosos capazes de o informar sobre as pessoas e os costumes daquela terra”:

¹⁰⁵ O tema faria parte, contudo, de versões mais tardias do *Romance de Alexandre*, em outras línguas como copta e etíope, ambas compostas depois das conquistas árabes.

E quando vieram à sua presença [...], Alexandre disse: “Esta montanha é mais alta e mais terrível que todas as montanhas que tenho visto”. Os anciãos, os nativos da região, disseram ao rei: “ Sim, sua majestade, meu senhor e Rei, nem nós nem nossos pais fomos capazes de marchar um passo sobre ela, e os homens não a escalam naquele ou neste lado, pois ela é o limite que Deus colocou entre nós e as nações dela”. Alexandre disse: “Quais são as nações desta montanha, sobre a qual estamos lançando nossos olhares?” Os nativos das terras disseram: “Eles são os hunos”. Ele lhes disse: “Quem são seus reis”? Os anciãos disseram: “Gog e Magog e Nawal, os reis dos filhos de Jafé, e [...] estes são os reis dos hunos”. Alexandre disse: “Qual é a aparência, roupa e língua deles?” Os anciãos responderam e disseram ao rei: “Alguns deles têm olhos azuis e suas mulheres têm apenas uma mama cada uma [...] e eles bebem o sangue dos homens e dos animais” [...] “Os hunos não saem para destruir, exceto até onde a ira de Deus alcança, de modo que podem matar pais e filhos, e tudo aquilo que a ira do Senhor pode destruir na terra, pois são mais ferozes do que todos os reis em suas guerras”. (BUDGE, 1889: 149-52)

Satisfeito com o que tinha ouvido, Alexandre decide, depois de consultar suas tropas, “fazer algo maravilhoso nesta terra”:

Eles disseram a ele: “Faremos como sua majestade ordenar”. O rei disse: “Vamos fazer um portão de bronze e fechar essa passagem” [...] E Alexander mandou buscar três mil ferreiros, trabalhadores em ferro e três mil homens, trabalhadores em bronze. E colocaram juntos bronze e ferro e trabalharam como um homem trabalha quando mistura a argila. Então o trouxeram e fizeram um portão de doze cúbitos de comprimento e de oito cúbitos de largura. (BUDGE, 1889: 153)

Quando o trabalho terminou, Alexandre gravou duas profecias no portão:

“Ao final de oitocentos e vinte e seis anos os hunos sairão e irão conquistar os países dos romanos e dos persas [...] e irão retornar e entrar na terra deles. E escrevi também, fiz conhecido e profetizei que ao final de novecentos e quarenta anos [virá] um outro rei, quando o mundo deverá chegar ao fim pelo comando de Deus, o Senhor da criação.” (BUDGE, 1889: 153-154)

“E a tropa passará por esse portão que eu fiz [...] e seus cavaleiros sairão para destruir a terra [...] e quando os hunos saírem, como Deus ordenou, os reinos dos hunos, persas e árabes, os vinte e quatro reinos escritos neste livro virão das extremidades dos céus e atacarão um depois do outro, e a terra se derreterá no sangue e excremento dos homens.” (BUDGE, 1889: 154-155)

1.13.3 O Poema Siríaco de Alexandre

A tradição atribui “quase unanimemente a Jacó de Serugh a autoria do *Poema Siríaco de Alexandre*”,¹⁰⁶ mas as evidências sugerem que esse texto, tal como a *Lenda*, foi provavelmente composto entre 628 e 640, período que se seguiu à vitória de Heráclito sobre os sassânidas e antecedeu a conquista árabe da Síria e a Mesopotâmia (REININK, 2005: VI-165).

O *Poema* muito provavelmente utilizou a *Lenda* como uma de suas fontes, mas distingue-se dela em pontos fundamentais. Nele, os hunos deixam de ser mencionados e são os povos de Gog e Magog que encontram-se encerrados detrás dos “portões”. Alexandre é apresentado como um rei piedoso, mas diferentemente da *Lenda*, sabe de que o “Império Cristão”, juntamente como os demais, desaparecerá sob um exército liderado pelas “forças do mal,” abrindo o caminho para a vinda do “Reino dos Céus”. Além disso, o *Poema* acrescenta a figura do Anticristo à associação dos “portões” com Gog e Magog, mas apesar de seu fundo apocalíptico, não associa esses nomes a nações específicas, nem contém alusões a uma nova ordem política (VAN DONZEL, 2005: 22):

O rei perguntou: “Quem são estes reis e os povos terríveis, os quais estão além dessas montanhas? Os anciãos responderam: “Ouça, ó Senhor, e rei; e nós te contaremos. Veja, a família de Agog e a família de Magog estão além de nós, de aspecto terrível, de forma odiosa, de todas as alturas, a estatura de cada um deles é de seis a sete cúbitos. (BUDGE, 1889: 177)

Este grande portão que você fez nesta terra permanecerá fechado até a chegada do fim dos tempos. Jeremias também profetizou a esse respeito e a terra o ouviu; “O portão do norte será aberto no dia do fim do mundo”. (BUDGE, 1889: 186)

E a nação que está atrás desse portão se levantará e também os exércitos de Agog e os povos de Magog serão reunidos. Estes povos, os mais ferozes de todas as criaturas, [eles são] da poderosa casa de Jafé, dos quais o Senhor falou: “Eles avançarão sobre a terra e cobrirão toda a criação como gafanhotos”. (BUDGE, 1889: 188)

E depois destas coisas a terra estará desprovida da humanidade, povoados estarão destruídos e [também] todas as vilas e cidades. Os dispersos só restam na terra como remanescentes. Então o Anticristo se

¹⁰⁶ Também conhecido como *Uma homilia composta por Mar Jacob sobre o rei Alexandre e sobre o portão que fez contra Gog e Magog*.

levantará sobre toda a terra, através daquele portão sairá e virá aquele rebelde. (BUDGE, 1889: 198)

1.13.4 Pseudo-Efrem

O poema apocalíptico siríaco erroneamente atribuído a Efrem, também conhecido como *Sobre o Fim do Mundo*, foi provavelmente escrito entre os anos de 640 – 680 e faz uso de várias tradições mais antigas, entre elas a *Lenda*. Um segundo texto, “um sermão latino” *Sobre os Últimos Tempos, o Anticristo e o Fim do Mundo*, também atribuído a Efrem, tem datação, língua e local de origem ainda mais controversos. Seu texto foi provavelmente composto “não antes do final do séc. VII” e “mostra um caráter literário compósito, relacionado à confluência de tradições derivadas de fontes diversas (REININK, 2005: 154-155). Ambos mostram familiaridade com a barreira construída por Alexandre, a qual seria rompida no momento certo e liberaria Gog e Magog:

Em seguida, uma vez que a maldade será galopante sobre a terra, a ira do Senhor irá então instigar reis e exércitos poderosos. Pois quando Ele procura expurgá-los da terra, ele manda homens contra homens para aniquilar-se mutuamente. Em verdade, naquele tempo Ele convocará os reis e os poderosos exércitos que estão por trás daqueles portões que Alexandre construiu. Muitos governantes e povos permanecem atrás dos portões. Eles olham na direção do céu e invocam o nome de Deus, que o Senhor mande seu sinal de dentro de seu firmamento de glória e que a divina voz convoque aqueles que estão naqueles portões; de modo que eles subitamente se partam e colapsem ao comando da Divindade. Numerosos exércitos avançam, tantos quanto as estrelas, que não podem ser contadas, multidões como a areia do mar, e [em números] que excedem as estrelas no céu [...] Reis e grandes exércitos e cada grupo de povos e línguas emergindo [por detrás] daqueles portões: Gog e Magog e Nul e Agag, reis e exércitos poderosos!¹⁰⁷ (BECK, 1972: 79-94)

E aqueles que estão a leste fugirão para o oeste e além disso, aqueles que estão no oeste fugirão para o leste e não haverá um lugar seguro em lugar algum, porque o mundo será dominado por nações sem valor, cujo aspecto parece ser mais de animais selvagens do que de homens. Porque essas nações horríveis, bastante profanas e contaminadas, que não poupam vidas e destruirão os vivos a partir dos mortos, consumirão os mortos, [...] comem carne morta, bebem o sangue dos

¹⁰⁷ *Sobre o Fim do Mundo*.

animais, poluem o mundo, contaminam todas as coisas, e aquele que é capaz de resistir a eles não está lá.¹⁰⁸ (CASPARI, 1890: 208-220)

1.13.5 O Apocalipse Siríaco de Daniel e o Jovem Daniel

A passagem de Gog e Magog através dos “portões do norte”, marcando o início do final dos tempos, constitui um dos pontos fundamentais do *Apocalipse Siríaco de Daniel* e do *Jovem Daniel* e é descrita em ambos os textos de modo paralelo:

E os povos do norte se revoltarão: haverá muita comoção e um grande terremoto sobre a face da terra. E serão estes os sinais: como a voz dos anjos e como o tumulto dos exércitos celestiais eles serão ouvidos. Haverá um grande tumulto no céu até que as altas montanhas se quebrem e se nivelem às planícies [...] Então os portões do norte serão abertos diante dele e o exército de Mebagbel e a multidão dos filhos de Gog e Magog se lançarão à frente, enormes em suas estaturas, poderosos em suas forças e numerosos em suas tropas. (SyrDan 14: 22)

Naquele tempo os povos do norte se revoltarão e haverá um grande terremoto sobre a face da terra. E haverá um som como o som dos anjos e ele será ouvido como o tumulto dos exércitos celestiais. Haverá um grande tumulto no céu até que as grandes montanhas sejam diminuídas no meio dos campos. Ao final destas coisas os poderes do céu tremerão e os reis na terra lutarão entre eles. (Jovem 4:19-23)

1.13.6 Pseudo-Metódio

O mesmo tema, com pouquíssimas diferenças, surge também no *Apocalipse de Pseudo-Metódio*,¹⁰⁹ uma interpretação escatológica das conquistas árabes na Mesopotâmia. *Pseudo-Metódio* usa a tradição daniélica de uma sucessão de impérios mundiais para demonstrar que o domínio árabe também chegará ao fim, derrotado por um novo Alexandre, personificado no “último Imperador Romano”.

No texto, a história do mundo é dividida em sete períodos de mil anos, começando por Adão e Eva e estendendo-se até ao Império Romano cristão, momento em que a narrativa histórica cede espaço à profética. A abertura e a consequente passagem dos exércitos de Gog e Magog (identificados como estando entre os “filhos de Ismael”) através dos portões do Cáucaso, suas vitórias iniciais e a derrota final de

¹⁰⁸ *Sobre os Últimos Tempos, o Anticristo e o Fim do Mundo.*

¹⁰⁹ Também chamado de *Discurso em relação à sucessão dos reis e o final dos tempos*, foi composto em siríaco na última década do século VII EC. Há também versões do texto em grego, latim e eslavônico.

suas forças nas planícies de Jaffa por anjos comandados por Deus, estariam previstas para o último desses períodos (ANDERSON, 1932: 45):

Ele veio para o leste, até o mar que é chamado “o fogo do Sol”, onde viu povos imundos, de aparência repulsiva, os filhos de Jafé. E quando ele viu o tipo de imundície que eles praticavam [...] Alexandre chamou Deus em seu auxílio. Ele os reuniu e os expulsou, eles, suas esposas e seus filhos, removendo todos os seus acampamentos para fora do Oriente. Então os trouxe e os confinou nas fronteiras do norte, dentro da passagem que é o portão do mundo do norte. Não há outra entrada ou saída nas fronteiras do mundo do leste para o oeste. E o rei Alexandre rezou a Deus e Deus o atendeu. E Deus ordenou que as montanhas chamadas “Seios do Norte” se aproximassem uma da outra até [a distância de] doze cúbitos. Ele [Alexandre] construiu um portão de bronze e o untou com “taseqtis”.¹¹⁰ [...] por meio destas duas coisas poderosas, ele [Alexandre] trouxe ao fim todo o poder dos demônios [...] Mas o fim dos tempos será de acordo com a palavra de Ezequiel, o profeta, que profetizou a respeito deles. Ele disse: Ao final dos tempos, dos confins do mundo, os seguidores de Gog e Magog virão sobre a terra de Israel.¹¹¹ (MARTINEZ, 1985: 132-134)

Pseudo-Metódio é considerado por muitos como o mais influente texto apocalíptico composto no idioma siríaco e foi por meio dele que a história do aprisionamento de Gog e Magog por Alexandre seria posteriormente transmitida à literatura grega e latina (ALEXANDER, 1985: 14).

2. O Anticristo

A figura do Anticristo é encontrada apenas na cristandade, obviamente, embora haja diversas menções a agentes antidivinos na literatura judaica à época do Segundo Templo.¹¹² Wilhelm Bousset (1865–1920), por exemplo, postula em *Der Antichrist in der Überlieferung des Judentums, des neuen Testament und der alten Kirche: Ein Beitrag zur Auslegung der Apokalypse*,¹¹³ uma ampla coleção publicada em 1895 sobre quase tudo que havia sido escrito a respeito durante os últimos séculos

¹¹⁰ Este material ainda hoje continua sendo desconhecido.

¹¹¹ “E você virá contra meu povo Israel como uma nuvem para cobrir a terra. E será nos últimos dias que trarei você contra minha terra, de modo que as nações possam me conhecer quando eu for santificado diante dos olhos delas, por seu intermédio, ó Gog!” (Ez 38:16).

¹¹² Conquanto “Anticristo” seja um termo cristão, a imagem de um governante “antidivino”, por assim dizer, já se encontrava presente tanto na Bíblia Hebraica (Dan 2: 7-9) quanto nos textos apócrifos da época do Segundo Templo, como em 4Ez 11;12 e 2Br 39.

¹¹³ *O Anti-Cristo na tradição do judaísmo, do Novo Testamento e na Igreja primitiva: Uma contribuição para a interpretação do Apocalipse*.

do primeiro milênio e os primeiros do segundo, ser o Anticristo uma figura bastante próxima a Gog e Magog, e não o distingue de Beliar.¹¹⁴ Nos *Studies in the Apocalypse*¹¹⁵ publicado em 1913 seu contemporâneo R. H. Charles (1855–1931), por sua vez, atribui a origem do Anticristo a Antíoco IV Epífanes, conforme a descrição encontrada no *Livro de Daniel*. Charles ressaltava, porém, que à imagem desse “ser humano inimigo de Deus” deveriam também ser incorporados tanto o espírito demoníaco de Beliar quanto a lenda do retorno do imperador romano Nero (CHARLES, 1900: li-lxxiii).¹¹⁶ Como Charles, Béda Rigaux (1899–1982) em seu tratado *L’Antéchrist et l’opposition au Royaume Messianique dans l’Ancien et le Nouveau Testament* (1932)¹¹⁷ tratou o tema como um conceito coletivo. Segundo esse autor, a ideia de um poder antdivino no Antigo Testamento poderia, como de fato foi, ter sido aplicada a personagens concretos como Gog e Antíoco IV Epífanes, mas sua “representação ideal” seria a somatória de todos os inimigos de Israel (RIGAUX, 1932: 173;382).

No contexto do cristianismo, onde Jesus se tornou o modelo a ser seguido por todos os homens, o Anticristo representava seu oponente, a figura que concentrava em si todo o mal da humanidade, o comandante em chefe do exército dos inimigos de Deus capitaneado por Satanás (LOREIN, 2003: 5).

2.1 A visão judaica dos inimigos de Deus

São muitas as alusões aos antecedentes bíblicos do Anticristo no Antigo Testamento, mas a tipologia mais desenvolvida aparece no *Livro de Daniel*, na descrição de Antíoco IV Epífanes, o monarca blasfemo associado à imagem de um “pequeno chifre”, capaz de ir “contra os santos”, “erguer-se contra o exército dos céus”, “exaltar-se contra o Príncipe do exército”¹¹⁸ e “arrasar o seu santuário”:

Eu considere os chifres, e veja, apareceu entre eles um chifre menor, diante do qual foram arrancados os três primeiros, pelas raízes: e veja, neste chifre havia olhos como olhos humanos e uma boca falando coisas arrogantes. (Dan 7:8)

¹¹⁴ A palavra Beliar, de origem hebraica, tem o significado de “sem valor”.

¹¹⁵ *Estudos no Apocalipse*.

¹¹⁶ Segundo essa lenda, Nero não teria morrido e retornaria do Leste à frente de suas tropas para se vingar de Roma.

¹¹⁷ *O Anticristo e a oposição ao Reino Messiânico no Antigo e no Novo Testamentos*.

¹¹⁸ O próprio Deus.

Eu vi, e o mesmo chifre movia guerra contra os santos e prevalecia sobre eles. (Dan 7:21)

E ele engrandeceu-se, [mesmo] contra o exército dos céus; e deitou por terra [alguns] do exército e das estrelas¹¹⁹ e as pisoteou. Sim, ele exaltou-se [até mesmo] contra o Príncipe dos exércitos, e por ele o [sacrifício] diário foi retirado e o lugar de seu santuário deitado abaixo. (Dan 8:10-11)

Mas Antíoco IV Epífanes, conquanto poderoso, não passava de mais um mortal que se opuzera aos desígnios de Deus na longa história de Israel, como Senaqueribe e Nabucodonosor também haviam feito num passado ainda mais remoto. A escatologia apocalíptica judaica dos dois últimos séculos AEC ampliou a visão desse mundo e incluiu, além de reis e comandantes militares, personalidades angélicas malevolentes entre aqueles inimigos, as quais aparecem em diversos textos apócrifos do período intertestamentar tardio.¹²⁰ O mais importante representante dessa classe, o “anjo do mal” conhecido como Beliar, aparece pela primeira vez no *Livro dos Jubileus*, texto que já expressava um quadro bem desenvolvido da oposição angelical a Deus (McGINN, 1996: 28):

E Moisés prostrou-se sobre seu rosto e orou e disse: “Ó Senhor meu Deus, não abandone seu povo e sua herança, de modo que eles devam vagar pelo erro de seus corações, e não os entregue nas mãos de seus inimigos, os gentios, de modo a não serem governados por eles e levados a pecar contra Ti. Deixe a tua misericórdia ser levantada sobre o Teu povo e crie neles um espírito reto, e não deixe o espírito de Beliar governar sobre eles para acusá-los diante de Ti, e iludi-los de todos os caminhos da justiça, de modo que possam perecer diante de tua face”. (Jub 1: 18-19)

E agora eu vos anuncio que os filhos de Israel não se manterão fieis a esta ordem, e que eles não irão circuncidar suas crianças de acordo com esta lei; pois na carne de suas circuncisões eles omitirão esta circuncisão de seus filhos, e todos eles, filhos de Beliar, deixarão de circuncidar seus filhos ao nascer. (Jub 15:33)

O nome de Beliar é encontrado com maior frequência no *Testamento dos Doze Patriarcas*, coletânea das últimas palavras proferidas pelos filhos de Jacó, da qual

¹¹⁹ O povo de Deus.

¹²⁰ As origens de um “anjo do mal” antecede o período do Segundo Templo, mas a tendência da imaginação apocalíptica em conceber a realidade em termos de oposição escatológica entre o Bem e o Mal daria àquele mito uma estatura que não havia desfrutado até então.

sobrevivem diversas cópias em diferentes línguas, algumas delas contendo interpolações cristãs.¹²¹ As peculiaridades desses textos sugerem, contudo, que o *Testamento* original foi provavelmente escrito em grego, embora inspirado por fontes hebraicas que datam do séc. II AEC (KEE, 1993: 777-778):

“E agora, meus filhos, façam seus corações virtuosos na visão de Deus, façam seus caminhos retos diante dos homens, e encontrarão graça continuamente com o Senhor e com os homens. Guardem-se da promiscuidade sexual porque a fornicção é a mãe de todas as ações perversas; ela afasta de Deus e aproxima os homens de Beliar”. (TSim 5: 2-3)

“E agora, meus filhos, tudo foi ouvido por vocês. Escolham por vocês mesmos luz ou escuridão, a lei do Senhor ou as ações de Beliar”. E seus filhos responderam: “Diante do Senhor viveremos de acordo com sua lei”. (TLevi 19: 1-3)

“Pois eu sei que após minha morte os egípcios os oprimirão, mas Deus operará a vingança por vocês e os levará até ao que foi prometido a seus pais. Vocês levarão meus ossos, pois quando estiverem lá estarão na luz com o Senhor, enquanto Beliar estará com os egípcios na escuridão”. (TJos 20: 1-3)

Os fragmentos dos “manuscritos do mar Morto” também revelam o *status* de Beliar como opositor aos desígnios de Deus pela comunidade de Qumran. De acordo com o *Rolo da Guerra*, inspirado no *Livro de Daniel*, Beliar é o “Príncipe do Mal” e o chefe das “forças das trevas” que lutariam contra o “exército da luz”, comandado pelo arcanjo Miguel, nas batalhas apocalípticas que antecederiam a idade messiânica. Auxiliando as “forças do bem” estariam dois Messias, um deles pertencente à classe sacerdotal (Aarão) e o outro à descendência de casa real de Davi. Ambos teriam papel importante na luta contra os “exércitos do mal”, mas a sorte da guerra somente decidida em uma sétima e última batalha, graças à intervenção direta de Deus (McGINN, 1996: 28-29):

Para o M[estre. A regra da] guerra sobre a liberação do ataque dos filhos da luz contra as falanges dos filhos das trevas, o exército de Beliar: contra o povo de Edom, Moab e os filhos de Amon¹²², e [contra

¹²¹ Estes documentos representam um tipo de literatura “rascunhada” do AT (cf. Gen 49), que só alcançaria sua maturidade à época do Segundo Templo. No texto do “testamento” o personagem que está prestes a morrer orienta os familiares em torno de seu leito a seguir o caminho da retidão, evitando as tentações.

¹²² Nomes dos antigos reinos situados ao sul, leste e noroeste da Judeia, respectivamente.

o exército dos filhos do leste] os filisteus, e contra o bando de Kitim da Assíria e seus aliados, os ímpios da Aliança. (1QM 1:1-5)

[...] mas estes devem escapar de suas mãos [mesmo] Edom, Moab e o chefe dos filhos de Amon [...] E naquele tempo se levantará Miguel, o grande Príncipe, que se levanta a favor dos filhos de seu povo; e haverá um tempo de angústia como nunca houve [...] E naquele tempo teu povo será libertado, todo aquele que estiver inscrito no livro. (Dan 11: 41; 12: 1)

Pelo menos dois outros textos da época do Segundo Templo mostram que o demônio Beliar podia também assumir características humanas. A *Ascensão de Isaías*,¹²³ um trabalho compósito com um núcleo de origem judaica acrescido por diversas interpolações cristãs, sugere que Beliar foi parcialmente incorporado a dois agentes humanos que servem de contraponto ao “par de Messias” descrito anteriormente – o injusto rei Manassés e o falso profeta Belchira (McGINN, 1996: 30):

E sucedeu que depois de Ezequias morrer Manassés tornou-se rei e não mais se lembrava das ordens de Ezequias, seu pai, mas esqueceu-se delas e Beliar apossou-se de Manassés e se agarrou a ele. E Manassés abandonou o serviço do Deus de seu pai e serviu a Satanás e seus anjos e seus poderes [...] E Manassés desviou seu coração para servir Beliar, pois o anjo do pecado, que é o senhor deste mundo, é Beliar. (AscenIsa 2: 1-4)

E havia certo homem em Samaria chamado Belchira, da família de Ezequias, o filho de Chenaã, um falso profeta, o qual morava em Belém [...] E ele trouxe muitas acusações contra Isaías e os profetas ante Manassés. Mas Beliar morava no coração de Manassés e no coração dos príncipes de Judá e Benjamim e dos eunucos e dos conselheiros do rei. E as palavras de Belchira o agradaram bastante e ele mandou prender Isaías. (AscenIsa 2: 12; 3:10-12)

Já no *Testamento de Moisés*,¹²⁴ cujo texto original guarda forte semelhança com o Deuterônomo (PRIEST, 1985: 921-923), os agentes apocalípticos são definitivamente humanos:

¹²³ A primeira parte é conhecida como *O Martírio de Isaías* e a segunda como as *Visões de Isaías*. O Martírio, por sua vez, é também uma obra compósita e inclui uma seção independente (3:13; 4:22), algumas vezes chamadas de *Testamento de Ezequias*.

¹²⁴ O *Testamento de Moisés* provavelmente data do séc. I EC.

E um rei arbitrário, que não será de uma família sacerdotal, os sucederá. Ele será um homem imprudente e perverso, e os julgará como merecem [...] Ele matará tanto jovens quanto idosos, sem mostrar misericórdia. Então o medo dele estará sobre eles em suas terras e por trinta e quatro anos ele imporá seu jugo sobre eles, como o fizeram os egípcios. E ele gerará herdeiros que o sucederão e reinarão depois dele por períodos mais curtos (TMos 6: 2-6)

Após sua morte virá à sua terra um poderoso rei do oeste, que os subjugará; e ele levará cativos e queimará parte de seu templo com fogo. Ele crucificará alguns deles nos arredores da cidade. (TMos 6: 8)

Quando isto tiver lugar, os tempos chegarão rapidamente ao fim. (TMos 7:1)

A referência aos trinta e quatro anos de governo claramente associa o “rei arbitrário” a Herodes, o Grande (37 AEC–4 EC), enquanto a queima parcial do templo e a crucificação dos rebeldes confirma a ação empreendida pelo cônsul romano Publius Quinctilius Varus, conforme também relata Josefo (CHAPMAN, 2008: 72):

[Herodes] morreu no quinto dia após ter provocado a morte de Antipater, tendo reinado, desde que havia conseguido que Antígono fosse morto, trinta e quatro anos; mas desde que havia sido declarado rei pelos romanos, trinta e sete. Foi igualmente um homem de grande barbaridade para todos os outros homens, e um escravo de sua paixão; mas acima da consideração do que era certo, foi favorecido pela fortuna mais do que qualquer outro jamais foi, pois sendo um homem comum, tornou-se rei. (Ant. 17.8.1)

Até que por fim os romanos, que estavam bastante preocupados pelo que havia sido feito, incendiaram as arcadas [...] Este fogo, sendo alimentado por uma grande quantidade de combustível tomou conta imediatamente do telhado das arcadas [do templo], de modo que a madeira, que estava cheia de piche e cera e cujo ouro havia sido colocado sobre ela com cera, se rendeu às chamas. (Ant. 17.10.2)

Diante disso, Varus mandou parte de seu exército para o interior, para procurar aqueles que haviam sido os autores da revolta; e quando eles foram descobertos, ele puniu alguns daqueles que foram os mais culpados, e liberou outros. E o número daqueles que foram crucificados por conta disso foi de dois mil. (Ant. 17.10.10)

A análise desses textos não parece deixar dúvidas: para seus autores, os personagens identificados com o mal não passavam de lideranças ilegítimas do povo

judeu temporariamente capazes de blasfemar contra o seu Deus, perseguir Seus seguidores, profanar Seu templo e perverter Suas leis.

2.2 O Anticristo no séc. I CE

Não há uma alusão direta ao Anticristo nos evangelhos, mas no “pequeno apocalipse” dos evangelhos sinóticos¹²⁵ podem ser encontradas algumas situações que fariam parte do cenário dos “últimos tempos”, especialmente em Marcos:

Quando virdes o sinal profano da desolação, o qual foi mencionado por Daniel,¹²⁶ o profeta, instalado onde não deveria estar (que o leitor entenda), então deixe aqueles que estão na Judeia escapar para a montanha.¹²⁷ [...] Pois naqueles dias haverá aflição tal como não houve desde o princípio da criação que Deus fez até agora e não haverá jamais.¹²⁸ (Mk 13: 14;19)

Então se alguém vos disser, “veja, aqui está o Messias” ou “veja lá”, não lhe dê crédito, pois falsos Messias e profetas mentirosos surgirão¹²⁹ e darão sinais e prodígios; e enganarão, se possível, até mesmo os eleitos. Mas vocês tenham cautela: veja, eu lhes contei tudo antecipadamente. (Mk 13: 21-23)

E naqueles dias, depois daquela atribulação, o sol escurecerá,¹³⁰ e a lua não dará sua claridade. E as estrelas cairão do céu; e os poderes do céu serão abalados. E então verá o Filho do Homem vindo das nuvens com grande poder e glória.¹³¹ E então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu. (Mk 13: 24-27)

Próximas ao “pequeno apocalipse”, as *Epístolas aos Tessalonicenses* diferem bastante em relação ao modo pelo qual tratam o tema. 1Thes tem seu foco na iminente volta de Jesus à Terra e não antecipa qualquer tipo de oposição efetiva ao seu retorno.

¹²⁵ Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são conhecidos como sinóticos por incluírem histórias semelhantes, na maioria das vezes na mesma sequência e com as mesmas palavras. O “pequeno apocalipse” refere-se ao trecho em que Jesus descreve o “final dos tempos”.

¹²⁶ “Tropas enviadas por ele virão profanar o santuário [...] introduzindo a abominação da desolação”. (Dan 11:31)

¹²⁷ “Foge para a montanha, para não pereceres”. (Gen 19:17)

¹²⁸ “Nesse tempo se levantará Miguel [...] Será um tempo de tal angústia qual jamais terá havido até aquele tempo”. (Dan 12:1)

¹²⁹ “Quando surgir em teu meio um profeta [...] e te apresentar um sinal ou prodígio [...] e ele te diz: vamos seguir outros deuses e servi-los”. (Deut 13:2)

¹³⁰ “Diante dele a terra se comove, os seus tremem, o sol e a lua escurecem e as estrelas perdem o seu brilho”! (Joel 2:10)

¹³¹ “Quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do Homem”. (Dan 7:13)

Não há, nesse texto, referências diretas ao Anticristo, situação bem diferente da encontrada em 2Thes. Embora não mencione esse nome de forma explícita, 2Thes faz um relato detalhado do “inimigo final” da humanidade e apoiada em diversos paralelos bíblicos, descreve a série de acontecimentos que antecederão a chegada dos “últimos tempos”:

Mas rogamos a vocês, meus irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus, o Messias, e no que diz respeito à nossa reunião com ele, que não agitem desde já seus pensamentos nem se sintam perturbados¹³² por palavras, oráculos ou cartas como se vindas de nós, dizendo que o dia do Senhor estar próximo. Não vos deixeis enganar de modo algum¹³³ [pois este dia não virá] a menos que venha primeiro uma apostasia e o Homem do Pecado, o Filho da Perdição, seja revelado; o qual é um adversário, que se coloca acima de tudo que se chama Deus e objeto de veneração, de modo que também toma assento no templo de Deus,¹³⁴ como um deus e se mostra como se Deus fosse. Não vos lembrais que quando estava com vocês eu lhes dizia essas coisas? E agora sabeis o que impediu de se manifestar neste tempo, pois o mistério da impiedade já começou a se efetivar, e somente se aquilo que está agora escondido em seu interior for retirado, só então aquele homem ímpio será finalmente revelado, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca¹³⁵ e aniquilará pela revelação de sua vinda. Pois a vinda desse homem ímpio é obra de Satanás, com todos os poderes, sinais e prodígios da mentira.¹³⁶ E com todas as seduções da injustiça, as quais são feitas para aqueles que se perdem porque não aceitaram o amor da verdade, pelo qual poderiam ser salvos. Portanto Deus lhes mandará o poder da sedução para acreditarem na mentira; e serem todos condenados, os que não acreditam na verdade, mas encontram prazer na iniquidade. (2Thes 2: 1-12)

Na segunda metade do séc. I a figura do Anticristo passou a ser identificada com Nero (37–68 EC), o primeiro imperador romano a perseguir os cristãos. A popularidade obtida pelos termos favoráveis dos tratados de paz com os partos, alguns aspectos bizarros de sua vida pessoal e as circunstâncias misteriosas de sua morte iriam também contribuir para a construção de uma imagem que se consolidaria como inimiga de Cristo e seus seguidores, conforme informa Tácito (ca.56–ca.117), nos *Anais*:

¹³² “Cuidado para não vos alarmastes. É preciso que essas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim”. (Mt 24:6)

¹³³ “Atenção para que ninguém vos engane”. (Mk 13:5)

¹³⁴ “E sobre a nave do Templo estará a abominação da desolação até o fim, até o termo fixado para o desolador”. (Dan 9.27)

¹³⁵ “Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca e com o sopro de seus lábios matará o ímpio”. (Isa 11:4)

¹³⁶ “Hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, os quais apresentarão sinais e prodígios”. (Mk13:22)

Consequentemente, para se livrar das suspeitas,¹³⁷ Nero colocou a culpa e infligiu as mais requintadas torturas a uma classe odiada por suas abominações, chamada de cristãos pelo populacho. Cristo, de quem o nome se originou, sofreu a pena capital durante o reinado de Tibério nas mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos; e essa superstição bastante perturbadora, até então sob controle, alastrou-se novamente, não só na Judeia, a primeira fonte do mal, como também em Roma, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas de todas as partes do mundo encontram o seu centro e tornam-se populares. (Anais 15:44)

É ainda Tácito que acrescenta, desta vez nas *Historias*, que muitos acreditavam que o Imperador não morrera, mas escapara para as províncias do leste, de onde retornaria para recuperar seu trono:

Neste tempo a Aqueia¹³⁸ e a Ásia Menor estavam aterrorizados por um falso relatório de que Nero estaria próximo. Vários rumores corriam a respeito de sua morte, e por isso havia muitos que fingiam ou acreditavam que ele ainda estivesse vivo. As aventuras e os empreendimentos dos outros pretendentes eu irei relatar no momento devido do meu trabalho. O pretendente neste caso era um escravo de Pontus ou, de acordo com alguns relatos, um liberto da Itália, um hábil harpista e cantor, cujas realizações, somadas à semelhança do rosto, davam uma plausibilidade muito enganosa às suas pretensões. (*Historias* 2:8).

A crença na volta de Nero logo seria incorporada às ideias apocalípticas judaicas, especialmente nos *Oráculos Sibilinos*, textos que procuravam uma tentativa de encontrar um modo de expressão comum a gentios e judeus (e eventualmente, cristãos) com conteúdo predominantemente escatológico. Incorporando muitas vezes temas e lendas populares tinham, contudo, natureza predominantemente política e mantiveram seu foco principalmente nas transformações dos costumes e na eventual “chegada de um reino glorioso” (COLLINS, 1983: 322-323).

Nos *Oráculos Sibilinos* Nero é caracterizado como o oponente escatológico do messias (Livro 5), mencionado como um vingador (Livro 4) e identificado com o demônio Beliar (Livro 3):

¹³⁷ As suspeitas, segundo Tácito, estariam relacionadas à possibilidade de ter partido de Nero a ordem para incendiar Roma.

¹³⁸ Província romana que correspondia, em sua maior parte, à região do Peloponeso, na Grécia moderna.

Então um grande rei escapará da Itália como um escravo fugido, sem ser visto ou ouvido sobre o canal do Eufrates, quando se atrever a incorrer em uma maldição materna por repulsivo assassinato e muitas outras coisas, confiantemente, com a mão perversa. Quando ele fugir, além das terras da Pártia, muitos irão ensanguentar o solo pelo trono de Roma [...] Então o conflito da guerra, tendo surgido, virá para o oeste, e o fugitivo de Roma também virá, brandindo uma grande lança, tendo cruzado o Eufrates com muitos milhares. (SibOr 4: 120;135)

Um homem que é um matricida virá dos confins da terra [...] Ele destruirá toda a terra e conquistará tudo e considerará todas as coisas mais sabiamente que qualquer homem. Ele irá imediatamente capturar aquele por causa de quem foi ele mesmo destruído. Ele destruirá muitos homens e grandes soberanos e lançará ao fogo mais homens do que alguém jamais possa ter [lançado]. Pois sobre os homens choverá fogo do assoalho do firmamento, fogo e sangue, água, raios de luz, trevas, noite celestial e destruição na guerra, e uma névoa sobre os mortos destruirá de uma vez todos os reis e nobres. Então a lamentável destruição da guerra cessará e ninguém mais lutará com espadas ou ferro ou qualquer tipo de arma, as quais não serão mais permitidas. O sábio povo que sobreviveu terá paz tendo experimentado o mal, de modo a mais tarde poder se alegrar. (SibOr 5: 363-385)

Então Beliar virá de Sebastenoi,¹³⁹ e elevará a altura de das montanhas e o nível do mar, o grande e ardente sol e a brilhante lua e ressuscitará os mortos e fará muitos sinais para os homens [...] Mas ele também desviará os homens e desviará muitos dos que têm fé, os escolhidos hebreus e também outros homens pecadores, que ainda não ouviram as palavras de Deus. Mas quando as ameaças do grande Deus se aproximarem, e um poder incandescente vier através do mar para a terra, Beliar e todos os homens arrogantes também serão queimados, tantos quanto os que nele põem fé. (SibOr 3: 63-74)

A identificação de Nero com Beliar em SibOr 3 se aproxima bastante do texto de uma interpolação cristã (3:13 / 4:22) feita ao núcleo judaico da *Ascensão de Isaías*, o qual descreve uma visão do profeta que lhe empresta o nome:

[...] Beliar o grande soberano, o rei deste mundo, sobre o qual sempre exerceu domínio desde que existe, descerá; sim, ele descerá do seu firmamento na forma de um homem, um rei pecador, o assassino de sua mãe, ele mesmo, este rei. E irá perseguir a planta que os doze apóstolos do Bem-amado plantarão e um dos doze será entregue em suas mãos. Este soberano na forma de um rei virá muitas vezes e com ele virão todos os poderes deste mundo e lhe darão ouvidos em tudo que desejar. E ao seu comando o sol se levantará à noite e ele fará a lua

¹³⁹ Provavelmente com o significado “vindo da linhagem de Augusto” e não como “vindo de Sebaste”, nome atribuído à Samaria por Herodes, em honra a Augusto.

aparecer na sexta hora. E tudo que ele desejar ele fará neste mundo: ele vai agir e falar como o Bem-Amado e dirá: “Eu sou Deus e diante de mim não há ninguém”. E todos os povos do mundo acreditarão nele e oferecerão sacrifícios a ele e o servirão, dizendo: Este é o Deus e além dele não há nenhum outro. (AscenIsa 4:1-7)

O uso da lenda do retorno de Nero encontraria, todavia, sua maior expressão no *Apocalipse de João*. Nesse texto, em vez de incarnado em um demônio, a associação simbólica do imperador e seu Império com o Anticristo se faz por meio de uma “besta que sobe do abismo” e outra, de sete cabeças e dez chifres, que “sobe do mar” (McGINN, 1996: 51):

E quando acabarem o seu testemunho, a besta selvagem que sobe do abismo, fará guerra contra eles e deve superá-los. (Rev. 11: 7)

E eu vi um animal selvagem subindo do mar, tinha dez chifres e sete cabeças, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes blasfemos. E a fera que vi era semelhante ao leopardo e os seus pés eram como os pés de um urso e a sua boca como a de um leão: e o Dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono, e grande autoridade. E uma de suas cabeças estava como que ferida de morte, mas a sua ferida mortal foi curada: e todo o mundo se perguntou sobre a fera. E adoraram o Dragão, porque ele tinha dado autoridade para esta fera selvagem e quem pode fazer a guerra contra ela? (Ap. 13: 1- 4)

A dependência da visão em Rev. 13 com Dan 7 é evidente, mas a identidade da “fera selvagem” que recuperou-se de uma ferida que parecia mortal só é definitivamente identificada como sendo Nero no cap. 17, o rei que “havia sido e já não era, mas retornaria”:

A fera que vistes, foi e já não é, e está pronta para subir do abismo e caminha para ser destruída; e os que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, devem pensar quando virem a besta que era e já não é, cujo fim chegou agora. Aqui está o entendimento para aquele que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada. E são também sete reis, dos quais cinco já caíram, um é e o outro ainda não veio, e quando ele vier, deverá ser por apenas um curto período de tempo. E o fera que era, e já não é, ela mesmo é o oitavo, e é um dos sete destinados a serem destruídos. (Rev. 17: 8-11)

A denominação “Anticristo”¹⁴⁰ não é, no entanto, mencionada no *Livro do Apocalipse*. Sua utilização inicial é encontrada nas *Epístolas de São João*, os primeiros textos a fazerem referência explícita ao termo:

Meus filhos, é a última vez, e como vocês já ouviram falar que um falso Cristo virá, mesmo agora há muitos falsos Cristos e a partir disso, sabemos que é a última vez. Eles saíram de entre nós, mas não eram de nós, porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco, mas eles nos deixaram, de modo que pode ser manifestado que não pertenciam a nós. Mas vocês foram ungidos pelo Santo, e vocês estão habilitados a distinguir entre os homens. Eu vos escrevi, não porque vocês não sabem a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Ele é um falso Cristo, e quem nega o Pai nega o Filho, também. (1Jn 2: 18-22)

Por isso, o Espírito de Deus é conhecido, todo o espírito que confessa que Jesus, o Messias veio em carne é de Deus. Todo espírito que não confessa que Jesus, o Messias veio em carne, não é de Deus, mas é do falso Messias, de quem tendes ouvido que virá e que já está no mundo agora. (1Jn 4: 2-3)

Porque muitos sedutores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus, o Messias, já veio em carne. Este é o sedutor e o Anticristo. (2Jn 1:7)

2.3 O desenvolvimento do Anticristo nos sécs. II e III EC

São esparsos os testemunhos sobre o Anticristo no início do séc. II e o mais antigo deles parece ser o encontrado na *Didache*,¹⁴¹ um documento anônimo que ensinava como adaptar “o caminho de Jesus” às exigências da vida cotidiana das primeiras comunidades cristãs (MILAVEC, 2003: ix). Alusões ao Anticristo aparecem em seu capítulo final, cujo texto guarda semelhanças com o “pequeno apocalipse” do *Evangelho de Mateus*:

Pois nos últimos dias falsos profetas e corruptos se multiplicarão e ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio; pois quando a ilegalidade aumentar, eles se odiarão, se perseguirão e se trairão uns aos outros. E então aparecerá o impostor do mundo como o

¹⁴⁰ O termo “Anticristo”, tanto no singular como no plural, foi muitas vezes substituído por “falso Cristo” ou “falso Messias” e também por “Grande Sedutor” ou “Impostor do mundo”.

¹⁴¹ O texto é também conhecido como *Ensinamentos do Senhor aos Gentios pelos Doze Apóstolos*.

Filho de Deus e ele fará sinais e prodígios e a terra será entregue em suas mãos; e ele fará coisas iníquas as quais nunca tinham antes acontecido, desde o começo [do mundo]. (Did 16: 3-5)

Policarpo (ca.70–ca.156), em sua *Epístola aos Filipenses*, e Justino o Mártir, no *Diálogo com Trypho*, são mais explícitos em seus comentários a respeito do Anticristo, cujo nome é mencionado no primeiro e associado ao *Livro de Daniel* no segundo, mais uma vez sugerindo que essa “tradição tenha tido origem judaica” (LIETARD PEERBOLTE, 1996: 92):

Pois quem não confessa que Jesus Cristo veio encarnado, este é o Anticristo e quem não confessa seu sofrimento na cruz, este é do diabo. (PolPhil 7: 1).

[...] e aquele que Daniel previu que teria domínio por um tempo, tempos e metade de um tempo, já se encontra à porta, prestes a falar coisas blasfemas e ousadas contra o Altíssimo. (DialTry 32: 3-4)

Ó homens irracionais! Não compreendem que foi provado, por todas essas passagens, que dois adventos de Cristo foram anunciados: o primeiro, no qual Ele é apresentado como sofredor, inglório, desonrado e crucificado; mas no outro, em que Ele virá do céu em glória, quando o homem da apostasia, que fala coisas estranhas contra o Altíssimo deve se aventurar a fazer atos ilícitos na Terra contra nós, os cristãos. (DialTry 110: 2)

Outra importante referência ao Anticristo neste período encontra-se no *Apocalipse de Pedro*, o primeiro documento cristão a descrever o céu e o inferno. Escrito ainda na primeira metade do séc. II, seu texto identificaria o Anticristo com Bar Kochba, o líder da revolta judaica contra Roma, entre 132 – 135 E.C. (ELLIOTT, 2012: 1):

Você ainda não entendeu que a figueira é a casa de Israel? Em verdade vos digo, quando seus brotos surgirem nos últimos dias, então virão falsos Cristos que despertarão expectativas, dizendo: “Eu sou o Cristo, que agora veio ao mundo”. E quando eles perceberem a maldade das suas ações, irão se desviar e negar que era ele que nossos pais louvaram, o primeiro Cristo, a quem crucificaram e portanto cometeram um grande pecado. Mas este impostor não é o Cristo. E quando eles o rejeitarem, ele os matará com a espada e haverá muitos mártires. (ApPtr 2)

Ao final do séc. II a lenda do Anticristo já estava, aparentemente, bem estabelecida, conforme Irineu de Lyon, discípulo de Policarpo, escreve em *Adversus Haereses*. Nessa obra, é possível perceber que Irineu faz uso de diversas passagens do Antigo e do Novo Testamentos para compor a figura do “grande sedutor” em uma única pessoa, ainda por vir (McGINN, 1996: 59):

E não só por conta das indicações já mencionadas, mas também por meio dos eventos que irão ocorrer ao tempo do Anticristo, está demonstrado que sendo ele um apóstata e ladrão, está ansioso para ser adorado com um Deus; e que, embora um mero escravo, deseja ser proclamado rei. Pois ele [Anticristo], estando revestido com todo o poder de Satanás, virá não como um rei justo, nem como rei legítimo, obediente a Deus, mas como um [rei] impiedoso, injusto e sem lei. (AH 5, 25:1)

Esses homens, portanto devem [...] esperar, em primeiro lugar, a divisão do reino em dez;¹⁴² então, em seguida, quando estes reis estiverem reinando e começando a colocar seus negócios em ordem e promovendo seus reinos [deixe-os aprender] a reconhecer aquele que virá reclamar o reino para si mesmo e aterrorizar aqueles homens de quem temos falado [...] Isto, também, o apóstolo afirma: “Quando eles disserem paz e segurança!, então virá sobre eles repentina destruição”.¹⁴³ E Jeremias não se limita a apontar sua vinda repentina, mas ele mesmo indica a tribo de onde ele virá, onde ele diz: “Ouviremos a voz dos velozes cavalos de Dan; toda a terra tremerá ao som do relinchar de seus cavalos a galope: ele também virá e devorará a terra e sua plenitude; também a cidade e aqueles que nela habitam”.¹⁴⁴ Esta, também, é a razão pela qual essa tribo não é considerada, no Apocalipse, juntamente com aquelas que serão salvas.¹⁴⁵ (AH 5, 30:2)

Hipólito consolida o ponto de vista de Irineu, acrescentando que a vinda do Anticristo ocorrerá num futuro relativamente distante, após a divisão do Império Romano em dez reinos:

E os dez chifres que viste são dez reis que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora com a besta. Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta. Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, e os que estão com ele serão os

¹⁴² Cf. Dan 7:24.

¹⁴³ Cf. 1Thes 5:3.

¹⁴⁴ Cf. Jer 8:16.

¹⁴⁵ Cf. Rev 7:3-8.

chamados e escolhidos [...] Pois Deus pôs em seus corações que cumpram a sua vontade e concordem em dar seus reinos à besta, até que as palavras de Deus sejam cumpridas. (Anti 38-39)

Tertuliano, contemporâneo de ambos, acrescenta mais um importante componente à construção da lenda ao identificar no Império Romano, tanto na *Apologia* quanto na *Ressurreição da Carne*, “aquilo que ainda retém”¹⁴⁶ o aparecimento do “filho da perdição”:

Há também outra e maior necessidade para nossa oferta de oração em nome dos imperadores para completa uma melhor estabilidade do império, e para os interesses de Roma, em geral. Pois sabemos que um poderoso choque pende sobre toda a Terra – na verdade, o fim de todas as coisas, ameaçando desgraças terríveis – que só é retardado pela existência do império Romano. Não temos nenhum desejo, portanto, em sermos ultrapassados por estes eventos extremos. (Apologia 32)

Pois esse dia não virá, a não ser que realmente primeiro venha a apostasia e que o homem do pecado será revelado, ou seja, o Anticristo, o filho da perdição. Vocês não se lembram que, quando eu estava com vocês, eu costumava dizer-vos estas coisas? E agora você sabe o que detém, de modo que possa ser revelado em seu tempo [...] Qual obstáculo está lá, a não ser o Estado romano, a queda do qual, espalhada em dez reinos, deverá introduzir o Anticristo [sobre suas próprias ruínas]? (ResCar 24)

Orígenes, que viveu pouco depois de Tertuliano, também considerava o Anticristo “um filho de Satanás”, mas justificou a necessidade de sua existência por meio de uma leitura mais espiritualizada da Bíblia, conforme revelou em *Contra Celsus*:

Mas desde que Celso rejeita as afirmações sobre o Anticristo, como é chamado, não tendo lido sobre ele nem no Livro de Daniel nem nos escritos de Paulo [...] devemos fazer algumas observações sobre esse assunto também, pois como “rostos não se parecem com rostos”,¹⁴⁷ também os corações dos homens não se parecem uns com os outros [...] Onde está o absurdo então em manter que existem entre os homens, por assim dizer, dois extremos – um da virtude e o outro seu oposto –, de modo que a perfeição da virtude habita no homem que compreende o ideal dado em Jesus, de quem fluiu para a raça humana tão grande conversão, cura e melhora, enquanto no extremo oposto está o homem que incorpora a noção daquele que é chamado de

¹⁴⁶ Cf. 2Thes 2:6-8.

¹⁴⁷ Cf. Pr 27:19.

Anticristo? [...] Foi apropriado [portanto] que um desses dois extremos, o melhor dos dois, fosse chamado de “Filho de Deus”, por conta de sua preeminência; e o outro, que é diametralmente oposto, de “filho de um demônio perverso”, de “Satã” e do “diabo”. E desde que o mal é especialmente caracterizado por sua difusão, e alcança sua maior altura quando simula a aparência do bem, sinais, prodígios e milagres são encontrados acompanhando o mal, graças à cooperação de seu pai, o diabo. (CntCel 6. 45)

As Escrituras e a obra dos “Padres da Igreja” sugerem, portanto, que a imagem do Anticristo era entendida, pelo menos no início do séc. III EC, como a de um “falso messias” (humano ou demoníaco, judeu ou gentio), que surgiria na Palestina após a dissolução do Império Romano e cujo reino, de curta duração, antecederia a segunda vinda do Cristo à Terra. Essa imagem, todavia, começaria a ser retrabalhada a partir do surgimento da tradição de um duplo Anticristo e das tentativas em descrevê-lo(s).

2.4 O duplo Anticristo e a descrição de sua aparência física

A crença na existência de dois Anticristos parece ter sido um fenômeno particular da cristandade latina, descrito em versos por Comodiano¹⁴⁸ em meados do séc. III e em prosa por Lactâncio, naquela que é considerada sua principal obra, *Divinarum Institutionum*,¹⁴⁹ escrita na primeira década do séc. IV.

Comodiano relata em seu poema *Carmen de Duobus Populis*¹⁵⁰ que Nero, o primeiro Anticristo, será morto por “por um rei que virá do Oriente”, o qual, após realizar muitas façanhas, será por sua vez derrotado por Deus no final dos tempos. Lactâncio, por sua vez, mistura fontes pagãs com as escrituras para convencer seus leitores que o fim está próximo. Em seu texto, o final dos tempos seria precedido por um “poderoso inimigo vindo do norte”, que após “afligir o mundo com uma tirania insuportável”, seria substituído por um “rei nascido de um espírito maléfico, vindo da Síria”, o verdadeiro Anticristo (MCGINN, 1996: 66-68):

Um rei vindo do leste com quatro nações, levanta-se mais uma vez para derrotar Nero [...] Vindo da Pérsia, esse homem disse que era imortal [...] Estes dois são os profetas dos fins dos tempos. Nero é o destruidor da cidade [Roma], neste caso, a totalidade da terra: conto apenas algumas das coisas que tenho lido sobre ele. (Carmen 932-936)

¹⁴⁸ Comodiano (séc. III EC) é considerado o mais antigo poeta cristão a escrever em latim.

¹⁴⁹ *Instituição Divina*.

¹⁵⁰ *Canção de Duas Pessoas*.

Em primeiro lugar, o reino será ampliado, e o poder, disperso entre muitos e dividido, será diminuído. Então discórdias civis serão perpetuamente semeadas [...] dez reis surgirão ao mesmo tempo, que irão dividir o mundo, não para governar, mas para o consumir [...] Em seguida, um inimigo mais poderoso surgirá contra eles a partir dos limites extremos da região Norte [...] que deve ser admitido à aliança com os outros, e será constituído príncipe de todos. Ele deve incomodar o mundo com uma tirania intolerável [...] (InstDiv 16)

Quando o fim dos tempos se aproximar, um grande profeta será enviado para levar aos homens o conhecimento de Deus, e ele deve receber o poder de fazer coisas maravilhosas [...] Por estes prodígios e poderes ele converterá muitos à adoração de Deus. E quando as suas obras estiverem cumpridas, outro rei se levantará na Síria, nascido de um espírito maligno, o conquistador e destruidor da raça humana, que destruirá o que foi deixado pelo mal que o precedeu [...] Ele lutará contra o profeta de Deus, o vencerá, o matará e o deixará insepulto; mas ao terceiro dia ele voltará à vida. E enquanto todos olham maravilhados, ele será apanhado e levado aos céus. Mas esse rei não será somente desgraçado em si mesmo, mas também será um profeta de mentiras; ele irá se constituir e se chamar o próprio Deus, e vai ordenar ser adorado como o Filho de Deus. (InstDiv 17)

Então, ele vai tentar destruir o templo de Deus, e perseguir os justos e haverá angústia e tribulação tais como nunca houve desde o início do mundo [...] Quando estas coisas acontecerem, então os justos e os seguidores da verdade vão se separar dos maus e fugir. E quando souber disso o rei ímpio, inflamado pela raiva, virá com um grande exército e cercará a montanha em que o justo se escondeu. Mas quando eles se virem [...] sitiados invocarão a Deus em alta voz, e implorarão o auxílio do céu, e Deus os ouvirá e irá enviar do céu um grande rei para os resgatar e libertar e destruirá todos os ímpios com fogo e espada. (InstDiv 17)

Lactâncio, embora claramente inspirado por João em *Institutionum*, não considera Nero como sendo o “inimigo que virá do norte” e nem chama o “rei que se levantará na Síria” de Anticristo. Além disso, e também diferentemente do *Apocalipse*,¹⁵¹ seu texto utiliza apenas um profeta em vez de dois.

À duplicidade do Anticristo, aparentemente restrita à tradição latina, adicionou-se a partir do séc. III a preocupação com a descrição de sua aparência física. Embora uma das mais importantes e difundidas contribuições para o desenvolvimento da lenda, essa novidade ficou praticamente limitada à cristandade oriental. *Testamentum Dominum*,¹⁵² um texto anônimo de origem grega daquela

¹⁵¹ Cf. Rev 11: 3-12.

¹⁵² *Testamento do Nosso Senhor*.

época, mas conhecido por uma tradução siríaca do séc. VII, descreve as feições do Anticristo da seguinte maneira (COOPER & MACLEAN, 1902: 5):

E esses são os sinais dele: sua cabeça [é] como uma chama de fogo, seu olho direito manchado de sangue, seu [olho] esquerdo preto-azulado e ele tem duas pupilas. Suas sobrancelhas são brancas e seu lábio inferior é grande, mas sua coxa direita fina e seus pés largos. Seu polegar é chato e [tem uma] ferida. (TestDom: 1:11)

Além da aparência, o texto do *Apocalipse de Elias* revela “que ele [Anticristo] multiplicará seus sinais e seus prodígios na presença de muitos, fazendo as mesmas ações que o Cristo fez, exceto por ressuscitar os mortos”, enquanto no *Apocalipse do Santo Teólogo João* (séc. V), um diálogo pós-ressurreição entre Jesus e seus discípulos, o Anticristo, além de descrito, é identificado por uma inscrição em sua testa:

Pois veja, eu lhe contarei seus sinais, de modo que você possa reconhecê-lo: ele é um jovem de pernas finas, com um tufo de cabelos grisalhos na frente de sua cabeça calva. Suas sobrancelhas alcançam seus ouvidos e existe uma marca de lepra na palma de suas mãos. Ele se transformará na presença daqueles que o veem [...] mas os sinais na sua cabeça ele não conseguirá mudar. (ApEl 3:14-17)

“Senhor, revela-me como ele é. E ouvi uma voz que me dizia: A aparência do rosto é sombria, seus cabelos como pontas de flechas, as sobrancelhas ásperas; seu olho direito é como a estrela da manhã e o esquerdo como o de um leão; sua boca tem um cúbito de largura, os dentes um palmo de comprimento, os dedos são como foices. Suas pegadas têm dois cúbitos de comprimento, e na testa está escrito Anticristo”. (ApStTJn 6-8)

2.5 O Anticristo entre os sécs. IV e VI EC

O texto da *Leitura Catequética* de número 15, dedicada à exegese de Dan 7, em Cirilo (ca.315–386), bispo de Jerusalém, e o do discurso *Sobre o fim do Mundo*, em Pseudo-Hipólito, revelam que a incorporação da imagem do Anticristo à época da cristianização do Império Romano¹⁵³ já havia sido definitivamente assimilada, embora de forma assimétrica. Assim, enquanto Cirilo, por exemplo, orientava sua audiência a

¹⁵³ O acordo entre Constantino e Licínio em Milão permitindo que os cristãos fossem tratados de “forma benevolente” data de 313 EC.

identificar o Anticristo dissociando suas ações daquelas do verdadeiro Cristo, Pseudo-Hipólito as igualava:

Agora que o verdadeiro Cristo está para vir uma segunda vez, o adversário [...] traz certo homem que é um mágico experiente em bruxarias e encantos de astúcia sedutora, que tomará para si o poder do império romano e falsamente se considerará o próprio Cristo; enganando os judeus, que estão procurando o Ungido e seduzindo os gentios por suas ilusões mágicas. Mas este citado Anticristo virá quando os tempos do Império Romano tiverem sido cumpridos, e o fim do mundo estiver prestes a chegar. Dez reis dos romanos deverão se levantar juntos, reinando em diferentes partes talvez, mas todos ao mesmo tempo; e depois destes, um décimo primeiro, o Anticristo, que, por seu ofício mágico, vai apoderar-se do poder romano. (Cat.Lect 15: 11-12)

Pois em todos os aspectos esse simulador procura se fazer parecer com o Filho de Deus. Cristo é um leão, e Anticristo é um leão. Cristo é o Rei das coisas celestes e terrenas, e o Anticristo será rei sobre a terra. O Salvador se manifestou como um cordeiro, e ele também vai aparecer como um cordeiro, enquanto ele é um lobo por dentro [...] Cristo reuniu as ovelhas dispersas e ele, do mesmo modo, reunirá os povos dispersos dos hebreus. Cristo deu aos que nele creem a honrada e vivificante cruz, e ele, do mesmo modo, dará seu próprio sinal. Cristo apareceu em forma de homem, e ele do mesmo modo, virá na forma de homem. Cristo surgiu entre os hebreus, e ele irá aparecer entre os judeus. Cristo exibiu sua carne como um templo, e a ressuscitou no terceiro dia, e ele também irá levantar novamente o templo de pedra em Jerusalém. (Ps.Hipp 20)

2.6 O Anticristo nos Apocalipses Siríacos

A rápida mudança da situação política na fronteira leste do Império Romano a partir do último quartel do séc. VI, inicialmente em consequência das guerras contra o Império Sassânida (572–591 e 602–628) e posteriormente em razão da invasão muçulmana (a partir de 634), foi descrita nos textos apocalípticos siríacos do séc. VII como evidência inequívoca de que o fim estava próximo e conseqüentemente, da chegada do Anticristo. Inspirados na interpretação dos caps. 7 e 11 do *Livro de Daniel* ajudaram a estabelecer de modo definitivo a tradição do Anticristo nos apocalipses bizantinos (ALEXANDER, 1985: 193):

Será depois daqueles dias [que] uma mulher irá gerar um filho da casa de Levi, e serão vistos neles estes sinais: eles serão desenhados em sua

pele como se fossem armas de guerra [...] Sua aparência será a de uma fornalha em chamas e seus olhos como carvão em brasa [...] Quando essas coisas tiverem acontecido, saibam que a chegada do Desalmado está próxima [...] E estes são seus sinais: a aparência de sua estatura e de sua cabeça é grande, seu cabelo [como] a crista de um galo, seus olhos brilhantes, suas sobrancelhas elevadas [...] Seu pescoço é forte, seu peito largo, seus braços longos e seus dedos curtos. (Jovem 8: 1-13)

Será naqueles dias que uma mulher irá gerar um filho da casa de Levi e nele aparecerão estes sinais e eles serão desenhados em sua pele, como se fossem armas de guerra [...] Sua aparência será como a de uma fornalha em chamas e seus olhos como carvão em brasa [...] Quando esses sinais começarem a acontecer, então o advento do Desalmado [...] começará a aparecer. E estes são seus sinais e a amedrontadora aparência de sua estatura: sua cabeça é grande e seu cabelo brilhante, seus olhos azuis e seu pescoço, forte; suas sobrancelhas são altas, seu peito largo, seus braços longos e seus dedos, curtos. (DanSyr 21-2)

E quando a iniquidade se tornar abundante na terra e tiver poluído toda a criação, então haverá um julgamento o qual destruirá totalmente o povo. O filho da perdição, o Maligno, irá surgir e vir sobre a terra. Um enganador da humanidade, um instigador de problemas por toda a terra. No dia em que ele chegar a ela, (quando) o filho da perdição chegar à Terra, a ordem estabelecida será lançada em comoção e terror vai engolir a Terra. (Ps.Efrem: 119-122)

Quando o Império Romano começar a ser consumido pela espada, a vinda do Maligno estará próxima. É necessário que o mundo acabe com o fim do Império Romano. Naqueles dias, dois irmãos governarão o Império Romano com uma só mente ¹⁵⁴, mas porque um irá superar o outro, haverá um cisma entre eles. E assim, o Inimigo será solto e irá estimular o ódio entre os Impérios Persa e Romano. (Lt.Ps.Efrem: 1)

Após uma semana de aflição, todos eles serão destruídos na planície de Joppa; para lá irão todas aquelas pessoas com suas esposas e seus filhos e suas filhas, e por ordem de Deus, hostes de anjos irão descer e destruí-los em um momento. Uma semana e meia após a destruição desses desgraçados deve o “Filho da Perdição” aparecer. (PsMeth, 54;55)

¹⁵⁴ Os dois irmãos seriam Valentiniano e Valente, que governaram juntos o Império Romano entre 364–375.

CAPÍTULO 3

O Apocalipse Siríaco de Daniel: Texto e Tradução com Notas ¹⁵⁵

¹⁵⁵ O apocalipse foi traduzido para o português a partir do *facsimile* do único manuscrito conhecido, o qual encontra-se depositado na Biblioteca Houghton da Universidade de Harvard. A divisão em capítulos adotada obedece àquela proposta pelo Prof. Matthias Henze (2001). As citações referentes aos livros bíblicos correspondem à *Peshitta* e os colchetes representam inserções editoriais.

2.2 Tradução

Pelo poder de Deus escrevemos a revelação que foi revelada / a Daniel, o Profeta, na terra da Pérsia e Elam.

1 - No reinado de Dario, o Medo, que governou a Pérsia e o reino / de Alpahtan,¹⁵⁶ Rei da Babilônia, eu tinha visto estas visões, eu, Daniel, o profeta. / E estas profecias foram reveladas a mim após aquelas visões que eu tinha visto e a profecia / que me foi revelada pelo Espírito Santo nos anos de Nabucodonosor, rei / da Babilônia, o qual havia ido à terra de Judá e à cidade santa de Jerusalém, / como havia sido mandado por Deus, para sitiá-la e sobre ela trazer grande atribulação.

2 - O rei Nabucodonosor tinha vindo à terra de Judá e a sitiou,¹⁵⁷ / e Deus a deu em suas mãos. E ele a saqueou, a destruiu, a subjugou e a conduziu ao cativo. / E tomou o tesouro que estava no templo de Deus e todos os objetos de culto / do santuário: o ouro e a prata, taças e vasos, os belos aspersórios,¹⁵⁸ / garfos e jarras, a mesa do altar e o candelabro de sete braços, / os pilares de ouro de dentro do tabernáculo e o grande éfode / que o sumo sacerdote usava, no qual havia doze pedras / nos ombros com os nomes dos filhos de Jacó escritos nelas.¹⁵⁹ E as vestes, / as pedras preciosas, safiras e berilos que estavam no santuário desde / o tempo do rei Davi, e de seu filho Salomão, depois dele, e todo o tesouro do rei Salomão / e de todos os que foram reis depois dele em Jerusalém. E até mesmo o grande trono / de ouro sobre o qual o rei Salomão usava se sentar. E o rei / Nabucodonosor tomou o butim¹⁶⁰ e o espólio de Jerusalém: as mulheres e os jovens, o gado / e os animais, as vestimentas ornadas, além de ouro e prata. / E tomou os magníficos objetos de culto com ele e os trouxe com ele para a terra da Babilônia.

¹⁵⁶ O nome deste rei não é conhecido de nenhuma outra fonte síriaca.

¹⁵⁷ Síriaco *nqš* (acampar, ocupar, sitiar).

¹⁵⁸ Síriaco *zqr* tem o significado de “borrifar” e a tradução segue a sugestão de Henze.

¹⁵⁹ Segundo o Êxodo, o éfode (vestimenta de linho usada pelo sumo sacerdote, tecida com fios coloridos e bordados de ouro) continha apenas duas pedras: “Tomarás duas pedras de ônix e gravarás nelas os nomes dos israelitas. Seis nomes em uma e os outros seis na outra, por ordem de nascimento”. (Ex 28:9-10)

¹⁶⁰ Em 2Br o tesouro é levado por um anjo antes de a cidade ser tomada por Nabucodonosor: “E eu vi que ele [...] levou de lá a cortina, o éfode, o propiciatório, as duas mesas, as vestes sagradas dos sacerdotes, o altar de incenso, as quarenta e oito pedras preciosas com as quais os sacerdotes eram vestidos e os objetos sagrados do tabernáculo”. (2Br 6:7)

3 – E nós estávamos no cativeiro e no exílio. Eu, Daniel, e todos / os jovens de minha idade,¹⁶¹ filhos de homens judeus, fomos escolhidos para trabalhar no palácio / do rei e servir no palácio do rei conforme nossa posição. O grande Deus / dos meus pais deu-me o espírito da sabedoria, o espírito do conhecimento e o espírito do entendimento.¹⁶² / E eu fui distinguido em todos os tipos de saber, entre todos aqueles da minha idade que estavam comigo na terra da Babilônia / e dos caldeus, porque guardei os mandamentos do meu Deus e também / não ofendi suas leis ou seus julgamentos. E eu revelei e assinaei o que iria acontecer na terra / da Babilônia e em relação a tudo que havia acontecido aos reis anteriores que estiveram na terra da Babilônia / naqueles dias.

4 – Eu estava na corte¹⁶³ do rei da Babilônia, na casa real / dos caldeus, e nenhum astrólogo, caldeu, ou “ocultador de leis”¹⁶⁴ conseguiu triunfar sobre mim / na terra da Babilônia. E, no entanto, eu revelei e mostrei, a respeito da estátua cuja cabeça era de ouro / e cujos eram pés de ferro e sobre a pedra que a quebrou.¹⁶⁵ E sobre a árvore que foi desenraizada / e sobre suas raízes que foram cortadas.¹⁶⁶ E sobre a palma da mão que tinha escrito na parede / do palácio do rei.¹⁶⁷ E eu tinha todas as profecias e visões reveladas para mim, enquanto meus acusadores, / homens caldeus, me atiravam à cova dos leões. / E o Deus dos meus pais mandou um anjo e fechou a boca dos leões e eles não / me destruíram, mas ceifaram meus inimigos e suas crianças.¹⁶⁸ E quando o rei Nabucodonosor enlouqueceu, / Belteshazzar, seu filho,¹⁶⁹ assumiu o reino dos caldeus e [governou] depois dele. E ele fez um banquete¹⁷⁰ / para seus nobres e seus príncipes, suas esposas e concubinas e trouxe os objetos / de culto de ouro e prata, as

¹⁶¹ Lit. “filhos dos meus dentes” (siríaco *bny šny*).

¹⁶² “Quanto a estes quatro jovens, Deus deu-lhes conhecimento e entendimento sobre cada livro e sabedoria”. (Dan 1:17)

¹⁶³ A expressão siríaca *bl'rh* pode ser também traduzida como “no portão”.

¹⁶⁴ A tradução “ocultador de leis” (siríaco *ks' ddyn*) é literal e segue a sugestão de Henze. O termo “caldeu” (*kldy*) pode ser aplicado à etnia ou designar um adivinho.

¹⁶⁵ “E tu a viste até que uma pedra [atirada] sem mãos [humanas] acertou seus pés de ferro e argila e os quebrou em pedaços”. (Dan 2:34)

¹⁶⁶ “Ele falou alto e então disse: ‘derrube a árvore, corte seus ramos, remova sua folhagem e espalhe seus frutos’. (Dan 4:11)

¹⁶⁷ “Na mesma hora surgiram dedos de uma mão humana e escreveram, por trás do castiçal, sobre o gesso da parede do palácio do rei; e o rei viu a palma da mão que escreveu”. (Dan 5:5)

¹⁶⁸ “Meu deus enviou-me seu anjo e fechou a boca dos leões, de modo que não me feriram”. (Dan 6:23)

¹⁶⁹ DanSyr confunde (como também o faz a *Peshitta*) *Belteshazzar*, nome dado a Daniel por *Asfenez* chefe dos eunucos (Cf. Dan 1:7), com *Belshazzar*, filho de Nabonido, o qual é identificado erroneamente em Dan 5:11 como filho e sucessor de Nabucodonosor.

¹⁷⁰ Literalmente “e os fez se reclinarem” (siríaco *w'smk*).

taças e os pratos do templo do Senhor / em Jerusalém, os quais Nabucodonosor, rei da Babilônia, tinha trazido do templo do Senhor. / O rei da Babilônia bebeu vinho neles, ele e suas esposas / e concubinas e blasfemaram a respeito do Deus vivo.¹⁷¹ Então surgiu a palma da mão / da ira e escreveu na parede o que iria acontecer ao rei. / E o Deus vivo estava ressentido com ele.

5 – O rei Senaqueribe¹⁷² veio da Assíria, da cidade de Nínive e tomou / toda a terra que pertencia ao rei Belteshazzar e ele governou sobre ela. Então / Asarhaddon,¹⁷³ seu filho, [tornou-se] rei da região da Assíria e de Nínive, / depois dele. E naquela época babilônios e caldeus aproximaram-se e / acusaram-me diante de Senaqueribe, rei da Assíria. Ele procurou prender-me e matar-me. Então / me foi revelado por Deus, o Altíssimo, que Satã o havia incitado contra mim. E eu mudei para o país / dos persas, para a casa real do rei Ciro. E enquanto eu estava lá, entre os persas, / Deus deu-me honra e amizade com o rei Ciro.¹⁷⁴ E eu fui trazido / para perto dele e contei ao rei Ciro tudo o que / Nabucodonosor, rei da Babilônia, havia feito na terra de Judá e aos cidadãos / de Jerusalém e a respeito do espólio e do butim que ele havia trazido com ele de lá e sobre / as taças de ouro e os belos vasos do templo do Senhor Eterno, os quais / Nabucodonosor, rei da Babilônia, havia trazido da terra de Judá. E sobre o trono de ouro / em que o rei Salomão havia se sentado e a respeito das pedras preciosas, as safiras / e sobre as belas contas que estavam depositadas no tesouro do Rei Salomão. Ele as havia tomado / e as levava para Babilônia. E eu insisti com Ciro, rei / da Pérsia.¹⁷⁵ para que fosse à terra da Babilônia lutar contra ela e capturá-la e que deveria apossar-se / desses tesouros e daqueles objetos do santuário, os quais o rei Nabucodonosor / havia trazido para Babilônia e permaneceram lá.¹⁷⁶

6 – O grande rei Ciro levantou um exército de muitos cavaleiros e carruagens / entre os filhos da Pérsia e de Elam. Eles foram e acamparam contra Babilônia e romperam /

¹⁷¹ “Eles beberam vinho e louvaram os deuses de ouro, e de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra”. (Dan 5:4)

¹⁷² Existe um anacronismo evidente nesta passagem, uma vez que Senaqueribe, rei da Assíria (705 – 681 AEC) invadiu Judá um século antes do reinado de Nabucodonosor, mas não teria conquistado Jerusalém (cf. 2Chr 32:1-22). Senaqueribe não é mencionado no livro de Daniel.

¹⁷³ SyrDan e a *Peshitta* grafam este nome da mesma maneira, o que confirma para Henze a origem síriaca e não grega daquele apocalipse.

¹⁷⁴ “E assim Daniel prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa”. (Dan 6:29).

¹⁷⁵ “E Daniel continuou [assim] até o primeiro ano do rei Ciro” (Dan 1:21). No texto bíblico, Ciro (559 – 530 AEC) é mencionado mais uma vez, de passagem, em Dan 10:1.

¹⁷⁶ A expressão síriaca *wytb tmn*, (literalmente “e ficou lá”) não permite determinar quem (Nabucodonosor?) ou o que (o tesouros?).

suas muralhas e demoliram suas torres. E a tomaram, entraram e a destruíram, / mas o rei Senaqueribe escapou dela e foi para a sua antiga terra, para a Assíria / e Nínive.¹⁷⁷ E o grande rei Ciro entrou na Babilônia, caminhou em seu interior e por todo / o tesouro do rei da Babilônia. Ele saqueou Babilônia e a levou ao cativo e tomou todos os objetos de ouro / e prata e todos os objetos de culto que o rei Nabucodonosor / havia trazido dos reis de Judá e todo o tesouro e os despojos dos reis da Babilônia / que foram encontrados entre os caldeus e babilônios. E o rei Ciro os tomou.

7 – E eu, Daniel, tinha conhecimento de todos esses objetos [que estavam] / entre os caldeus e babilônios e mostrei a Ciro, o rei persa, todos / os objetos que haviam vindo de Jerusalém para a terra da Babilônia. O rei Ciro entregou / estes objetos ao seu próprio chefe de eunucos;¹⁷⁸ os objetos de culto, as taças, / baixelas, aspersórios, garfos, jarras, a mesa / do altar, o candelabro de sete braços, as contas de berilo que estavam fixadas nele / e as pedras preciosas, e também as pérolas, pilares, as baixelas / de ouro do Tabernáculo, o grande éfode que o sumo sacerdote vestia, / que tinha doze pedras em seus ombros e nos quais estavam escritos / os nomes dos filhos de Jacó. E as vestimentas do tempo do rei Davi e o trono / de ouro sobre o qual o rei Salomão havia se sentado. E tudo que era precioso / em Babilônia e que o rei Nabucodonosor tinha trazido, o rei Ciro / levou da Babilônia e trouxe para Elam e para a Pérsia e sujeitou Babilônia à Pérsia / e a Elam, como eu havia mostrado a Belteshazzar, a respeito da palma da mão que havia escrito / para ele algumas das palavras de Deus na parede do palácio, que seu reino seria entregue / aos Medos e Persas,¹⁷⁹ porque beberam nos vasos da casa do Senhor.

8 – E quando [eles estavam] indo da Babilônia para a Pérsia e para Elam, o rei Ciro [separou] / esses objetos com grande reverência. E foi mostrado a ele, por Deus, que ele deveria ir e / depositá-los na montanha de Elam, na montanha que é chamada

Silai, por causa do nome do Monte / Sinai, e mantê-los lá até os últimos tempos.¹⁸⁰ E ele escreveu na superfície de uma pedra e / a colocou junto a eles.¹⁸¹ Apenas o trono

¹⁷⁷ “Então Senaqueribe, rei da Assíria, se retirou e voltou, e habitou em Nínive”. (2Kgs 19:36)

¹⁷⁸ No relato bíblico, o tesouro é passado por Mitrídates, o tesoureiro de Ciro a Sasabassar, príncipe de Judá, quando os judeus deixaram a Babilônia e retornaram a Jerusalém. (cf. Ezra 1:8).

¹⁷⁹ “*Parsin*, teu reino é dividido e dado aos medos e persas”. (Dan 5: 28).

¹⁸⁰ “Terra, terra, terra, ouça a palavra do poderoso Deus e receba as coisas que confio a ti, e guarde-as até o final dos tempos, de modo que possa devolvê-las quando for a ti ordenado”. (2Br 6:8).

de ouro, sobre o qual / o rei Salomão usava se sentar, foi poupado pelo rei e ele o deixou no tesouro.

9 – E Gaumata, o mago, levantou-se no meio da noite, matou o rei Ciro¹⁸² / e apoderou-se do reino da Pérsia. E eu fiquei amedrontado e fugi para as cidades da Pérsia / e de Elam, não fosse ele também me matar, pois eu era próximo ao rei Ciro e para não ter que ir / mostrar a ele a montanha na qual foram colocados aqueles vasos que o / rei Ciro tinha trazido da Babilônia, pois ele tinha entrado no tesouro do rei Ciro / e encontrado o trono de ouro do rei Salomão. / Gaumata o tirou de lá e sentou-se nele e tornou-se arrogante e blasfemo. / E me foi mostrado, por Deus, que o tempo para aquele reino durar era curto. / E o reino de Gaumata, o mago [que reinou] depois de Ciro, o persa [durou] / seis meses: e seus nobres conspiraram contra ele e o mataram; e Dario / bar Bagdath bar Artaban apoderou-se do reino¹⁸³ e assumiu a autoridade [que era] de Ciro, rei da Pérsia / e permaneceu na corte dos Reis.

10 – Dario, o rei, escreveu uma carta a meu respeito / a todas as províncias da Pérsia e encontrou-me na grande cidade de Elam. Eu a recebi / e vim à corte do rei Dario. Então ele começou a me forçar a ir / e lhe mostrar aqueles objetos do santuário que Ciro, o persa, tinha guardado, / pois ele tinha visto o trono do rei Salomão que / o rei Nabucodonosor tinha trazido de Jerusalém para Babilônia e o rei Ciro / para a Pérsia, porque ele tinha visto seu esplendor e beleza, cuja aparência / não era possível de ser feita por mãos humanas. E ele me forçou a ir e a lhe mostrar / onde o tesouro estava escondido.

11 – E naquele momento Deus enviou um anjo do céu que feriu / o rei Dario e tirou-lhe a luz de seus olhos. E ele muito temeu e ficou abalado. / E foi mostrado a ele em uma visão à noite, que por conta dos maus pensamentos que ele tinha tido, deveria ir / e levar os objetos do tesouro de Deus. E foi mostrado a ele, na visão, que deveria ir / a Jerusalém, à Casa do Senhor e adorá-lo lá. E lá seria devolvida a ele / a luz de seus olhos. O grande rei Dario mandou me chamar, pois eu deveria ir com ele / a Jerusalém. Nós fomos então para Jerusalém e com um exército poderoso e muitas

¹⁸¹ O destino final desses objetos é desconhecido e não há outras menções a eles no texto.

¹⁸² De acordo com Heródoto, Ciro teria morrido em batalha, “embora muitas histórias sejam contadas em relação ao fim de sua vida” - *τὰ μὲν δὴ κατὰ τὴν Κύρου τελευτὴν τοῦ βίου, πολλῶν λόγων λεγομένων.* (cf. Histórias1:214)

¹⁸³ Dario I, o Grande (522–486 AEC).

carruagens, / cavaleiros e soldados, viemos a Jerusalém, para o lugar da casa / dos meus pais. Mas encontramos Jerusalém destruída e abandonada por seus habitantes / e deixada à própria sorte por seus cidadãos. E encontramos lá pessoas de meu parentesco, mas não encontrei / pessoas da minha idade que tivessem estado lá em meu tempo, naqueles dias antes de [Jerusalém] ter sido levada em cativo. / Mas o rei Dario prosseguiu e entrou no santuário. Eu também / o lavei na [fonte de] Siloé¹⁸⁴ e ele acreditou no Deus dos meus pais. E ele o adorou no santuário / e seus olhos foram abertos e ele viu a luz. E ele honrou o Deus vivo e caminhou / em todos os espaços abertos de Jerusalém.

12 – E o rei Dario convocou todos os anciãos¹⁸⁵ / que pudessem ser encontrados, os sacerdotes que haviam sido poupados pela espada do rei Nabucodonosor / e os homens que ao longo de seus anos haviam se tornado idosos. E lhes perguntou e eles lhe contaram / a respeito do tesouro que o rei Nabucodonosor havia tirado dali, sobre sua beleza e sobre / os objetos do Templo. E tudo que o Rei Dario perguntava a esses anciãos / eles lhe diziam a verdade. E eles, por sua vez, perguntaram também a respeito de muitas outras coisas / e ele lhes deu presentes magníficos. E todas as coisas que eu havia contado / na Pérsia e em Elam a respeito de Jerusalém ele confirmou ser verdadeiro. / E Dario levou com ele alguns dos sacerdotes e escribas e foi para a Pérsia e para Elam. / E quando estava indo, o rei Dario tomou muitas povoações e subjugou / magníficas cidades e sua autoridade estava em muitos lugares. / E ele recebeu a terra das águas.¹⁸⁶

13 – Eu fui com ele para a Pérsia e Elam e lá grandes profecias me foram reveladas. / E eu revelei visões especiais, sem fim e sem número, mistérios / e estações, sinais e visões maravilhosas. E eu mostrei, a respeito dos tempos em que os dias do mundo [estariam] chegando a um fim, / e sobre a consumação desta era, o que o Espírito Santo mostrou / a Daniel na Pérsia e em Elam, nos dias do Rei Dario, o que está por vir / e é mantido em segredo, a ser revelado no fim dos dias e das estações / e na destruição de [tudo?] em sete semanas,¹⁸⁷ na estação das estações. E estando os

¹⁸⁴ “Vai, lava-te na piscina de Siloé. E ele foi, lavou-se e voltou vendo”. (Jn 9:7).

¹⁸⁵ Lit. “os idosos que haviam envelhecido” (*šb’ d^etyqyn*).

¹⁸⁶ Henze argumenta que a expressão “terras das águas” (*r^e dmy^y*) pode representar uma grafia equivocada de “terra dos Medos” (*r^e dmdy^y*).

¹⁸⁷ “Saiba pois e entenda [que] que desde a emissão da ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém até a unção do príncipe [serão] sete semanas”. (Dan 9:25)

tempos completados, / o dia e o mistério estão destinados a aparecer. Surpreendente é a visão que será revelada / ao final dos tempos e ao fim dos dias e ao fim das estações e também ao final dos governantes / de Sião e ao término de Jerusalém.¹⁸⁸ E os sábios e aqueles que mantiveram a aliança entenderão / este livro¹⁸⁹ e ao fim dos fins tremerão com ele. /

14 – E os povos do norte se revoltarão /
e haverá muita comoção e um grande terremoto sobre a face da terra. /
E serão estes os sinais: /
como a voz dos anjos /
e como o tumulto dos exércitos celestiais eles serão ouvidos. /
E haverá um grande tumulto no céu /
até que as altas montanhas [se quebrem e] se nivelem às planícies.¹⁹⁰ /
Então, os quatro ventos dos céus¹⁹¹ se juntarão /
uns aos outros /
e haverá uma grande e violenta batalha. /
Também, os cadáveres dos mortos serão agrupados e empilhados. /
E o chifre do oeste¹⁹² surgirá, quebrará os ventos dos céus /
e se manterá até o final dos tempos. /
Sinais aparecerão sobre a terra /
e tremores nas ilhas /
e nelas um incêndio queimará dia e noite. /
E haverá estes sinais nesses tempos: /
o sol estará coberto como se [estivesse] de luto /
e a lua como se coberta de sangue.¹⁹³ /

¹⁸⁸ “E ele confirmou as palavras que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto debaixo de todo o céu nunca se fez como se tem feito a Jerusalém”. (Dan 9:12).

¹⁸⁹ “Mas tu, Daniel, guarde estas palavras e sele este livro até o tempo do fim: muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará”. (Dan 12:4)

¹⁹⁰ “Certamente naquele dia haverá um grande tremor na terra de Israel: de modo que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais dos campos, e todos os animais que rastejam sobre a terra, e todos os homens que [estão] sobre a face da terra tremerão em minha presença, e as montanhas serão deitadas abaixo, e os precipícios serão desfeitos e todos os muros cairão por terra”. (Ezek 38:19-20).

¹⁹¹ “Daniel falou e disse: eu estava olhando na minha visão noturna e eis que os quatro ventos do céu agitavam o grande mar”. (Dan 7:2).

¹⁹² O bode com um chifre entre os olhos é uma clara alusão a Alexandre, o Grande: “E quando eu estava considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre a face de toda a terra sem sequer tocar o chão: e o bode [tinha] um chifre proeminente entre seus olhos. (Dan 8:5).

A terra e o mar irão tremer /
e muitas pessoas cairão. /
Haverá também erro sobre a terra naqueles tempos: /
o filho rejeitará o pai, o irmão seu irmão /
e mesmo um amigo trairá seu amigo.¹⁹⁴ /
E Deus castigará ¹⁹⁵ a terra. /
Naqueles dias haverá grande fome e pestilência,¹⁹⁶ /
muito granizo,¹⁹⁷ calor e decomposição; /
e a espada, o gafanhoto e sua larva /
irão devorar a vegetação da terra.¹⁹⁸ /
E haverá naqueles dias uma grande escuridão e ela cobrirá a terra, /
e tristeza, por gerações. /
E a terra conceberá a fraude /
e irá gerar e parir a iniquidade. /
O orvalho deixará de cair dos céus /
e a chuva das nuvens. /
E o fogo do céu /
consumirá as pedras da terra e queimará as fronteiras do norte.¹⁹⁹ /
Ele queimará dia e noite /
e consumirá terra, raízes, /
pedras e árvores. /
Naqueles dias terra e mar estarão em conflito; /
povos se insurgirão contra povos, reinos contra reinos /
e cidades contra cidades.²⁰⁰ /
E os poderosos da terra /
irão se revoltar um contra o outro. /

¹⁹³ “Pois as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz: o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não fará a sua luz brilhar”. (Isa 13:10)

¹⁹⁴ “Mas o irmão entregará seu irmão à morte, e o pai, seu filho; e os filhos se levantarão contra seus pais, e os matarão”. (Mt 10:21)

¹⁹⁵ Henze grafia siríaco *nšdyh* (“rejeitará”) em vez de *nrđyh* (“castigará”).

¹⁹⁶ “Pois nação se levantará contra nação e reino contra reino. E haverá fome, pragas e terremotos em todos os lugares”. (Mt 24:7).

¹⁹⁷ Henze grafia siríaco *wmrd'* (“rebelião”), em vez de *wbrd'* (“granizo”).

¹⁹⁸ “O que a lagarta deixou, o gafanhoto devorou e o que o gafanhoto deixou a larva devorou!” (Joel 1:4)

¹⁹⁹ Nos relatos bíblicos os inimigos de Israel viriam do norte e a paz somente seria alcançada após a destruição de seus exércitos. (Jer 1:14; Ezek 38:15; Joel 2:20)

²⁰⁰ A discórdia entre povos assinala o início do “final dos tempos”, tanto nos textos canônicos (Isa 19:2; 2Chr 15:6; Mc 13:8) quanto na literatura apocalíptica (1En 56:7; Jub 23:19).

Naqueles dias os anjos sairão para os quatro ventos dos céus /
para retribuir a ira a partir do interior da terra. /
E começarão a atacar e a destruir com a espada, com a pestilência /
e também com todo tipo de julgamentos. /

15 – Depois [disso] haverá calma sobre a terra /
e a paz se multiplicará.²⁰¹ /
Aqueles que vivem no mundo se estabelecerão. /
A terra será pressionada por seus habitantes /
e os mares e as ilhas serão povoados. /
Monastérios e conventos se transformarão em cidades, /
e pequenas vilas crescerão. /
Terra e mar serão enfeitados com cidades e pequenas vilas, /
e também com palácios e edifícios. /
Cidades serão edificadas no alto das montanhas /
e muralhas e torres nas planícies. /
Então, subitamente, os ventos dos céus serão agitados /
e os anjos celestiais caminharão sobre a Terra. /
A Terra será pressionada por seus habitantes /
e o mar e as ilhas por seus ocupantes. /
Será dado a eles um sinal de malícia e um espírito enganoso; /
e em cada lugar e cidade serão numerosos os palácios e edifícios de corrupção. /
Naquele tempo haverá mudança nos ventos do mar /
e pó cairá do céu sobre a Terra; /
e das montanhas irá chover cinza por muitos dias. /
Os dias dos meses serão curtos, /
os dias dos anos passarão depressa, /
os trajetos do sol e da lua mudarão²⁰² /
e aqueles tempos serão traiçoeiros. /
Os ventos dos céus serão aprisionados e não soprarão²⁰³ /

²⁰¹ O advento do Anticristo é geralmente antecedido, na literatura apocalítica, por um período de paz: “Quando ouvires que há segurança em Jerusalém rasguem suas roupas, ó sacerdotes da terra, pois em breve virá o filho da perdição”. (ApEl 2:40)

²⁰² “E subitamente o sol brilhará à noite e a lua durante o dia”. (4Ez 5:4).

²⁰³ “E depois destes, vi quatro anjos postados nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que não soprassem sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre as árvores”. (Rev 7:1).

e as nuvens do firmamento serão imobilizadas e não se deslocarão. /
E a chuva não cairá do céu, /
a luz do sol empalidecerá /
e sua luz será como a luz de *Sin*,²⁰⁴ ou seja, a lua. /
A luz da lua não será vista, /
as estrelas não irão brilhar²⁰⁵ /
e a escuridão e a melancolia terão controle sobre a face da terra.²⁰⁶ /
O mal se espalhará na terra entre os habitantes do mundo /
e a terra irá reter seus frutos, e as montanhas sua vegetação. /

16 – Um som será ouvido do céu: /
e haverá horrores e fendas nas montanhas, /
medo e tremores em vários lugares /
com luz de relâmpagos e som de trovões. /
E as nuvens do céu se movimentarão em círculos /
e anjos celestiais aparecerão sobre a terra como seres humanos. /
Naquele tempo será vista uma coluna de fogo no céu /
que chegará à Terra. /
E a escuridão estará sobre a Terra por muitos dias. /
O sol não se levantará, a lua não se movimentará /
e as estrelas não serão vistas. /
Nestes tempos os povoados do mar estarão cobertos: /
cidades também serão inundadas pelos mares /
e muitos lugares serão assolados por serpentes. /
Muitas pessoas também morrerão pela espada²⁰⁷ /
e muitas cidades serão subjugadas pelo tributo.²⁰⁸ /
Vilas e povoados serão queimados pelo fogo. /
Nestes tempos o ódio crescerá sobre a Terra /

²⁰⁴ O deus da lua, na mitologia dos povos mesopotâmicos.

²⁰⁵ “Pois as estrelas do céu e suas constelações não darão suas luzes: o sol se escurecerá ao nascer e a lua não fará sua luz brilhar”. (Isa 13:10)

²⁰⁶ “Pois eis que as trevas cobrirão a terra, e a escuridão os povos; mas o Senhor se levantará sobre ti, e a sua glória será vista sobre ti”. (Isa 60:2)

²⁰⁷ Henze utilizou a tradução metafórica (“destruição”) para o termo síriaco *hrb*’ (“espada”), mas a tradução literal encontra-se mais próxima da citação bíblica: “[...] devolva a espada ao seu lugar, pois todos aqueles que tomam as espadas, pelas espadas morrerão”. (Mt 26:52)

²⁰⁸ Esta é a única referência a tributos em todo o texto do *Apocalipse Siriaco de Daniel*.

e a fraude aumentará no mundo, /
o pecado se multiplicará sobre a Terra /
e o mal mostrará sua cabeça. /
Alguns poucos e esparsos serão deixados no meio da terra. /
Ventos e aflições aumentarão /
e irão à frente para causar problemas sobre a Terra e corrupção em seu meio. /
Naqueles tempos, a “sabedoria” se multiplicará sobre a Terra: /
falsos profetas e professores traiçoeiros /
ensinarão todos os tipos de heresias.²⁰⁹ /
E o quem estará lá naqueles dias, [entre] sábios e escribas, / que se lembrará do reino
dos céus? Este reino não / será visível para eles: será tomado deles e a verdade será
vista por aqueles que a procuram. /

17 – Naqueles dias haverá tumulto dia e noite.²¹⁰ /
Altos palácios cairão /
e muitos seres humanos irão perecer. /
Altos edifícios serão demolidos /
e se tornarão tumbas para seus moradores. /
Muitas cidades serão tomadas pelo mar /
e seus habitantes serão arrastados pela enchente. /
Naqueles tempos haverá escassez sobre a terra /
e muita opressão.
E as pessoas irão roubar e pilhar o que não lhes pertence /
e haverá aumento dos malfeitos no seio da terra. /
O que é verdadeiro será considerado falso, /
mentiras serão confiáveis /
e a verdade abandonará a Terra. /
E os reis da terra mentirão e seus juízes serão corrompidos, /
De modo a trocar²¹¹ um julgamento justo por uma riqueza espúria. /
E o mundo será pressionado por seus pecados /
e haverá tumulto em todas suas casas e cidades. /

²⁰⁹ “Pois surgirão falsos Messias e profetas mentirosos e eles apresentarão sinais e prodígios e enganarão, se possível, até mesmo os eleitos”. (Mc 13:22)

²¹⁰ “Pois nação se levantará contra nação e reino contra reino; e haverá terremotos em vários lugares e haverá fome e insurreições. Isto é o princípio das dores”. (Mc 13:8)

²¹¹ Henze grafia *lmšynw* (“reconciliar”) e Slabczyk *lmšnyw* (“trocar”), mais adequado.

E a vilania será vista nas paredes de suas torres. /
E [as pessoas] estarão cheias de falsidades /
e prontas para discutir fornicção e injustiça. /
E pela preguiça se apressarão /
a recompensar a iniquidade em troca da correção /
e o mal em troca do bem. /
Também seus reis serão julgados,²¹² /
a verdade deles mostrará ser falsa, /
seu dinheiro será recusado²¹³ e seu orgulho diminuído. /

18 – Naqueles dias as nascentes no interior da Terra se tornarão insuficientes,²¹⁴ /
as fontes minguarão na Terra /
e os rios perenes secarão. /
Os dias de verão serão no inverno, /
os dias de inverno no verão /
e os dias do ano serão trocados. /
Divisão cairá sobre a Terra, /
inveja e rebelião sobre os habitantes do mundo. /
O filho silenciárá seu pai no tribunal /
e a nora estranhará sua sogra e a expulsará [de sua casa]. /
Naqueles dias a terra será medida por palmos²¹⁵ /
e um cúbito²¹⁶ de terra será comprado por uma mina.²¹⁷ /
A vingança da ira virá à Terra. /
Um *khōr*²¹⁸ [de sementes] produzirá um *seah*²¹⁹ /
e mil videiras da vinha tanto quanto uma medida de vinho. /
E eles semearão muito, mas não irão colher, /
muitos irão gerar [filhos], mas não os criarão /
e um homem trabalhará dia e noite, /

²¹² Henze traduz *nšqlwn dyn* como “se tornarão arrogantes”.

²¹³ “Prata rejeitada são chamados, porque o Senhor os rejeitou”. (Jer 6:30)

²¹⁴ “E naquele tempo [...] as nascentes das fontes ficarão paradas de modo que por três horas elas não fluirão”. (4Ez 6:24)

²¹⁵ “Quem mediu as águas na palma da sua mão?” (Isa 40:12)

²¹⁶ Unidade de comprimento, equivalente à distância entre o cotovelo e o punho.

²¹⁷ Unidade de peso e valor, como a libra.

²¹⁸ Unidade de volume, equivalente a cerca de 400 litros.

²¹⁹ Unidade de volume, equivalente a cerca de 13 litros.

mas não terá o suficiente para o pão.²²⁰ /
Pais sepultarão [seus] filhos e também os filhos [seus] pais, /
como nos anos das gerações passadas. /
Naqueles dias as ilhas serão empurradas para dentro do mar /
e aqueles que viajam pelo mar e os habitantes das ilhas estarão isolados. /

19 – E então os tempos estarão completos /
e os últimos dias estarão próximos. /
E haverá estes sinais: /
a luz do sol se enfraquecerá, /
a lua será contida em seu curso /
e o firmamento também cobrirá sua face.²²¹ /
Quando os últimos dias começarem a se aproximar, /
grandes sinais começarão a surgir subitamente.²²² /
Haverá um grande terremoto na Terra, /
um clamor predominante e forte no firmamento dos céus /
e um grande terror no mundo. /
E será ouvido de mar a mar /
e dos confins dos céus aos confins da Terra. /
E as nuvens do firmamento serão esvaziadas /
e entre elas uma imensa fogueira se instalará nos quatro ventos da Terra, /
e ela queimará o topo das montanhas quatro vezes em um dia. /
E anjos aparecerão em Sião /
e santos [anjos] em Jerusalém. /
Exércitos de anjos também aparecerão sobre as ondas do mar. /
Então o medo habitará o mar /
e tremores cairão sobre as ilhas /
e um grande terremoto nas casas do mundo. /
E então anjos celestiais irão surgir como fogo²²³ /

²²⁰ “Naquele tempo, homens esperarão mas não terão, trabalharão e não irão prosperar”. (4Ez 5:12)

²²¹ “E logo após a aflição daqueles dias, o sol escurecerá e a lua não mostrará sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes celestiais serão agitados”. (Mt 24:29).

²²² A expressão siríaca *mn šly*’ tem diversos significados e é traduzida por Henze como “sob o silêncio” nesse verso.

²²³ “[...] que governa com indignação os inumeráveis seres celestiais, que são fogo e fogo, os quais Tu criaste desde o começo”. (2Br 21:6-7)

e destruirão muitas pessoas em seu caminho. /

A terra e o mar serão então misturados /

e ventos fortes e poderosos soprarão. /

20 – Naqueles dias o sol estará coberto como se (estivesse) de luto²²⁴ /

e a lua como se coberta de sangue: /

as estrelas cairão como as folhas das árvores²²⁵ /

e como guardiões do fogo, /

setas e lanças serão atiradas sobre a face da Terra. /

E então, todos os povos e línguas ficarão alarmados e tremerão. /

Subitamente, grandes terrores /

e fendas estarão no meio da Terra. /

E a Terra será rasgada em pedaços /

como uma vestimenta, até o fundo do abismo; /

e muitas pessoas, ainda vivas, serão também engolidas no interior da terra. /

E então montanhas serão deslocadas de seus lugares /

e também colinas serão mudadas de suas posições.²²⁶ /

Então, colunas de fogo serão vistas no céu /

e uma fornalha de chamas no interior das nuvens. /

E serão vistos no firmamento celestial como se fossem corcéis de fogo /

e carruagens de guerra, /

segurando uma espada de ferro e uma lança de guerra. /

21 – Será naqueles dias que uma mulher irá gerar um filho / da casa de Levi.²²⁷ E nele aparecerão estes sinais e eles serão desenhados em sua pele, / como se fossem armas de guerra: detalhes de um peitoral e um arco, uma espada e uma lança / e uma adaga de ferro e carruagens de fogo. Sua aparência será como a de uma fornalha / em

²²⁴ A utilização do verbo *ētp* (“cobrir”, “vestir”, “embrulhar”) em relação ao sol e à lua, provavelmente descreve um eclipse.

²²⁵ “[...] e a lua inteira, como sangue; as estrelas do céu caíram sobre a terra como uma figueira que deixa cair seus frutos. (Rev 6:12-13)

²²⁶ “E os céus separados, como um livro é enrolado, e todas as montanhas e ilhas foram removidos dos seus lugares”. (Rev 6:14)

²²⁷ O Anticristo, na tradição apocalíptica, surge na tribo de Dan e não na de Levi.

chamas e seus olhos como carvão em brasa. E ele tem um chifre entre / seus olhos,
cuja ponta está quebrada²²⁸ e como se saísse dele, a forma de uma serpente. /

22 – Quando esses sinais começarem a acontecer, então o advento / do sem coração,²²⁹
da serpente fraudulenta, do falso Messias começará a aparecer. Ele / virá das
extremidades das terras do leste para iludir os habitantes do mundo. / E dirá a respeito
de si mesmo: “Eu sou o Messias”. E ele sairá do ventre de uma serpente e dos /
intestinos de uma cobra e com ele virão muitos guardas e anjos poderosos. /

E estes são seus sinais e a amedrontadora aparência de sua estatura: /

sua cabeça é grande e seu cabelo brilhante,²³⁰ /

seus olhos azuis e seu pescoço, forte; /

suas sobrancelhas²³¹ são altas, seu peito largo, /

seus braços longos e seus dedos, curtos. /

Ele tem dois chifres em seus ouvidos /

e excesso de carne em suas orelhas /

e também pouca carne.²³² /

Sua aparência é raivosa, surpreendente e furiosa /

e a aparência de sua estatura é também surpreendente. /

Ele será visto como um relâmpago no céu /

e como uma tocha no acampamento. /

Com ele, carruagens de fogo e acampamentos de guerra. /

Mais rápidos que um leopardo são seus corcéis /

e mais atrevidos que lobos noturnos são seus mensageiros. /

Sua estatura é grande e alta /

e flutua sobre as montanhas, /

igual às nuvens do céu. /

Com ele [virão] um exército de serpentes e acampamentos de indianos.²³³ /

Então os portões do norte serão abertos diante dele /

e o exército de Mebagbel²³⁴ /

²²⁸ O chifre quebrado refere-se a Alexandre: “[...] quando ele era forte, o chifre foi quebrado, e no seu lugar subiram outros quatro também insígnies, para os quatro ventos do céu”. (Dan 8:8)

²²⁹ Lit. “despido de coração” (síriaco *dšmyṭ lb’*).

²³⁰ A palavra *zrgn* pode ser também traduzida como “vermelho”.

²³¹ Henze traduz *gbwhy* como “seus lados”, com o sentido de “suas espáduas”.

²³² O significado da frase é obscuro.

²³³ Alexandre conquistou parte da Índia em 326 AEC.

²³⁴ Única referência a este nome, o qual é desconhecido fora de SyrDan.

e a multidão dos filhos de Gog e Magog se lançarão à frente, /
enormes em suas estaturas, /
poderosos em suas forças /
e numerosos em suas tropas. /
E irão controlar o mundo e a imensidão da Terra, /
e marchar de mar a mar /
e de uma extremidade do céu à outra. /

23 – E estes são os sinais e ações que ele fará: /
ele se movimentará com rapidez em frente às suas tropas e ao seu acampamento, /
e montanhas e colinas estarão correndo rapidamente. /
Ele sairá com o nascer do sol /
e voltará antes que ele se ponha /
e o imobilizará, de modo que ele [o Sol] não se moverá para frente. /
E ele dirá para a lua se levantar, e ela se levantará, mas não se moverá para diante. /
E estenderá suas mãos para o firmamento das nuvens /
e impedirá a chuva e o orvalho [de caírem]. /
E irá imobilizar as nuvens do firmamento de modo a não se movimentarem. /
E ele ordenará os ventos a não soprarem /
e aos rios profundos a correr para trás. /
E ficará [imerso] no mar até os joelhos /
e os animais marinhos viverão com medo. /
E as serpentes que estão no mar ficarão muito alarmadas. /
E ele correrá, em um dia, três vezes /
de mar a mar e de uma extremidade do céu à outra. /
E ele estenderá seus longos braços /
e pegará os pássaros do céu, os animais selvagens e as aves de rapina /
e mesmo assim seus exércitos e acampamentos não estarão completos. /

24 – Ele armará sua tenda oposta a Sião /
e sua tenda ficará oposta a Jerusalém. /
As pessoas o verão e ficarão amedrontadas /
e as tribos ficarão alarmadas. /
E as ilhas do mar viverão com medo, /

acreditando [que] ele é o Messias /
e muitos se perderão ao seguí-lo. /
E ele fará muitos sinais e prodígios, /
mas os mortos ele é incapaz de levantar.²³⁵ /
Seu próprio reino e seu domínio durarão por um tempo, tempos e meio tempo, /
que são três anos e seis meses.²³⁶ /
Ele começará a estabelecer ídolos em Sião /
e cultos estrangeiros em Jerusalém /
e será acusado e amaldiçoado pelo céu. /
E praticará malefícios contra aqueles desafortunados que estão próximos a ele. /
Então, o anjo da reconciliação²³⁷ se apresentará vindo da presença de Deus, com
poderosa / força e heroico poder. E com ele, os anjos guerreiros / o irão capturar nas
terras do sul, nos caminhos do grande mar. / E eles o atingirão com uma espada de
fogo inextinguível, de sua cabeça até / seus joelhos e o dividirão em dois. E o
colocarão na beira / do mar como uma grande montanha, a qual caiu e como um
rochedo íngreme, o qual foi cortado. E seu fim / e destruição terão lugar no mar. E
todos os seus exércitos e servos serão engolidos pelo mar / e irão perecer.

25 – Então o medo habitará na terra /
e um grande terremoto se apoderará de todos os viajantes e residentes das ilhas /
e muitas pessoas, trêmulas e amedrontadas, irão morrer. /
E muitos dos povoados serão destruídos e seus edifícios cairão /
e muitas cidades serão demolidas sobre seus moradores. /
A terra será deixada deserta, sem habitantes /
e também os mares e as ilhas, por seus residentes. /
Povoados e cidades serão arruinados e ficarão desertos. /
E dez vilarejos se unirão ao mesmo tempo para se estabelecerem nas escarpas de uma
montanha; /
e o caminho para o mar será cortado, /

²³⁵ “Ele multiplicará seus sinais e seus prodígios diante de todos [...] exceto por ressuscitar os mortos”.
(ApEl 3:11-13)

²³⁶ “E proferirá [grandes] palavras contra o Altíssimo e porá à prova os santos do Altíssimo; e cuidará
em mudar os tempos e as leis e eles serão entregues em sua mão por um tempo, tempos e metade de
um tempo”. (Dan 7:25)

²³⁷ Este anjo não é identificado pelo nome em SyrDan. Uma das versões na literatura correlata atribui a
São Miguel a responsabilidade pela morte do Anticristo: “[...] e o Anticristo será morto pelo poder
de Deus por meio do Arcanjo Miguel, no Monte das Oliveiras”. (STLt: 50)

e as trilhas e passagens dos vilarejos interrompidos. /
Animais selvagens serão abundantes nas montanhas e mais numerosos que seres humanos, /
e como lobos noturnos irão ameaçar /
pessoas para atacá-las e destruí-las.²³⁸ /
E muitas vilas e cidades servirão (como) residência para animais selvagens: /
chacais se aninharão em palácios reais e em altos edifícios, /
falcões e pássaros menores irão planar e neles entrar; /
e poucas e esparsas pessoas serão deixadas. /
E eles estarão morando no topo das montanhas /
com muito medo e em grande pavor. /
E então haverá calma sobre a terra por meia semana.²³⁹ /
E o número de anos eles irão entender a partir dela, /
e a consumação dos tempos e sinais eles perceberão durante o tempo que ela durar. /
E o fim estará próximo ao fim dos tempos /
quando o tempo dos últimos dias estiver próximo. /
Será na consumação do último tempo do fim da era: /
a terra será dilacerada e se abrirá, /
os pilares abaixo da terra se desmancharão /
e os depósitos de fogo serão abertos. /
As montanhas e colinas dentro dela entrarão em colapso /
e serão lançadas em fendas profundas. /
E quem estará [lá] neste dia /
para comandar e quem será encontrado naquele momento, /
quando a grande e admirável cruz²⁴⁰ /
do Deus dos deuses e Senhor dos senhores começar a aparecer? /

26 – E será neste dia, /

o Senhor comandará aos quatro ventos do céu a soprar com grande agitação /

²³⁸ Os “lobos noturnos” representam, na literatura apocalíptica, as autoridades públicas: “Os seus príncipes, no meio dela [a terra] são como lobos que arrebata a presa, derramando sangue, [e] destruindo vidas, para adquirirem lucro desonesto”. (4Ez 22:27)

²³⁹ “Ele confirmará a aliança com muitos por uma semana. E pelo tempo de meia semana fará cessar o sacrifício e a oblação”. (Dan 9:27)

²⁴⁰ “Quando Cristo vier, [...] virá cercado por uma coroa de pombas; ele caminhará nas abóbadas celestiais levado pelo sinal da cruz”. (ApEl 3:2)

e com movimentadas e fortes rajadas.²⁴¹ /
Então nuvens fortes e amedrontadoras serão agrupadas de todos os confins dos céus, /
e os anjos celestiais [estarão] sobre elas. /
E em uma frenética corrida irão se apossar dos quatro ventos do mundo /
e lançar muitos relâmpagos e fortes e ameaçadores trovões /
que aterrorizarão o mundo inteiro. /
Também as nuvens do firmamento se esvaziarão /
e faíscas de fogo e carvões em brasa serão lançados de dentro das nuvens /
sobre a face da Terra e a queimarão sem cessar. /
Todos os confins da terra estarão aterrorizados e alarmados /
e um grande medo cairá sobre todos os povos, nações e línguas /
que habitam os mares ou que vivem em áreas afastadas. /
E tremores se apoderarão deles. /
Então, do oeste eles fugirão para o leste /
e do leste para o oeste. /
E do norte para o sul /
e do sul para o norte.²⁴² /
E de todos os lugares e de cada região /
o fogo da ira os encontrará e se apoderará deles. /
E ventos vigorosos os incomodarão novamente; /
relâmpagos poderosos os aterrorizarão /
e fortes trovões os alarmarão. /
E quem estará [lá] neste dia /
e quem será encontrado naquele momento, /
quando o Deus dos deuses aparecer, /
o poderoso Senhor, o guerreiro do reino? /

27 – [A Terra] tremerá em seus polos diante dele naquele dia. /

E também os céus tremerão em seus pilares naquele dia. /

Mas as montanhas mudarão de posição²⁴³ /

²⁴¹ O autor emprega o termo síriaco *zw^e*, (“agitação, movimentação”) duas vezes, em sequência. É possível que essa repetição indique uma corrupção do termo *zw^e’e*, que tem o significado de “furacão, tornado”.

²⁴² “Mas com um furacão eu os dispersei por todas as nações que eles não conheciam; assim a terra foi devastada atrás deles de modo que ninguém passa ou retorna, pois deixaram desolada uma terra agradável”. (Zech 7:14).

e as colinas se derreterão como cera diante do fogo²⁴⁴ /
 e todas as ilhas do mar serão isoladas; /
 também, serão procuradas e não serão encontradas. /
 Então as fontes de água secarão²⁴⁵ /
 e os rios profundos fluirão para trás; /
 e correrão amedrontados diante do grande rei do céu e da Terra, /
 o Senhor de todos os servos. /
 E será naquele dia: /
 a escuridão cobrirá a Terra, /
 uma espessa neblina as nações²⁴⁶ /
 e a Terra tremerá diante dele, /
 tão rápida quanto chumbo na água.²⁴⁷ /
 Poderosos trovões se multiplicarão /
 e ferozes e estupendos relâmpagos não serão silenciados. /
 Nuvens terríveis e sombrias se moverão sobre a Terra /
 e carruagens de anjos estarão correndo sobre as montanhas. /
 E anjos celestiais estarão aparecendo como fogo em rápidas carruagens. /
 A Terra não será capaz de prevalecer e ficar diante dele, /
 e também o sol não o suportará. /
 E com o som de poderosos trovões, temíveis terremotos, muita contestação, /
 com o esplendor de muitos relâmpagos e o melodioso canto dos frequentes trovões, /
 o coração de todas as pessoas se derreterá²⁴⁸ /
 em medo e tremores. /
 E elas não irão suportar ficar diante da força de seu poder naquele dia. /
 E toda a carne dormirá naquele dia /
 e nada que se arrasta sobre a face da Terra /
 permanecerá naquele momento, /
 naquele grande e poderoso dia. /
 A Terra com certeza irá balançar, o mar seguramente irá secar /

²⁴³ Siríaco *nthpkwn* (lit. “serão viradas”).

²⁴⁴ “E altas colinas serão aplainadas e derreterão como favos de mel diante da chama”. (1En 1:6)

²⁴⁵ “E as águas se esvairão do mar e o rio se esgotará e secará”. (Isa 19:5)

²⁴⁶ “Pois veja, a escuridão cobrirá a terra e uma espessa neblina as nações, mas o Senhor levanta-se sobre ti e sobre ti será vista Sua glória”. (Isa 60:2)

²⁴⁷ A imagem, embora pouco usual, corresponde a uma citação bíblica: “Sopraste com o teu vento, o mar os cobriu: afundaram-se como chumbo em águas impetuosas”. (Ex 15:10)

²⁴⁸ “Eis porque todas as mãos se desfalecem, todos os corações humanos se derretem”. (Isa 13:7)

e a terra estará muito instável. /
E eles correrão e estarão agitados /
e grandes e terríveis atrocidades terão lugar nas profundezas da Terra. /
E [haverá] uma grande e poderosa visão no firmamento do céu. /

28 – Então, o céu e o céu dos céus serão rasgados em pedaços /
e também todos os firmamentos darão espaço. /
Então Adonai Seba’oth, /
Deus dos deuses, Senhor dos Senhores e Rei dos reis,²⁴⁹ /
o grande e temível /
[virá] do céu com grande poder e força, /
em beleza majestática, sobre nuvens de luz /
e numa carruagem de água benta,²⁵⁰ /
com maravilhoso poder /
e com uma chama ardente e um carvão em brasa, /
e com os anjos, seres poderosos. /
Sua voz será ouvida de muitas alturas /
e ele falará com um poderoso fogo e uma flamejante chama²⁵¹ /
e carruagens de fogo /
e grupamentos de anjos sagrados o cercarão. /
Ele irá sobre asas e colocará sua carruagem sobre as nuvens²⁵² /
Ele inclinará o céu e descerá e [haverá] uma neblina escura sob seus pés.²⁵³ /
A terra o verá e tremerá diante dele, /
as montanhas se derreterão como cera /
e também as profundezas e toda a Terra. /
[Algo] como um manto, será espalhado sobre elas /
e as águas o verão e se agitarão²⁵⁴ /
e as ondas do grande mar se elevarão acima do topo das montanhas /

²⁴⁹ Em hebraico, o deus de Israel é chamado “Deus dos deuses” e “Senhor dos senhores” (Dt 10:17). A expressão “Rei dos reis” é encontrada apenas uma vez na Bíblia Hebraica (Ez 26:7) e refere-se a Nabucodonosor. A *Peshita* utiliza “Senhor Deus”.

²⁵⁰ Não há referências à expressão “carruagens de água benta” nos relatos bíblicos.

²⁵¹ “Eis que o nome do Senhor vem de longe, ardendo [com] sua ira, e [portanto] pesada é sua carga: seus lábios estão cheios de indignação e sua língua é como um fogo devorador”. (Is 30:27)

²⁵² “Quem faz das nuvens a tua carruagem, quem anda sobre as asas do vento”. (Ps 104:3)

²⁵³ “Ele também inclinou os céus e desceu; e a escuridão [estava] sob seus pés”. (2Sam 22:10)

²⁵⁴ “As águas te viram, ó Deus, as águas te viram e ficaram com medo: as profundezas também se preocuparam”. (Ps 77:17)

que nela existem. /
E muitas nuvens estarão chovendo fogo. /
Os depósitos de fogo e de vento,²⁵⁵ /
que jazem escondidos no firmamento, serão abertos /
e será revelado diante dele, naquele grande dia, o que estava escondido dentro das
profundezas. /
Então, naquele dia, a Terra gotejará fogo como chumbo [derretido] /
e [os céus] serão enrolados como pergaminho,²⁵⁶ /
E ele tirará também a luz das estrelas /
e elas cairão como as folhas das árvores. /
E o sol e a lua não darão luz. /
E o firmamento, que continha a chuva e o orvalho, /
naquele dia será aberto e transbordará /
e os anjos das profundezas, embaixo, se darão as mãos /
e os pilares do firmamento se tornarão instáveis. /

29 – E então o Deus dos deuses, Senhor dos senhores e Rei dos reis, /
Adonai Seba’oth, o poderoso Senhor, /
aparecerá por completo em Sião /
e colocará o querubim do santuário²⁵⁷ em Sião /
e o trono dos justos nas montanhas de Jerusalém. /
E também a (?)²⁵⁸ do Rei Messias do céu irá aparecer na Terra. /
E o brilhante serafim²⁵⁹ estará de pé diante dele /
e magníficos anjos estarão servindo diante dele. /
E ele fará sua Divina Presença se acomodar nas montanhas de Jerusalém /
e morará nela e a santificará. /
E a sombra de suas asas a recobrirá, /
e o brilho de sua face resplandecerá sobre ela /

²⁵⁵ “Abra para mim as salas fechadas e traga-me os ventos trancados nelas”. (4Ez 5:37)

²⁵⁶ “E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus serão enrolados juntos como um pergaminho”.
(Is 34: 4)

²⁵⁷ O querubim está relacionado à presença de Deus e servia como local de encontro dos sacerdotes com Deus no tabernáculo: “Assim, as pessoas enviadas a Silo de lá trouxeram a Arca da aliança do Senhor dos Exércitos, que habita [entre] os querubins”. (1Sam 4:4)

²⁵⁸ O sujeito da frase está no feminino, mas não pode ser identificado no parágrafo.

²⁵⁹ Serafins são seres celestiais dotados de três pares de asas de fogo que revolvem ao redor do trono de Deus cantando “santo, santo, santo” (cf. Isa 6:1-3).

e sua própria mão direita, uma força poderosa, lhe dará sombra. /

30 – Então haverá a vinda²⁶⁰ do Rei Messias em grande glória. /

Seu nome precede o sol,²⁶¹ /

e seu reino e seu domínio precedem a lua. /

Com ele virão os justos e os virtuosos /

e eles aparecerão em nuvens sagradas no começo da revelação de sua vinda, /

como um homem forte e como um guerreiro, poderoso na batalha. /

Fogo irá consumir diante dele e uma chama arderá ao seu redor. /

E à frente dele estará correndo e queimando seus inimigos. /

E consumirá, na Terra, pedras e árvores /

e queimará a água, o ferro e o bronze. /

Ele terá domínio sobre as montanhas e as nascentes dos rios /

e não haverá nenhum que será deixado. /

E diante dele, que é o Senhor dos senhores, dois portões de ferro serão abertos, /

e as barras de bronze serão quebradas /

e as montanhas serão esmigalhadas como poeira. /

A escuridão fugirá diante dele /

e a noite será engolida por sua luz. /

E os portões serão abertos e os pilares da terra serão vistos. /

E ele cortará a autoridade da morte /

e o pecado será procurado, mas não encontrado. /

31 – Então, será revelado o esplendor de Jesus em grande glória /

e sua majestade; e a maravilha de sua vinda se tornará visível.²⁶² /

As montanhas o verão e se alegrarão, /

as colinas estarão radiantes, /

os rios baterão palmas²⁶³ /

e o mar exultará em sua plenitude.²⁶⁴ /

²⁶⁰ É provável que a palavra “vinda” corresponda ao sujeito não identificado na 4ª l. do cap. anterior.

²⁶¹ O expressão “seu nome precede o sol” (*mn qdm šmš’ ytwwhy šmh*) sugere a crença em SyrDan, da preexistência de Cristo: “Naquela hora, ao filho do Homem foi dado um nome na presença do Senhor dos espíritos, antes do começo dos dias; antes mesmo da criação do sol e da lua, antes da criação das estrelas”. (1En 48:2-3)

²⁶² “Sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor”. (Hab 3:3)

²⁶³ “Celebrai com júbilo o Senhor, todas as terras: dai gritos, regozijai e cantai louvores [...] batam palmas os rios todos e as montanhas gritem de alegria”. (Ps 98:4-8)

As nuvens e a espessa neblina estarão vestidas de luz /
e gotejarão orvalho. /
A Terra verá sua face e se alegrará. /
As ilhas verão sua glória e serão envolvidas pela alegria. /
As montanhas o verão no mundo, levantarão suas escarpas /
e irão correndo e dançando alegremente, encontrá-lo.²⁶⁵ /
O mar o verá e se alegrará /
e suas ondas se elevarão mais alto que as montanhas, /
para lhe dar glória e honra. /
E os ventos serão envolvidos pela calma /
e sairão para encontrá-lo com alegria. /

32 – Então a Terra ficará firme e não tremerá,²⁶⁶ /
os ventos estarão quietos e não soprarão, /
o mar estará calmo e não se agitará /
e a glória²⁶⁷ do Messias aparecerá. /
Então a paz se elevará das montanhas /
e as colinas serão cobertas pela justiça.²⁶⁸ /
E os que vivem no deserto se alegrarão /
e os vales, e tudo que neles existe, se alegrarão /
diante do Messias Jesus, Nosso Senhor. /
E a paz florescerá no mundo /
e haverá justiça em abundância sobre a Terra. /
Leite fluirá das montanhas /
e o mel transbordará das colinas.²⁶⁹ /
Fontes de leite fluirão do topo das montanhas /
e óleo fluirá das nascentes em suas escarpas. /
Então torrentes d'água correrão no deserto /

²⁶⁴ “Que os céus se alegrem, e que a terra exulte; brame o mar e a sua plenitude”. (Ps 96:11)

²⁶⁵ “Naqueles dias montanhas dançarão como carneiros; e as colinas saltarão como crianças saciadas com leite”. (1En 51:4)

²⁶⁶ “Assentaste as fundações da terra de modo que não fossem jamais removidas”. (Ps 104:5)

²⁶⁷ “E abençoado [seja] seu glorioso nome para sempre: e deixe a terra inteira se encher com sua glória. Amém! Amém!” (Ps 72:19)

²⁶⁸ “As montanhas trarão paz ao povo, e as colinas, justiça”. (Ps 72:3)

²⁶⁹ “E eu serei vosso Deus para cumprir o juramento que fiz a vossos pais, de lhes dar uma terra onde corre leite e mel”. (Jer 11:5)

e rios gloriosos em lugares secos.²⁷⁰ /
Fontes de águas claras fluirão na terra devastada e desolada. /
O cedro e a oliveira vicejarão no Monte Sião /
e murta, cipreste e árvores floridas que exalam doce perfume, /
nas vizinhanças de Jerusalém. /
E cursos d'água [e] rios correrão sobre os topos das montanhas de Sião. /

33 – Então a nova Jerusalém será construída²⁷¹ /
e Sião estará completamente habitada. /
E o poderoso Senhor construirá Sião /
e seu santo Messias brilhará em Jerusalém. /
Homens fortes construirão suas paredes /
e anjos sagrados completarão suas torres. /
Ela será construída com as pedras da justiça /
e com as preciosas gemas da virtude será completada. /
E seu arquiteto será o Messias /
e seu construtor o anjo da paz.²⁷² /
E será construída como um edifício para a eternidade. /
Sua luz será vista até os confins da Terra; /
sobre montanhas sagradas e sobre nuvens brilhantes ela será completada. /
E Jerusalém será pura e gloriosa, /
à medida que as nuvens sagradas a levantam /
e o mundo brilhará em seu esplendor. /
Ela terá sete muralhas /
e doze portões serão abertos em Jerusalém. /
E eles escreverão neles os nomes dos filhos de Jacó. /
Anjos sagrados ficarão em suas muralhas /
e guardiões da justiça em suas torres. /
E haverá paz sobre seus portões, /
que serão abertos e nunca se fecharão novamente. /
Eles estarão abertos para aqueles que entram em paz e saem em paz. /

²⁷⁰ [...] “pois água jorrará de lugares despovoados e riachos, no deserto”. (Isa 35:6)

²⁷¹ A descrição da construção da Jerusalém celestial tem por base diversos relatos bíblicos, especialmente Rev 21:1-22.

²⁷² Tal como o “anjo da reconciliação”, o “anjo da paz” não é identificado por um nome próprio em SyrDan.

E ela se tornará a força da justiça: /
um clarim incandescente soará em seu interior /
e todos os hinos dos justos serão ouvidos de dentro dela. /

34 – Então a felicidade estará sobre a terra /
e a alegria no firmamento do céu. /
E o primeiro clarim chamará das alturas do céu /
e um grande trompete ressoará de Jerusalém. /
E seu som será ouvido dos confins da terra até as profundezas abaixo. /
Então a terra e seu poder serão abertos /
e suas fundações subterrâneas aparecerão. /
E o mar será aberto e suas nascentes profundas serão reveladas.²⁷³ /
E os pilares da terra serão revelados, /
e seus eixos subterrâneos serão vistos. /
E o firmamento inferior da escuridão, sobre o qual se apoia a terra, /
e o mar e as fontes de fogo serão reveladas /
e os armazéns do vento serão abertos. /
Nada será deixado naquela hora de ser revelado, /
e irá aparecer na Terra e no mar, na altura e na profundidade, /
no *Sheol*,²⁷⁴ no caos e nos limites do firmamento inferior. /

35 – Então o segundo clarim chamará do céu /
e um grande trompete ressoará de Jerusalém. /
Então a Terra irá parir²⁷⁵ e todos os tipos /
e forma de corpos que foram guardados dentro de si se levantarão. /
Ela guardou, como um depósito seguro, /
todos os membros que existiram desde o começo dos tempos /
até o dia em que os tempos foram completados; /
e cada corpo que foi corrompido /
e que foi trasladado de lugar para lugar /
e de canto para canto, /

²⁷³ “Então foram vistos os leitos das águas, e as fundações do mundo se descobriram, à tua repreensão, Senhor”. (Ps 18:16).

²⁷⁴ Na tradição judaica o *Sheol* corresponde ao lugar para o qual todos os mortos, independentemente de terem sido justos ou não em vida, são encaminhados.

²⁷⁵ Lit. “terá as dores de parto” (*thbly*).

foi misturado com os elementos da Terra /
e foi corrompido pela força do fogo /
e pela força do vento, /
no mar ou em terra firme. /
A Terra é a mãe de todos; /
ela guardará tudo sem ser corrompida /
e tudo será retornado como num grande depósito, /
pois não existe nada que não será revelado naquele dia. /
A Terra será capaz de devolver cada corpo /
e forma de membros humanos, /
da água e do fogo, /
do alto e do fundo, /
da escuridão e das montanhas, /
das alturas, das colinas /
e das nascentes. /
Todo tipo e forma de membros humanos /
que foram corrompidos sobre a face da terra serão coletados naquele dia. /

36 – Então o terceiro clarim chamará do céu /
e um grande trompete ressoará de Jerusalém. /
Então todos aqueles que estiverem dormindo²⁷⁶ serão acordados, /
e aqueles que jazem no pó se levantarão,²⁷⁷ /
e aqueles que jazem na escuridão virão para a luz. /
Então serão abertas as [sepulturas] seladas e escondidas no interior da Terra /
e aqueles que jazem no pó sairão em uma hora. /
Os túmulos e pilhas [de pedras] serão abertos naquele dia /
e aqueles que jaziam neles se levantarão e caminharão sobre a face da Terra. /
E com uma única voz levantarão suas mãos e louvarão, /
todos os mortos que voltaram à vida, /
aqueles que estavam deitados e se levantaram, /
os que dormiam e foram acordados /
e os que jaziam prostrados e foram liberados. /

²⁷⁶ Siríaco *dmk'* (lit. “que estão deitados”, ou seja, mortos).

²⁷⁷ “E muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, e outros para eterna vergonha [e] desprezo”. (Dan 12:2)

E suas vozes serão ouvidas do mar e das ilhas, /
dos topos das montanhas e das colinas, /
de muitas planícies /
e dos quatro ventos do mundo. /
E eles dirão com uma voz: /
“Santo, santo, santo, é o Deus dos exércitos, /
não há nenhum como o Senhor e nada como suas obras. /
Toda a terra está repleta de sua glória /
e suas grandes obras louvarão a ti e a seus maravilhosos e poderosos atos”.²⁷⁸ /
E aqueles que estavam mortos e voltaram à vida, /
estavam deitados e se levantaram, /
dormiam e foram acordados, /
exaltarão seu grande e temível nome.²⁷⁹ /

37 – Então todos os povos se reunirão em Sião, /
e as nações nos portões de Jerusalém. /
E todos os justos e virtuosos, /
todos que temem o nome do Senhor dos exércitos /
e fazem o bom prazer de sua vontade, /
e toda a descendência de Abraão /
e os filhos de Jacó, os escolhidos, /
e todos os exilados de Israel, /
e todos que foram espalhados entre todos os ventos do céu e praias do mar /
e entre os limites dos mares da terra. /
Eles se agruparão e virão, naquele dia, /
do leste e do oeste, /
do norte e do sul, /
dos confins da terra, /
e de todas as ilhas dos mares /
e de todas as montanhas e de todas as colinas e de todas as planícies. /
E estradas serão percorridas no mar /
e haverá caminhos nos mares profundos.²⁸⁰ /

²⁷⁸ “E um clamava ao outro e diziam: Santo, santo, santo [é] o Senhor dos exércitos: a sua glória enche toda a terra”. (Isa 6:3)

²⁷⁹ “Eu te exaltarei, meu Deus, ó rei, e eu o abençoarei o teu nome para sempre e sempre”. (Ps 145:1)

E todos os eleitos passarão por elas /
para se encontrarem em Jerusalém, /
como foi para eles quando [Deus] os trouxe da terra do Egito. /
Montanhas serão aplainadas e colinas serão fendidas diante deles, /
como foi o mar nos dias de Moisés, quando eles o estavam atravessando.²⁸¹ /
E haverá uma estrada direta /
e eles não irão ao redor do Eufrates e do Tigre, /
os rios profundos; /
eles serão cortados por doze estradas /
e eles passarão por elas em sandálias.²⁸² /
E suas águas estarão calmas e paradas /
e não se moverão para mudar os caminhos que estarão em seu seio. /
E passarão os justos e virtuosos, / todos os descendentes de Abraão, /
os exilados de Israel, /
todos aqueles que temem o nome do Senhor dos exércitos /
e que praticam o que fala sua boca. /

38 – Então de cada lugar e de cada montanha /
incontáveis pessoas, nações e tribos virão. /
Eles estarão segurando em suas mãos ramos de palmeiras, oliveiras /
e ciprestes, belas flores /
e agradáveis ervas e palhas de doce aroma.²⁸³ /
E eles estarão gritando e louvando o grande Rei da eternidade. /
E todos os povos e nações, os reis e os nobres o adorarão /
e toda a carne o irá adorar e louvar nos portões da filha Sião;²⁸⁴ /
eles também se agruparão pela luz de seu esplendor. /
E o querubim do santuário será restaurado ao Monte Sião /
e o trono da justiça à nova Jerusalém. /
E o grande Messias, o Filho do Homem, nele se sentará /

²⁸⁰ “Assim diz o Senhor, que faz um caminho no mar e uma trilha nas águas impetuosas”. (Isa 43:16)

²⁸¹ “E Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor, por um forte vento oriental toda aquela noite, fez o mar se retirar. E fez do mar [terra] seca e as águas foram divididas”. (Ex 14:21)

²⁸² “E o dividirá em sete canais e os fará atravessar de pé enxuto”. (Isa 11:15)

²⁸³ “[...] tomou ramos de palmeiras, e saíram-lhe ao encontro. E clamaram e disseram: Hosana, bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel!” (Jn 12:13)

²⁸⁴ “Para que eu possa mostrar todos os teus louvores nas portas da filha de Sião e me alegre na tua salvação”. (Ps 9:14)

e julgará os povos com justiça e as nações com retidão. /
Ele manterá [domínio] e governará para sempre, de uma era à outra. /
E todos os confins da terra o adorarão /
e um grande fogo circundará Sião /
e fagulhas de fogo estarão ardendo ao redor de Jerusalém.²⁸⁵ /
E lá se agruparão todos os povos e nações /
e todos os justos e virtuosos /
e todos que temem o nome do Senhor dos exércitos. /

39 – E eles se agruparão e nela entrarão com a cabeça descoberta de alegria /
para receber aquilo que lhes havia sido prometido. /
E eles comemorarão na alegria de Sião /
e na exultação de Jerusalém. /
Eles entrarão em suas muralhas de fogo /
e seus pés pisarão sobre fagulhas; /
e o fogo se tornará orvalho sob seus pés /
e as fagulhas se tornarão água benta. /
E todos os justos e virtuosos irão entrar /
e todos os que temem o nome do Senhor dos exércitos e fazem a sua vontade. /
E cada um deles entrará no portão da casa de seu pai /
e irá para a parte de sua tribo. /
Mas quem não conseguir passar pelo portão de fogo /
rangerá seus dentes do lado de fora. /
E Jerusalém será gloriosa, virtuosa e livre. /
E será chamada lugar onde mora a paz e cidade da paz. /
E os não circuncidados e impuros nela não entrarão ²⁸⁶ /
e seus moradores nela viverão com alegria. /
Eles confiarão e herdarão sua terra como uma eterna aliança. /
E também a noite não cairá sobre ela /
e o sol e a lua não se porão nela.²⁸⁷ /

²⁸⁵ “Pois eu, disse o Senhor, serei para ela uma muralha de fogo ao seu redor, e serei a glória no meio dela”. (Zech 2:5)

²⁸⁶ “Desperta, desperta, veste-te de tua fortaleza, ó Sião; coloque tuas roupas de gala, ó Jerusalém, cidade santa, porque a partir de agora não mais entrarão em ti o não circuncidado e o impuro”. (Isa 52:1)

A luz do sol não será necessária, /
nem mesmo aquela da lua, /
pois a luz do Senhor dos exércitos /
e o esplendor do Messias serão a luz sobre ela para todo o sempre. /

40 – Então o Senhor dos Exércitos reunirá todos os eleitos de Israel, /
todos os dispersos de Judá /
e toda a descendência de Abraão /
e preparará um banquete para Sião /
e uma festa para Jerusalém ²⁸⁸ /
e também divertimento, alegria e louvor, /
um banquete de paz /
nos dias do Messias, na redenção de Sião /
e também na reunião dos exilados de Israel /
e todos os justos e virtuosos. /

E pedimos ao Messias, nosso Senhor, que nos faça merecedores de ficar ao seu lado /
direito²⁸⁹ e nos misture na companhia dos santos e na companhia de seus amigos, /
aqueles que o amaram e mantiveram seus mandamentos,²⁹⁰ na sua graça e no seu
amor, / para todo o sempre. / Assim seja. /

Termina a estupenda revelação que foi revelada ao profeta Daniel na terra de Elam / e
Pérsia.

²⁸⁷ “Então a lua se confundirá e o sol se envergonhará, pois o Senhor dos exércitos reinará gloriosamente no monte Sião e em Jerusalém, diante de seus anciãos”. (Isa 24:23)

²⁸⁸ “E neste monte o Senhor dos exércitos prepara para todos os povos um banquete de carnes gordurosas, um banquete de vinhos puros”. (Isa 25:6)

²⁸⁹ “E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino que vos foi preparado desde a fundação do mundo’”. (Mt 25:33).

²⁹⁰ “Se me amais, guardareis meus mandamentos”. (Jo 14:15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma modificação histórico-social radical nem sempre induz o desenvolvimento de uma “imaginação apocalíptica” ou a composição de mensagens desse tipo como reações específicas ao novo contexto social. Adela Collins comenta, por exemplo, que enquanto *4 Esdras*, *2 Baruch* e o Apocalipse podem ser entendidos como respostas a determinadas crises, “mesmo assim seria equivocado considerar essas mesmas crises como explicação total ou parcial para aqueles textos”. Seu argumento baseia-se na constatação que respostas à destruição de Jerusalém, como os apocalipses de *4Ezdras* e *2Baruch*, “incluíram também a fundação de escolas rabínicas”, enquanto em situações similares àquelas em que João escreveu o *Apocalipse*, “outros cristãos escreveram cartas recomendando obediência às autoridades”. Para Collins, “fatores como temperamento e escolha de perspectiva teológica do autor são pelo menos tão importantes quanto a situação histórico-social na produção de uma mentalidade apocalíptica” (COLLINS, 1984: 105). Essa opinião é compartilhada por Lester Grabbe, para quem aspectos literários e sociais não devem ser confundidos quando se procura determinar o ambiente social de um apocalipse, pois “textos deste gênero frequentemente apenas expressam o que já se tornou uma opinião generalizada na comunidade” (GRABBE, 1989: 36).

Submetida a pragas, fome, terremotos, perseguições religiosas e guerras sem fim, a população cristã que habitava os limites orientais do Império Romano dificilmente deixaria, contudo, de reconhecer que vivia em tempos de perigosa instabilidade política e religiosa, fosse sob domínio bizantino ou sassânida. A grande produção de apologética e obras destinadas a propagar a fé cristã que surgiram naquele período, a maioria relacionada às profecias de Daniel a respeito dos quatro impérios mundiais, teria servido para aumentar aquelas reflexões (AERTS, 2011: 23).

Da mesma forma, as vicissitudes da guerra teriam trazido com elas o medo que uma eventual derrota anunciaria o início à invasão dos povos escatológicos de Gog e Magog e em sua esteira, ao advento do Anticristo, conforme previsto por Teodoro de Sykeon (ca. 550–613):

O tremor das cruzes prenuncia muitas coisas dolorosas e perigosas para nós – significa instabilidade em nossa fé e apostasia, incursões de muitos povos bárbaros, derramamento de muito sangue e destruição, cativeiro e desolação das igrejas, cessação do serviço divino, queda e perturbação do Império e perplexidade e momentos críticos para o Estado; e mais, prenuncia que a vinda do adversário está próxima (DAWES, 1948: 134)

Nesse contexto seria bastante razoável considerar que a cristandade siríaca procurasse expressar seu desejo por alívio e restauração da ordem através de uma “esperança apocalíptica” e a conquista inicial de quase todo o Oriente Médio pelos persas e em seguida pelos árabes, entendida como a primeira etapa do processo escatológico que abriria caminho para a chegada do fim dos tempos.

Tanto aquela instabilidade quanto essa a esperança estão representadas no *Apocalipse Siríaco de Daniel*:

Então o medo habitará na terra [...] e poucas e esparsas pessoas serão deixadas. E elas estarão morando no topo das montanhas com muito medo e em grande pavor [...]. E quem estará [lá] neste dia para comandar e quem será encontrado naquele momento, quando a grande e admirável cruz do Deus dos deuses e Senhor dos senhores começar a aparecer? (SyrDan: 25)

Visões pessimistas como essas, relacionadas ao futuro do império, provavelmente circularam livremente nas comunidades eclesíásticas de Bizâncio durante a guerra e demandaram uma “resposta vigorosa” de Constantinopla após a penosa vitória de Heráclio sobre Cosroes II em 628.

Uma das maneiras para conter esse sentimento negativo e elevar a moral da população foi estimular uma “ideologia imperial” que identificasse no império Greco-Romano (Bizantino) o quarto e último dos sucessivos impérios no padrão proposto pelo *Livro de Daniel*. Essa associação já havia sido feita – e aparentemente aceita pela cristandade siríaca – por Aphrahat no séc. IV:

E a quarta besta ele disse que era excessivamente terrível, forte e poderosa, devorando e esmagando e pisoteando com seus pés tudo que permanecesse. É o reino dos filhos de Esaú. Porque depois que Alexandre, o macedônio tornou-se rei, o reino dos gregos passou a existir, uma vez que Alexandre era também um deles, igual aos gregos. Mas a visão da terceira besta foi cumprida nele, uma vez que a terceira e a quarta eram uma só. (Dem 5: 19)

Ademais, em sua vinda [Cristo] entregou o reino aos romanos, os quais são chamados os filhos de Esaú e os filhos de Esaú mantiveram o reino para aquele que o deu a eles [...] Quando Ele, a quem o reino pertence, vier em sua segunda vinda, receberá de volta o que deu e será rei para todo o sempre. (Dem 5: 22-23)

Não foi difícil, portanto, traduzir aquele estímulo por um “reforço” na produção de uma política oficial que valorizasse o papel desenvolvido pelo imperador naquele conflito e substituísse a antiga escatologia apocalíptica – que anunciava a proximidade do fim do império Romano – por um novo imaginário, mais adequado ao “grandioso futuro” a ser desfrutado pela cristandade a partir do final daquela guerra (REININK, 2002: 83-84).

A *Lenda siríaca de Alexandre* procurou cumprir esse papel, aproveitando-se tanto da enorme influência da personalidade e das ações do rei macedônio sobre os cristãos siríacos que falavam persa, súditos do império Sassânida, quanto sobre os que falavam grego ou siríaco, obedientes ao imperador bizantino, para dar tons heroicos ao reinado de Heráclio (CIACAGLINI, 2001: 138). Nela, Heráclio, o “novo” Alexandre, seria o instrumento da vontade de Deus e seu representante na terra, o “Restaurador do Império Cristão” antes do fim dos tempos, que seria anunciado pela abertura dos “portões” construídos por Alexandre (REININK, 2005: 164). Criava assim uma tipologia Alexandre-Heráclio em cujo contexto a imagem do primeiro determinava a ideologia do segundo, da mesma forma que Cosroes II se igualava a Tubarlak, o rei persa vencido por Alexandre no passado. A *Lenda* profetizava que o império de Alexandre dominaria o mundo, afirmando que “não seria encontrada entre as nações e línguas que habitavam a Terra nenhuma capaz de resistir ao reino dos romanos” e de maneira análoga às previsões feitas pelos astrólogos persas do passado, antecipava o tratado de paz de 628.²⁹¹

E Tubarlak, o rei da Pérsia, trouxe adivinhos e mágicos, e os signos do zodíaco, e fogo e água e todos os seus deuses e fizeram adivinhações; e lhe disseram que na consumação final do mundo o reino dos romanos avançaria e subjugaria todos os reis da terra; e que qualquer que fosse o rei encontrado na Pérsia seria morto e que a Babilônia e a Assíria seriam destruídas sob o comando de Deus [...] E colocou por escrito [...] que a Pérsia seria destruída pelos romanos e que todos os demais reinos seriam [também] destruídos, mas que [o reino dos romanos] duraria e governaria até o final dos tempos e que [o reino dos romanos] entregaria o reino da Terra ao Messias, que há de vir. (BUDGE, 1889: 158)

A associação de antigas tradições relacionadas a Alexandre com o novo papel reservado a Heráclio na *Lenda* marcou o momento em que aquele deixou de ser um

²⁹¹ O tratado de 628 restaurou as fronteiras dos impérios Romano e Sassânida aos limites que prevaleciam antes do início da guerra, além de outras compensações a Constantinopla.

rei pagão para transformar-se num instrumento de Deus (ANDERSON, 1932: 25). Além de assegurar que a vitória sobre os persas garantia a Bizâncio o início de uma nova era, a *Lenda* procurava também resolver a questão religiosa interna do Império, “que desde o século VI tornava cada vez mais tensas e ambíguas as relações desenvolvidas entre os Monofisitas de língua siríaca e seus senhores bizantinos”. Seu texto assegurava que a paz conquistada por Alexandre (Heráclio) no campo de batalha anunciava que no futuro a ser desfrutado pelos cristãos não haveria espaço para outro poder mundano que não fosse o representado pelo seu Imperador. Dessa forma, a *Lenda* tornou-se um veículo para a mensagem de reconciliação religiosa de Heráclio, que tinha como alvo as comunidades cristãs que se recusavam a aceitar as decisões tomadas em 451 pelo concílio de Calcedônia. Essa mensagem incluía, além da *Lenda*, a visita de Heráclio a Jerusalém e o retorno da *vera cruz* à Terra Santa²⁹² (SPAIN ALEXANDER, 1977: 233). A necessidade de dar maior credibilidade ao futuro do império fez, no entanto, que seu autor ignorasse temas tradicionais da escatologia cristã, como o advento de Anticristo, e alterasse a sequência tradicional dos conflitos que antecederia o final dos tempos.²⁹³

Composto pouco depois da *Lenda*, o *Poema Siríaco de Alexandre* também representava Alexandre como um soberano com uma missão pré-determinada na história da humanidade. Mas enquanto a *Lenda* pretendia passar uma “mensagem histórica”, o *Poema* se caracterizava por um viés mais doutrinário. Os propósitos de Alexandre nesse texto, mais do que “construir um império que durasse até o final dos tempos”, seriam levantar “um portão que permanecesse fechado até a chegada do fim desses tempos” e “conquistar a imortalidade”, banhando-se na fonte da vida situada na “terra da escuridão”. O *Poema* deixava claro, todavia, que esses objetivos não seriam jamais alcançados, pois aqueles portões só poderiam ser abertos pela vontade de Deus. Assim, Bizâncio sofreria o mesmo destino reservado aos demais reinos e seria destruída pelos exércitos de Gog e Magog. Rejeitando abertamente a escatologia imperial bizantina da *Lenda*, o *Poema* mostrava que “os reinos mundanos eram transitórios e que a humanidade só se tornaria imortal no reino de Deus” (REININK, 2005: 165-167):

²⁹² Conhecida como *monotelismo*, a política de unificação eclesiástica pregada por Heráclio pregava a dupla natureza de Cristo, mas uma única vontade.

²⁹³ A *Lenda* coloca a “nova era de ouro” de Bizâncio entre a invasão dos “povos do norte” e a chegada do reino de Deus, em vez de anteceder esses acontecimentos.

E o anjo disse a ele [Alexandre] para escrever essas coisas e [...] o espírito do Senhor desceu sobre o rei, como havia feito com Jeremias e ele escreveu as coisas [que haviam sido] escondidas, como Daniel e como Isaías [...] E ele escreveu e mostrou tudo que estava por vir, como Daniel. E o rei Alexandre, o filho de Felipe disse: “Os reis com suas hierarquias e domínios tremerão no dia em que eles [Gog e Magog] avançarem sobre a terra ao final dos tempos [...] e a ira [do Senhor] se levantará e aniquilará a terra com a desolação do mal e tirará a poderosa Roma de sua grandeza e a lançará às profundezas”. (BUDGE, 1889: 192-193)

Essa rejeição provavelmente representava também uma resposta das comunidades cristãs não alinhadas à política de união religiosa pretendida pelo Estado, uma vez que aqueles que discordavam de Calcedônia jamais deixaram de ser perseguidos pelas autoridades eclesiásticas imperiais, conforme registraria mais tarde Miguel, o Sírio, ao descrever a visita do Imperador a Edessa em 628.²⁹⁴

“Mas ao se aproximar para participar dos santos mistérios de acordo com as regras dos imperadores cristãos, Isaías, metropolitano da cidade, no fervor de seu zelo, impediu o Imperador de receber a comunhão, dizendo: “se não execrares por escrito o concílio de Calcedônia não te deixarei tocar os mistérios”. Enfurecido, o Imperador expulsou o bispo de sua catedral e a transferiu para o controle dos melquitas.” (cf. CHABOT, 1899: 2. 411-412)

As propostas conflitantes da *Lenda* e do *Poema* para aproveitar uma situação histórica passada (a vitória na guerra contra os persas) para resolver outra ainda sem solução no presente (a ferrenha oposição das comunidades siríacas às decisões do Concílio de Calcedônia) precisaram ser retrabalhadas no cenário que se seguiu às perdas territoriais para os invasores árabes, e tanto *Pseudo-Efrem* quanto *Pseudo-Metódio* representaram tentativas de se adaptar a essa nova realidade.

Pseudo-Efrem atribuiu a derrota bizantina à política religiosa do império de perseguir as comunidades monofisitas – os “filhos dos justos” – e considerou as guerras contra os persas e as invasões árabes um castigo divino relacionado aos acontecimentos escatológicos que antecedem o final dos tempos:

Quando o Nilo, o rio do Egito, encher e inundar parte da terra, algumas regiões irão preparar-se contra o país dos romanos. Nações lutarão

²⁹⁴ Em suas *Crônicas*, Miguel, o Sírio (1126–1199), faz um relato da história do mundo, desde a criação até ao seu próprio tempo.

contra nações e reino contra reino. Eles partirão, passando de um país para o outro e os romanos serão colocados em fuga. E os assírios ganharão autoridade sobre a região dos romanos [...] Mas assim como o Nilo, o rio do Egito, recua do que inundou, também a Assíria recuará ao seu próprio país e os romanos, uma vez mais se encontrarão em sua terra ancestral [...] Então, o mal aumentará na terra [...] O grito dos perseguidos e dos miseráveis subirá ao céu. Em seguida haverá um julgamento para expulsá-los da terra. A santa aliança irá reclamar; um grito subirá ao céu, um povo sairá do deserto. A descendência de Hagar, a serva de Sara, que se apega à aliança com Abraão, marido de Sara e Hagar. Colocado em movimento, ele [o povo de Ismael] vem em nome do carneiro, o arauto do filho da Destruição. (Ps.Efrem 13-23)

Também predisse que o castigo de Deus seria temporário. O domínio árabe seria destruído pelas nações enclausuradas pelos portões construídos por Alexandre, as quais dariam lugar, no devido tempo, a um império cristão Bizantino que duraria até o advento do Anticristo e o juízo final:

Então, o Senhor vai trazer a Sua paz, que atesta sua glorificação entre os céus. E mais uma vez o império dos romanos vai brotar e florescer em seu [próprio] lugar. Ele dominará a terra e seus limites e não existirá ninguém que se oponha a ele. (Ps.Efrem 89-91)

O conceito de manutenção do controle do mundo nas mãos do império Bizantino até o final dos tempos alcançaria sua expressão máxima em *Pseudo-Metódio*. Esse texto reinterpretou a tradição da sequência de impérios exposta no *Livro de Daniel* introduzindo o conceito de um imperador que “viria do mar” para derrotar o opressor árabe e confirmar o *status* de Bizâncio como o “Último Império” sobre a terra. Mas enquanto em *Pseudo-Efrem* os invasores muçulmanos seriam derrotados pelos povos escatológicos de Gog e Magog, Pseudo-Metódio atribuía essa tarefa ao “Último Imperador” dos cristãos:

Então, subitamente [...] o rei dos gregos virá contra eles [os filhos de Ismael] com grande ódio [...] Ele, que foi considerado como se estivesse morto, virá contra eles do mar dos Kushites e trará destruição e desolação [...] Os homens do rei dos gregos tomarão a região do deserto e matarão pela espada qualquer sobrevivente deixado entre eles na terra da promessa [...] Toda a ira do imperador dos romanos será sobre aqueles que negarem nosso Senhor Jesus Cristo. A Terra estará em paz e haverá calma sobre a Terra como nunca houve e não haverá novamente, já que é o fim. Haverá alegria na Terra e os homens viverão em paz e reconstruirão cidades, libertarão os sacerdotes de

seus impostos e deixarão de ter aflições naquela época. (MARTINEZ, 1985: 149-150)

Mesmo ressalvando-se as dificuldades metodológicas de se alcançar conclusões baseando-se apenas na presença (ou ausência) de similaridades entre temas ou textos, parece adequado assumir à luz do que foi tratado por essa tese, que a literatura apocalíptica cristã do séc. VII procurou adaptar-se às modificações históricas e sociais da época “ajustando” o *Livro de Daniel* a situações adversas. Não parece ter sido esse, contudo, o caso do *Apocalipse Siríaco de Daniel*, que se distingue em pontos significativos, dos textos que presumivelmente o precederam, como a *Lenda* e o *Poema* ou sucederam, como *Pseudo-Efrem* e *Pseudo-Metódio*.

Sua narrativa apocalíptica, por exemplo, parece estar frequentemente “imersa na tradição literária judaica, onde o núcleo da argumentação está relacionado à figura do Messias” e o foco, na periodização da história (UBIERNA, 2012: 156). De fato, é comum a presença de expressões judaicas no pano de fundo do Apocalipse Siríaco de Daniel, identificadas na tradução (cap. 3 dessa tese) pelo uso de expressões como “Rei Messias” (siríaco *mlk' mšyh'*), doze estradas (siríaco *wltrt'sr' 'wr hin*) ou “querubim do santuário” (siríaco *krwb' dqwdš'*):

E então o Deus dos deuses, Senhor dos senhores e Rei dos reis, Adonai Seba'oth, o poderoso Senhor, aparecerá por completo em Sião e colocará o querubim do santuário em Sião e o trono dos justos nas montanhas de Jerusalém. E também a [visão?] do Rei Messias do céu irá aparecer na Terra. (SyrDan: 29)

Então haverá a vinda do Rei Messias em grande glória. Seu nome precede o sol, e seu reino e seu domínio precedem a lua. (SyrDan: 30)

E haverá uma estrada direta e eles não irão ao redor do Eufrates e do Tigre, os rios profundos; eles serão cortados por doze estradas e eles passarão por elas em sandálias. E suas águas estarão calmas e paradas e não se moverão para mudar os caminhos que estarão em seu seio. (SyrDan:37)

E o querubim do santuário será restaurado ao Monte Sião e o trono da justiça à nova Jerusalém.
E o grande Messias, o Filho do Homem, nele se sentará e julgará os povos com justiça e as nações com retidão. (SyrDan: 38)

O uso de tais expressões poderia, porém, estar também associada à especulação messiânica judaica do séc. VII, especialmente à *Doctrina Jacobi*. Nesse diálogo do séc. VII, judeus e um cristão convertido comparam a precária condição contemporânea de Constantinopla à antiga grandeza de Roma, referindo-se a ambas as cidades como a quarta besta “sobre a qual o profeta Daniel havia falado”. Embora identificar o Império romano com a última besta do *Livro de Daniel* não tenha sido incomum – como visto anteriormente – é notável essa tentativa precoce dos bizantinos, se judeus ou cristãos, em adaptar um fenômeno recente como o Islam a um esquema tão antigo quanto a profecia apocalíptica de Daniel (KAEGI, 1969: 141).

É também interessante notar que a seção “histórica” no texto do *Apocalipse Siríaco de Daniel* apresenta referências raramente encontradas em quaisquer outros textos apocalípticos, entre elas o envio do tesouro do Templo a Elam por Ciro, a presença de Gautama, o Mago, a recuperação da visão de Dario em Jerusalém e a colocação da ascendência do Anticristo na tribo de Levi (BROCK, 2005-2006: 7):

E tudo que era precioso em Babilônia e que o rei Nabucodonosor tinha trazido, o rei Ciro levou da Babilônia e trouxe para Elam e para a Pérsia e sujeitou Babilônia à Pérsia e a Elam, como eu havia mostrado a Belteshazzar, a respeito da palma da mão que havia escrito para ele algumas das palavras de Deus na parede do palácio, que seu reino seria entregue aos Medos e Persas, porque beberam nos vasos da casa do Senhor. (SyrDan: 8)

E Gaumata, o mago, levantou-se no meio da noite, matou o rei Ciro e apoderou-se do reino da Pérsia. E eu fiquei amedrontado e fugi para as cidades da Pérsia e de Elam, não fosse ele também me matar, pois eu era próximo ao rei Ciro e para não ter que ir mostrar a ele a montanha na qual foram colocados aqueles vasos que o rei Ciro tinha trazido da Babilônia, pois ele tinha entrado no tesouro do rei Ciro e encontrado o trono de ouro do rei Salomão. (SyrDan: 9)

E o rei Dario prosseguiu e entrou no santuário. Eu também o lavei na [fonte de] Siloé e ele acreditou no Deus dos meus pais. E ele o adorou no santuário e seus olhos foram abertos e ele viu a luz. E ele honrou o Deus vivo e caminhou em todos os espaços abertos de Jerusalém. (SyrDan: 11)

Será naqueles dias que uma mulher irá gerar um filho da casa de Levi. E nele aparecerão estes sinais e eles serão desenhados em sua pele, como se fossem armas de guerra: detalhes de um peitoral, e um arco, e uma espada, e uma lança, e uma adaga de ferro e carruagens de fogo. Sua aparência será como a de uma fornalha em chamas e seus olhos como carvão em brasa. (SyrDan: 21)

Presumivelmente escrito após a vitória sobre os persas de acordo com a tradição do texto canônico, o *Apocalipse Siríaco de Daniel* não desfrutou da força política da *Lenda* e certamente não representou uma resposta à política religiosa imposta por Heráclio, como o *Poema*. Sem explicar os acontecimentos do presente nem trazer esperanças políticas para o futuro, seu autor talvez tenha sido uma testemunha privilegiada da história que apenas almejava colocar-se – quando os tempos fossem chegados – “à direita de Cristo, misturado à companhia dos santos e de seus amigos para todo o sempre”.

Mas textos como o *Apocalipse Siríaco de Daniel* representam mais que meros exemplos de “expectativas apocalípticas” ou fontes de “tradições interpretativas” de interesse para o historiador. Indicam que modelos focados no fim iminente da História “não ofereceriam a esperança necessária (definida em termos políticos, é claro), para a sobrevivência do Império Bizantino” (UBIERNA, 2012: 164). Mais influentes seriam *Pseudo-Efrem* e *Pseudo-Metódio*, que para tal reafirmaram o que havia sido antecipado na *Lenda*: o quarto império, resultado da reinterpretação da profecia de Daniel, seria o Império Bizantino, o qual prevaleceria sobre todos os demais e sobreviveria até o último dia.

As complexidades do *Apocalipse Siríaco de Daniel* estão longe de se esgotar com a tradução de seu texto para uma língua moderna e com o comentário apresentado por esta tese. As dúvidas a respeito de sua autoria e proveniência, assim como seu substrato literário – predominantemente judaico, mas disfarçado sob espesso manto cristão –, continuam sem uma resposta adequada e merecem continuar a ser pesquisadas pelos interessados nesse tipo de literatura. Espera-se que essa tese venha a contribuir para tanto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AERTS, W.J. “Gog, Magog, Dogheads and Other Monsters in the Byzantine World”, in *Embodiments of Evil: Gog and Magog Interdisciplinary Studies of the ‘Other’ in Literature & Internet Texts*. A.A. Seyed-Gohrab, F. Doufikar-Aerts and S. McGlenn (eds.). Leiden: University Press (2011), pp. 23-33.

ALEXANDER, P. “3 (Hebrew Apocalypse of) Enoch: A new translation and introduction”. CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*, (vol. 1). New York: Doubleday, 1983, pp. 223-302.

ALEXANDER, Paul J. “Medieval Apocalypses as Historical Sources”, in *The American Historical Review*, 73/4 (1968), pp. 997-1018.

_____. *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. Dorothy deF. Abrahamse (ed.) Berkeley, Los Angeles, London: The University of California Press, 1985.

ANDERSEN, F.I. “2 (Slavonic Apocalypse of) Enoch”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*, (vol. 1). New York: Doubleday, 1983, pp. 91-213.

ARCHER Jr., Gleason L. *Jerome’s Commentary on Daniel*. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.

ANDERSON, Andrew R. *Alexander’s Gate, Gog and Magog, and the Inclosed Nations*. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1932.

APHRAHAT. *Demonstration V, On Wars*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf213.iii.ix.iv.html>. > (acessado em 11/09/2012).

ATHANASIUS. *Letter 39*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf204.xxv.iii.iii.xxv.html>.> (acessado em 09/09/2012).

BARDAISAN. *The Book of the Laws of the Countries*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf08.ix.xvi.html>. > (acessado em 11/12/2012).

BARNABAS. “Epistle”. Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/Epistle_of_Barnabas.> [Lange Translation] (acessado em 22/10/2013).

BARNES, Timothy D. “Constantine and the Christians of Persia”, in *Journal of Roman Studies*, 75 (1985), pp. 126-36.

BATEMAN, C. G. *Origen’s Role in the Formation of the New Testament Canon*. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2012.

- BECK, Edmund. *Des heiligen Ephraem des Syrers Sermones III* (CSCO 320-321; Scrip. Syr. 138-139). Louvain: Secrétariat du Corpus SCO, 1972. Translated into English by John C. Reeves, North Carolina University. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Pseudo-Ephraem>. > (acessado em 19/12/2013).
- BEHR, John. “Social and historical setting”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 55-70.
- BERGER, Klaus. *Die griechische Daniel-Diegeese, Eine altkirchliche Apokalypse. Text, Übersetzung und Kommentar*. Leiden: Brill, 1976.
- BØE, Sverre. *Gog and Magog; Ezekiel 38-39 as a Pre-Text for Revelation 19:17-21 and 20:7-10*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- BOUSSET, Wilhelm. *The Antichrist Legend: A Chapter in Jewish and Christian Folklore*. London: Hutchinson & CO., 1896.
- BROCK, Sebastian P. “Jewish Traditions in Syriac Sources”, in *Journal of Jewish Studies* 30 (1979), pp. 213-32.
- _____. “Eusebius and Syriac Christianity” in *Eusebius, Christianity and Judaism*. ATTRIDGE, Harold W. and HATA, Gohei (eds.). Detroit: Wayne State University Press (1992), pp. 212-35.
- _____. “Two editions of a new Syriac apocalypse of Daniel”, in *Jahrbuch für Antike und Christentum*, 48-49. (2005 – 2006), pp. 7-18.
- _____. *The Bible in the Syriac Tradition*. Piscatway, NJ: Gorgia Press, 2006.
- _____. “The earliest Syriac literature”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 161-71.
- _____. “Visions of the End: Apocalypticism and Eschatology in the Abrahamic Religions (6th-8th cent. CE)”. International Workshop – Lady Margaret Hall: Oxford, 2013.
- _____. “Ephrem and the Syriac tradition”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010b), pp. 362-72.
- BUDGE, Ernest A. W. *The History of Alexander the Great, Being the Syriac Version of the Pseudo-Callisthenes*. London: C. J. Clay and Sons, 1889.
- BUITENWERF, Rieuwerd. “The Gog and Magog Tradition in Revelation 20:8”, in JONGE, Henk & TROMP, Johannes (eds.). *The Book of Ezekiel and its Influence*. Aldershot: Ashgate Publishing Limited (2007), pp.165-82.
- CASPARI, C.P. “On the Last Times, the Anti-Christ, and the End of the World: A Sermon by Pseudo-Ephraem and Isidor of Sevilla”. Traduzido para o Inglês por

- Cameron Rhoades, Tyndale Theological Seminary, Ft. Worth, TX. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Pseudo-Ephraem>>. > (acessado em 19/12/2013).
- CIANCAGLINI, Claudia A. “The Syriac Version of the Alexander Romance” in *Le Muséon: Revue d’Études Orientales*, 114 / 1-2 (2001), pp. 121-40.
- CYPRIANUS. “Three Books of Testimonies Against the Jews”. Disponível em <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf05.iv.v.xii.ii.v.html>>. > (acessado em 26/08/2012).
- CYRIL. “Lecture XV” in *The Catechetical Lectures*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf207.ii.xix.html>>. > (acessado em 21/09/2012).
- CHAPMAN, David W. *Ancient Jewish and Christian Perceptions of Crucifixion*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.
- CHABOT, Jean-Baptiste. *Chronique de Michel le Syrien* (3 vols.). Paris: Ernest Leroux, 1999.
- CHARLES, Robert H. *The Ascension of Isaiah*. London: Adam and Charles Black, 1910. Disponível em: <<http://archive.org/stream>>. > (acessado em 01/10/2013).
- _____. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913. Disponível em: <<http://www.pseudepigrapha.com>>. > (acessado em 27/09/2013).
- _____. *Studies in the Apocalypse*. Edinburgh: T&T Clark, 1913.
- CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 1). New York: Doubleday, 1993.
- CLEMENTE. “Stromata”. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf02.vi.iv.i.xxi.html>>. > (acessado em 29/10/2013).
- COLLINS, Adela Yarbro. *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Philadelphia: The Westminster Press, 1984.
- COLLINS, John J. *Apocalypse: The Morphology of a Genre*, in Semeia 14, Missoula: Scholars Press, 1979.
- _____. “Sibylline Oracles”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*, (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 317-472.
- _____. *The Apocalyptic Imagination: An introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.
- _____. “Current issues in the study of Daniel”, in COLLINS, John J. and FLINT, Peter W. *The Book of Daniel: Composition and Reception*, (Supplements to Vetus Testament): Volume I. Leiden: Brill, (2001), pp. 1-18.

COMMODIANUS. *Carmen de Duobus Populis*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/commodianus.html>. > (acessado em 11/11/2013).

COOPER, James and MACLEAN, Arthur J. *The Testament of our Lord: Translated into English from the Syriac with Introduction and Notes*. Edinburgh: T&T Clark, 1902.

DALEY, Brian E. *The Hope of the Early Church: A Handbook of Patristic Eschatology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

DAWES, Elizabeth A. S. & BAYNES Norman H. *Three Byzantine Saints: Contemporary Biographies of St. Daniel the Stylite, St. Theodore of Sykeon and St. John the Almsgiver*. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/basis/theodore-sykeon.asp>. > (acessado em 17/04/2014).

DEBIÉ, Muriel. *Les apocalypses apocryphes syriaques: des textes pseudépigraphiques de l'Ancien et du Nouveau Testament*. Disponível em: < <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00008051/en/> .> (acessado em 17/01/2013).

DIGESER, Elizabeth DeP. *The Making of a Christian Empire: Lactantius and Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

DITOMMASO, Lorenzo. *The Book of Daniel and the Apocryphal Daniel Literature*. Leiden: Brill, 2005.

DRIJVERS, Jan W. *The Book of the Laws of Countries: Dialogue on Fate of Bardaisan of Edessa*. Piscataway: Gorgias Press, 2007.

EDDY, Samuel K. *The King is Dead: Studies in the near Eastern Resistance to Hellenism, 334-31 B.C.* Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1961.

EVANS, Graig A. "Daniel in the New Testament: Visions of God's Kingdom", in COLLINS, John J. and FLINT, Peter W. (eds.): *The Book of Daniel: Composition and Reception (Supplements to Vetus Testamentum, vol. II)* Leiden: Brill (2001), pp. 490-527.

EUSEBIUS. *Demonstratio Evangelica*. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/fathers/eusebius_de_10_book8.html. > (acessado em 17/09/2012).

FABRICIUS, Johann A. *Codicis pseudoepigraphi Veteris Testamenti* (2 vols.). Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=aeQ2AAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=fabricius&ei=G_INSpatJYPcygSG482JCw&redir_esc=y#v=onepage&q=fabriciu>

s&f=false. > (acessado em 05/05/2012).

GARCIA MARTINEZ, Florentino. "4QPseudo Daniel Aramaic and the Pseudo-Danielic Literature", in *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill (1992), pp. 137-61.

GERO, Stephen. *The Legend of Alexander the Great in the Christian Orient*. Bulletin John Rylands Library, 1990.

GINZBERG, Louis. *The Legends of the Jews* (6 vols.). The Jewish Publication Society of America: Philadelphia, 1913.

GOLITZIN, Alexander. "A monastic setting for the Syriac Apocalypse of Daniel" in YOUNG, Robin D. and BLANCHARD, Monica J. (eds.). *To train his soul in books: Syriac asceticism in early Christianity*. Washington: Catholic University of America Press (2011), pp. 66-98.

GRABBE, Lester L. "The Social Setting of Early Jewish Apocalypticism" in *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 4 (1989), pp. 27-47.

_____. "A Dan(iel) for all Seasons" in COLLINS, John J. and FLINT, Peter W. (eds.). *The Book of Daniel: Composition and Reception (Supplements to Vetus Testament, vol. I)*. Leyden: Brill (2001), pp. 229-46.

GRIFFITH, Sidney H. "Ephraem the Syrian's 'Hymns against Julian': Meditations in History and Imperial Power" in *Vigiliae Christianae*, 41/3 (1987), pp. 238-66.

GRUENWALD, Ithamar. *Apocalyptic and Merkavah Mysticism*. Leyden: Brill, 1980.

HALDON, John F. *Byzantium in the Seventh Century: The Transformation of a Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HARNACK, Adolf von. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries* (2 vols.). London: Williams and Norgate, 2010.

HEINE, Ronald E. "The Alexandrians", in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), 117-130.

_____. "The beginnings of Latin Christian literature", in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010b), pp. 131-141.

HENZE, Matthias. *The Madness of King Nebuchadnezzar: The Ancient Near Eastern Origins and Early History of Interpretation of Daniel 4*. Leiden: Brill, 1999.

_____. *The Syriac Apocalypse of Daniel: Introduction, Text and Commentary*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.

HIPÓLITO. *Commentary on Daniel*. Disponível em: <<http://www.chronicon.net/>> (acessado em 14/08/2012).

_____. *Treatise on Christ and Antichrist*. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/hippolytus-christ.html>. > (acessado em 20/10/2013).

HERODOTUS. *The Histories*. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/cla/hh/hh1210.htm>. > (acessado em 10/03/2014).

IRINAEUS. *Against Heresies*. Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/Anti-Nicene_Fathers/Volume_I/IRENAEUS/Against_Heresies:_Book_V/Chapter_XXV. > (acessado em 07/07/2012).

ISIDORE of SEVILLE. *Historia de Regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum*. Disponível em: <http://la.wikisource.org/wiki/Historia_de_regibus_Gothorum,_Wandalorum_et_Suevorum> (acessado em 05/03/2014).

ISAAC, E. “1 (Ethiopic Apocalypse of) Enoch”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 5-89.

JOSEPHUS. *The Antiquities of the Jews*. Disponível em <<http://www.ccel.org>. > (acessado em 23/05/2012).

_____. *War of the Jews*. Disponível em: <<http://www.ccel.org>> (acessado em 24/05/2012).

JEROME. *Commentary on Daniel*. Disponível em <www.tertullian.org/fathers/jerome_daniel_02-text.htm> (acessado em 16/06/2012).

_____. *Letter LXXVII: To Oceanus*. Disponível em: <http://www.tertullian.org/fathers2/NPNF2-06/Npnf2-06-03.htm#P3201_835203>. (acessado em 18/06/2012).

JUBILEES. In CHARLES R.H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913.

KAEGI, Walter E. Jr. “Initial Byzantine Reactions to the Arab Conquest”, in *Church History*, 38/2. Cambridge: Cambridge University Press (1969), pp. 139-49.

_____. *Heraclius, Emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KEE, Howard C. “Testaments of the Twelve Patriarchs”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 775-828.

_____. *The Beginnings of Christianity: An Introduction to the New Testament*. London: T & T Clark International, 2005.

KLIJN, A.F.J. “2 (Syriac Apocalypse of) Baruch”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 615-52.

KNIBB, M. A. “Martyrdom and Ascension of Isaiah”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 2). New York: Doubleday (1985), pp. 143-76.

KOCH, Klaus. “Stages in the Canonization of the Book of Daniel”, in COLLINS, John J. and FLINT Peter W. (eds.). *The book of Daniel: composition and reception* (Supplements to Vetus Testament), vol. II. Leiden: Brill (2001), pp. 421-446.

LACTANTIUS. *Of the False Prophet, and the Hardships of the Righteous, and his Destruction*. Disponível em:
<http://www.intratext.com/IXT/ENG0292/_P4Q.HTM> (acessado em 02/09/2012).

_____. *The Divine Institutes*. Disponível em:
<<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf07.toc.html>> (acessado em 01/03/2013).

LANE, David J. *Šubhalmaran: The Book of Gifts*. Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium (vol. 612), Scriptores Syri, Tomus 236. Lovanii: Aedibus Peeters, 2004.

LEWEY, Samson H. “The Targum of Ezekiel” in *The Aramaic Bible*, vol. 13. Edinburgh: T. & T. Clark, 1987.

LIETAERT PEERBOLT, Lambertus J. *The Antecedents of the Antichrist – A Traditio-Historical Study of the Earliest Christian Views on Eschatological Opponents*. Leiden: Brill, 1996.

LOREIN, G. W. *The Antichrist Theme in the Intertestamental Period*. London: T&T Clark International, 2003.

LOUTH, Andrew. “The fourth-century Alexandrians: Athanasius e Didymus”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 275-82.

_____. “Eusebius and the birth of church history”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010b), pp. 266-74.

LUST, Johan. “Gog, Magog”, in TOORN, Karel van der; BECKING, Bob and

- HORST, PIETER W. van der. *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Leiden: Brill (1995), p. 373.
- MACLER, Frédéric. *Les Apocalypses apocryphes de Daniel*. Paris: C. Noblet, 1895.
- MARTÍNEZ, Florentino G. *The Dead Sea Scrolls Translated: The Qumran Texts in English*. Leiden: Brill, 1996.
- MARTINEZ, Francisco J. “The Apocalyptic Genre in Syriac: The World of Pseudo-Methodius” in DRIJVERS, H.J.W., LAVENANT, R., MOLENBERG, C. and REININK, G.J. (eds.). Rome: *IV Symposium Syriacum*, 1987.
- _____. *Eastern Christian Apocalyptic in the Early Muslim Period: Pseudo-Methodius and Pseudo-Athanasius* (unpublished thesis). Washington, D.C.: Catholic University of America, 1985. Disponível em: <<http://www.arzobispodegranada.es/pdfs/22.pdf>. > (acessado em 08/09/2012).
- _____. “La literatura apocalíptica y las primeras reacciones cristianas a la conquista islámica en Oriente”, in CASTRILLON, Gonzalo A. (ed.) *Europa y el Islam*. Madrid: Real Academia de la Historia (2013), pp.143-222.
- McGINN, Bernard. *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: University of Columbia Press, 1979.
- _____. *Antichrist: Two Thousand Years of the Human Fascination with Evil*. New York: Harper Collins Publishers, 1996.
- McVEY, Kathleen. “*Ephrem, the Syrian: Hymns*”. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1989.
- METZGER, B.M. “The Fourth Book of Ezra”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*, vol. I. New York: Doubleday (1983), pp. 517-560.
- MIGNE, Jacques P. *Dictionnaire des Apocryphes ou Collection de tous les livres apocryphes relatifs à l'Ancien e au Nouveau Testament* (2 vols.). Paris: J.P. Migne Editeur, 1858.
- MILAVEC, Aaron. *The Didache: Text, Translation, Analysis, and Commentary*. Collegeville: Liturgical Press, 2003.
- MILLAR, Fergus. “Hellenistic History in a Near Eastern Perspective: The Book of Daniel” in CARTLEDGE, Paul. *Hellenistic Constructs: Essays in Culture, History, and historiography*. Berkeley, University of California Press (1997), pp. 89-104.
- MORRISON, Craig E. “The reception of the Book of Daniel in Aphrahat’s Fifth Demonstration: On Wars”, in *Hugoye: Journal of Syriac Studies*, vol. 7 (2007), pp. 55-82.
- MURRAY, Robert. *Symbols of Church and Kingdom: A Study in Early Syriac Traditions*. London: T&T Clark, 2006.

NICHOLSON, Oliver. “Arnobius and Lactantius”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 259-65.

NORRIS, Richard. “The apostolic and sub-apostolic writings: the New Testament and the apostolic Fathers”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 11-19.

_____. “Irenaeus of Lyon”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010b), pp. 45-54.

_____. “Articulating identity”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010c), pp. 71-90.

OEGEMA, Gerbern S. “The Reception of the Book of Daniel (and Danielic Literature) in the Early Church”, in *the Pseudepigrapha and Christian Origins: Essays from the the Studiorum Novi testament Societas*. OEGEMA, Gerben and CHARLESWORTH, James H. (eds.). London: T. & T. Clark (2008), pp. 243-58.

_____. *Early Judaism and Modern Culture: Literature and Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2011.

ORIGEN. *Contra Celsus*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf04.vi.ix.vi.xlv.html>. > (acessado em 04/10/2012).

PALMER, Andrew, BROCK, Sebastian and HOYLAND, Robert G. *The Seventh Century in the West-Syrian Chronicles*. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.

PAYNE SMITH, R. *A Compendious Syriac Dictionary* (Dukhrana on line searchable version). Disponível em: <<http://dukhrana.com/lexicon/PayneSmith/index.php>. > (acessado em 27/04/2012).

POLICARPO. *Epistle to the Philippians*. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/polycarp-lightfoot.html>. > (acessado em 18/11/2013).

PRIEST, John F. “Testament of Moses”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.) *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments* (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 919-34.

PRICE, Richard and GADDIS, Michael. *Acts of the Council of Chalcedon* (vol.1). Liverpool: Liverpool University Press, 2005.

PSEUDO-HIPÓLITO. *On the End of the World*. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/0504.htm>. > (acessado em 12/12/2013).

PSEUDO-EFREM. *Sermon on the Last Times, the Anti-Christ and the End of the World*. Available from: <http://en.wikipedia.org/wiki/Apocalypse_of_Pseudo-Ephraem#cite_ref-7>. > (acessado em 29/09/2013).

RAMOS, Marcus V. *À Sua Imagem e Semelhança: O Misticismo Judaico na Antiguidade Tardia e a Percepção do Corpo nas literaturas apocalíptica e Hekhalot*. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7619/1/2010_>. >. (acessado em 22/03/2013).

REEVES, John C. “A discourse (memra) of the holy saint Ephrem, the Syrian teacher, concerning the end, (final) consummation, judgment, and punishment; on the people of Gog and Magog; and about the Antichrist”, translated by BECK, Edmund. *Des Heiligen Ephraem des Syrers Sermones III*. Louvain: Secrétariat du Corpus SCO, 1972). Disponível em: <<http://clas-pages.uncc.edu/john-reeves>>. > (acessado em 17/07/2013).

REININK, Gerrit J. “Heraclius, the new Alexander: Apocalyptic prophecies during the reign of Heraclius”, in REININK, G. J. & STOLTE, B. H (eds.). *The Reign of Heraclius (640-641): Crisis and Confrontation*. Leuven: Peeters (2002), pp. 81-94.

_____, “Alexander the Great in Seventh-Century Syriac Apocalyptic Texts”, in *Syriac Christianity Under Late Sasanian And Early Islamic Rule* (Variorum Collected Studies Series). Ashgate Publishing Ltd: Aldershot (2005), pp. 150-78.

RIGAUX, Béda. *L'Antéchrist: et l'opposition au Royaume Messianique dans l'Ancien et le Nouveau Testament*. Paris: J. Gabalda et Fils, 1932. Disponível em: <<http://archive.org/stream/>>. > (acessado em 19/01/2013).

ROWLAND, Christopher and MORRAY-JONES, Christopher. *The Mystery of God: Early Jewish mysticism and the New Testament*. Leyden: Brill, 2009.

SACKUR, E. “Sibyllinische Texte und Forschungen”, in MCGINN, B. *Visions of the End: apocalyptic traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press (1979), pp. 49-50.

SALVESEN, Alison. “A Convergence of the Ways? The Judaizing of Christian Scripture by Origen and Jerome”, in BECKER, Adam E. & REED, Annette Y. (eds.). *The Ways that Never Parted: Jews and Christians in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Tübingen: Mohr Siebeck (2003), pp. 233-258.

_____. *King Darius and the Pool of Siloam: Syriac Reception of the Book of Daniel*. Brasília: IV Seminário PEJ-UnB-CAPES, 2009.

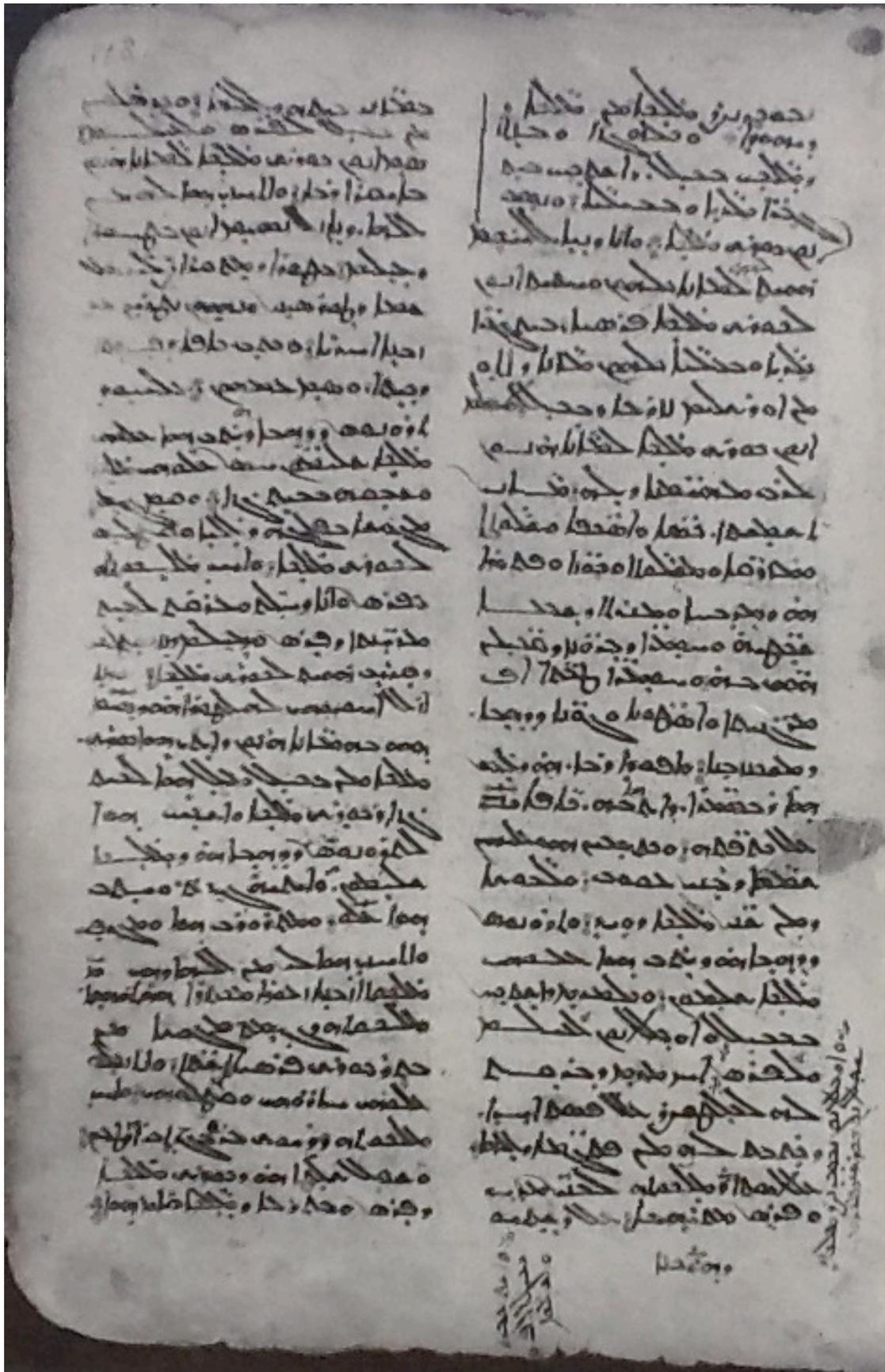
_____. “Church History” (June 1, 2013), in <<http://www.readperiodicals.com>>.

SCHMIDT, Thomas C. *Hippolytus of Rome: Commentary on Daniel*. Disponível em: <<http://www.chronicon.net>>. > (acessado em 15/11/2013).

- SCHMOLDT, H. ‘Die Schrift “Vom jungen Daniel” und “Daniels letzte Vision”’: *Herausgabe und Interpretation zweier apokalyptischer Texte*. Unpublished PhD thesis, Universität Hamburg, 1972.
- SEGAL, J. B. *Edessa, “The blessed City”*. Gorgias Press: Piscataway, 2005.
- SETZER, Claudia. *Jewish Responses to Early Christians: History and Polemics, 30-150 C.E.* Fortress Press: Minneapolis, 1994.
- SLABCZYK, Miron. *Apokalipso de Danielo Profeto en Lando Persio kaj Elamo*. Vienna: Arkado Eldonejo, 2000.
- SPAIN ALEXANDER, Suzanne. “Heraclius, Byzantine Imperial Ideology, and the David Plates”, *Speculum*, 52 / 2 (1977), p. 233.
- STRABO: *The Geography*. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/11N*.html> (acessado em 2/1/2014).
- STONE, Michael E. *Fourth Ezra: A Commentary on the Book of Fourth Ezra*. Minneapolis: Augsburg Press, 1990.
- TACITUS. *The Annals*; _____. *The Histories*. Disponível em: <<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Tacitus/home.html>> (acessado em 6/8/2012).
- TERTULLIAN. *Apology On the Resurrection of the Flesh*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf03.toc.html>> (acessado em 02/05/2012).
- _____. *Adversus Marcionem*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf03.v.iv.v.x.html>> (acessado em 17/10/2013).
- TOORN, Karel van der. “Scholars at the Oriental Court: The figure of Daniel against its Mesopotamian background”, in COLLINS, John J. and FLINT, Peter W. (eds.): *The Book of Daniel: Composition and Reception* (Supplements to Vetus Testament), vol. II. Leiden: Brill (2001), pp. 37-54.
- UBIERNA, Pablo. “Recherches sur l’apocalyptique syriaque et byzantine au viie siècle: la place de l’Empire romain dans une histoire du salut” in *Bulletin du Centre d’Études Médiévales d’Auxerre*, Hors série 2 (2008). Disponível em: <<http://cem.revues.org/index10895.html#ftn56>> (acessado em 18/02/2014).
- _____. “Syriac Apocalyptic and the Body Politic: From Individual Salvation to the Fate of the State. Notes on Seventh Century Texts”, in *Imago Temporis. Medium Aevum* VI (2012), pp. 141-164.
- VANDERKAM, James C. & William Adler (eds). *The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

- VAN DONZEL, Emeri & SCHMIDT, Andrea. *Gog and Magog in Early Eastern Christian and Islamic Sources. Sallam's Quest for Alexander's Wall*. Leiden: Brill, 2009.
- VERMES, Geza. *Scripture and Tradition in Judaism: Haggadic Studies*. Leiden: Brill, 1973.
- _____. “*The Dead Sea Scrolls in English*”. London: Penguin, 1997.
- VESSEY, Mark. “Jerome and Rufinus”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 318-27.
- VILLAGOMEZ, Cynthia. “Christian Salvation through Muslim Domination: Divine Punishment and Syriac Apocalyptic Expectation in the seventh and Eighth Centuries”, in *Medieval Encounters*, 4/3. Leiden: Brill (1998), pp. 203-18.
- WICKHAM, Chris. *The Inheritance of Rome: A History of Europe from 400 to 1000*. London: Penguin, 2009.
- WINTERMUTE, O. S. “Apocalypse of Elijah”, in CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature & Testaments*, (vol. 1). New York: Doubleday (1983), pp. 721-54.
- WRIGHT, J. Edward. “The social setting of the Syriac Apocalypse of Baruch”, in *Journal for the Study of Pseudepigrapha* 16 (1997), pp. 81-96.
- WRIGHT, W. *Catalogue of Syriac Manuscripts in the British Museum* (3 vols.). London: British Museum, 1870, vol.1:18-20.
- WHITTOW, Mark. *The Making of Byzantium, 600–1025*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- YOUNG, Frances. “Introduction: the literary culture of the earliest Christianity”, in YOUNG, Frances; AYRES, Lewis and LOUTH, Andrew (eds.). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press (2010), pp. 5-10.

ANEXOS



- 1 חל סלא ואלה סלחם כחל
- 2 ואלה חבסלם כחל סלחם ופיה
- 3 סוכר * 1- סלחם וזיעה
- 4 חבסל ואלה חכמה סלחם /
- 5 ואלה חכמה חכמה וזיעה
- 6 סוכר חכמה חכמה חכמה /
- 7 סוכר חכמה חכמה חכמה חכמה
- 8 סוכר חכמה חכמה חכמה /
- 9 ואלה [ח] חכמה חכמה חכמה
- 10 וזיעה חכמה / חכמה חכמה
- 11 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 12 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 13 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 14 סלחם חכמה * 2- חכמה חכמה חכמה
- 15 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 16 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 17 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 18 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 19 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 20 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 21 סלחם חכמה חכמה חכמה
- 22 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 23 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 24 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 25 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 26 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 27 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 28 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 29 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 30 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 31 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 32 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 33 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 34 סוכר חכמה חכמה חכמה

- 35 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 36 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 37 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 38 וזיעה חכמה חכמה חכמה /
- 39 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 40 סוכר חכמה חכמה חכמה /
- 41 חכמה חכמה חכמה חכמה *
- 42 3- סוכר חכמה חכמה חכמה
- 43 חכמה חכמה חכמה חכמה /
- 44 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 45 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 46 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 47 חכמה חכמה חכמה חכמה /
- 48 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 49 סוכר חכמה חכמה חכמה
- 50 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 51 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 52 חכמה חכמה חכמה חכמה /
- 53 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 54 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 55 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 56 חכמה חכמה חכמה חכמה * 4- סוכר
- 57 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 58 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 59 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 60 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 61 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 62 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 63 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 64 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 65 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 66 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 67 חכמה חכמה חכמה חכמה
- 68 חכמה חכמה חכמה חכמה

- 69 جھٹا و اوتنالا سہیو / گنہا
70 وادہا مٹاٹا سھتہ / سہ
71 سھتہ و اوتنالا سلا / سھتہ
72 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
73 سہ اھٹا سھتہ سھتہ / سھتہ
74 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
75 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ / سہ
76 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
77 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ / سھتہ
78 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
79 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
80 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
81 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ / سھتہ سھتہ
82 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
83 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
84 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
85 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
86 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
87 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
88 5- سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
89 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
90 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
91 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
92 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
93 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
94 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
95 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
96 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
97 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
98 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
99 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
100 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
101 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
102 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ

- 103 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
104 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
105 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
106 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
107 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
108 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
109 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
110 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
111 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
112 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
113 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
114 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
115 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
116 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
117 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
118 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
119 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
120 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
121 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
122 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
123 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
124 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
125 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
126 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
127 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
128 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
129 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
130 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
131 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
132 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
133 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
134 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
135 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ
136 سھتہ سھتہ سھتہ سھتہ

- 137 بھصبرو / صلحا مع صلحا
- 138 ووسووا وسوہ کرا صلحا
- 139 وقلص صلحا / واملص صلحا
- 140 وحووا وحووا وحووا
- 141 انا صلحا * 7 - وانا وانا صلحا
- 142 وانا [وانا] وانا وانا وانا / انا
- 143 وانا صلحا وانا صلحا وانا
- 144 وانا وانا وانا / وانا وانا
- 145 وانا وانا وانا وانا وانا
- 146 انا صلحا / وانا وانا
- 147 وانا وانا وانا وانا
- 148 وانا وانا / وانا وانا
- 149 وانا وانا وانا وانا
- 150 وانا / وانا وانا وانا
- 151 وانا وانا وانا وانا وانا
- 152 وانا وانا وانا وانا
- 153 وانا وانا وانا وانا وانا
- 154 وانا وانا وانا وانا وانا
- 155 وانا وانا / وانا [وانا] وانا وانا
- 156 وانا وانا وانا وانا وانا
- 157 وانا وانا وانا وانا وانا
- 158 وانا وانا وانا وانا وانا
- 159 وانا وانا وانا وانا وانا
- 160 وانا وانا وانا وانا وانا
- 161 وانا [وانا] انا وانا وانا وانا
- 162 انا وانا وانا وانا [وانا] وانا وانا / وانا
- انا وانا وانا
- 163 وانا وانا وانا وانا وانا
- 164 وانا وانا / وانا وانا وانا وانا
- 165 وانا [وانا] وانا وانا وانا / وانا
- 166 وانا وانا وانا وانا وانا

- 167 وانا وانا / وانا * 8 - وانا وانا
- 168 وانا وانا وانا وانا
- 169 وانا وانا وانا وانا / وانا وانا
- 170 وانا وانا وانا وانا وانا
- 171 وانا وانا / وانا وانا وانا
- 172 وانا وانا وانا وانا وانا
- 173 وانا وانا / وانا وانا وانا وانا
- 174 وانا وانا وانا وانا وانا
- 175 وانا / وانا وانا وانا وانا
- 176 وانا وانا وانا [وانا] وانا وانا / وانا
- 177 وانا وانا وانا وانا وانا
- 178 وانا وانا وانا * 9 - وانا وانا
- 179 وانا وانا وانا وانا وانا
- 180 وانا وانا وانا / وانا وانا
- 181 وانا وانا وانا وانا وانا
- 182 وانا وانا وانا / وانا وانا وانا
- 183 وانا وانا وانا وانا وانا
- 184 وانا / وانا وانا وانا وانا وانا
- 185 وانا وانا وانا وانا وانا / وانا وانا
- 186 وانا وانا وانا وانا وانا
- 187 وانا وانا وانا وانا وانا
- 188 وانا وانا وانا وانا وانا
- 189 وانا وانا وانا وانا وانا
- 190 وانا وانا وانا وانا وانا
- 191 وانا وانا / وانا وانا وانا وانا
- 192 وانا وانا وانا وانا وانا / وانا
- 193 وانا وانا وانا وانا وانا
- 194 وانا وانا وانا وانا [وانا] / وانا وانا
- 195 وانا وانا وانا وانا وانا
- 196 وانا وانا وانا / وانا وانا وانا وانا
- 197 وانا وانا وانا وانا وانا
- 198 وانا وانا وانا وانا وانا * 10 -

- 233 אַעצט סױך װײַסע זאָלען
 234 צו זען אױך / אַעצט זען
 235 אױסגען אױס אױסגען
 236 אַעצט / אױסגען אױסגען
 237 אױסגען אױסגען אױסגען
 238 אױסגען אױסגען אױסגען * 12 - אױסגען
 [118 verso 2]
 239 אױסגען אױסגען אױסגען
 240 אױסגען אױסגען אױסגען
 241 אױסגען אױסגען אױסגען
 242 אױסגען אױסגען אױסגען
 243 אױסגען אױסגען אױסגען
 244 אױסגען אױסגען אױסגען
 245 אױסגען אױסגען אױסגען
 246 אױסגען אױסגען אױסגען
 247 אױסגען אױסגען אױסגען
 248 אױסגען אױסגען אױסגען
 249 אױסגען אױסגען אױסגען
 250 אױסגען אױסגען אױסגען
 251 אױסגען אױסגען אױסגען
 252 אױסגען אױסגען אױסגען
 253 אױסגען אױסגען אױסגען
 254 אױסגען אױסגען אױסגען
 255 אױסגען אױסגען אױסגען
 256 אױסגען אױסגען אױסגען
 257 אױסגען אױסגען אױסגען *
 258 13 - אױסגען אױסגען אױסגען
 259 אױסגען אױסגען אױסגען
 260 אױסגען אױסגען אױסגען
 261 אױסגען אױסגען אױסגען
 262 אױסגען אױסגען אױסגען
 263 אױסגען אױסגען אױסגען
 264 אױסגען אױסגען אױסגען
 265 אױסגען אױסגען אױסגען
 266 אױסגען אױסגען אױסגען
- 199 אױסגען אױסגען אױסגען
 200 אױסגען אױסגען אױסגען
 201 אױסגען אױסגען אױסגען
 202 אױסגען אױסגען אױסגען
 203 אױסגען אױסגען אױסגען
 204 אױסגען אױסגען אױסגען
 205 אױסגען אױסגען אױסגען
 206 אױסגען אױסגען אױסגען
 207 אױסגען אױסגען אױסגען
 208 אױסגען אױסגען אױסגען
 209 אױסגען אױסגען אױסגען
 210 אױסגען אױסגען אױסגען
 211 אױסגען אױסגען אױסגען
 212 אױסגען אױסגען אױסגען
 213 אױסגען אױסגען אױסגען * 11 - אױסגען
 214 אױסגען אױסגען אױסגען
 215 אױסגען אױסגען אױסגען
 216 אױסגען אױסגען אױסגען
 217 אױסגען אױסגען אױסגען
 218 אױסגען אױסגען אױסגען
 219 אױסגען אױסגען אױסגען
 220 אױסגען אױסגען אױסגען
 221 אױסגען אױסגען אױסגען
 222 אױסגען אױסגען אױסגען
 223 אױסגען אױסגען אױסגען
 224 אױסגען אױסגען אױסגען
 225 אױסגען אױסגען אױסגען
 226 אױסגען אױסגען אױסגען
 227 אױסגען אױסגען אױסגען
 228 אױסגען אױסגען אױסגען
 229 אױסגען אױסגען אױסגען
 230 אױסגען אױסגען אױסגען
 231 אױסגען אױסגען אױסגען
 232 אױסגען אױסגען אױסגען

301 ما حليس اونا حلا / ما سجد ما ارب
 302 حلا / ما طلا لالا مع مصلا / مصلا
 304 مع متلا / ما وا مع مصلا / قاف اونا
 305 ما صك ما موب حقيصه وخصا /
 306 ما ما معا مصلا حكا / ما طلا حفا
 307 مصوا / قافا ما متلا / صقلا ما
 308 ما ملجم اونا معا / مصصه وخصا
 309 حكا وخصا مصصه حكا مصصه /
 310 مصصتا حكا مصصتا / مصصتا
 311 واونا / مب حكا مب مصصه / صقلا [ما]
 312 مصصه ملا لا وكد وفس مصصا /
 313 مصصه مصصا وخصا وخصا مع مصصه
 314 واونا / مصصه مصصا مصصه
 315 مصصا مصصا / ا مصصتا
 316 ورج رجع * 15 - مصصه ما حكا واونا /
 317 مصصا مصصا / [مصصه] مصصه
 318 مصصا / ما ارب اونا مع مصصه /
 319 مصصه مصصا مصصا مصصا /
 320 مصصتا مصصتا مصصا مصصا / مصصا
 321 مصصا / ما ارب اونا مصصا
 322 مصصا مصصتا / ا مصصا حكا
 323 مصصتا / مصصه مصصا مصصا /
 334 مصصا مصصا مصصا مصصا / مصصه
 325 مع اصلا مصصا مصصا مصصا مصصا /
 326 مصصا مصصا مصصا /
 327 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 [119 recto 2]
 328 مصصتا مصصتا / مصصه مصصه
 329 مصصا مصصا مصصا / مصصه
 330 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 331 مصصا / مصصا مصصا مصصا
 332 مصصا مصصا / مصصا مصصا مصصا /
 333 مصصا / مصصا مصصا مصصا
 334 مصصا مصصا / مصصا مصصا /
 335 مصصا مصصا مصصا / مصصا مصصا

267 مصصه مصصه مصصا مصصا / مصصه
 268 مصصتا مصصتا مصصتا مصصتا /
 269 مصصا مصصا / مصصا مصصا مصصا
 270 مصصه مصصه مصصا مصصا / مصصا
 271 مصصا مصصه مصصا مصصا / مصصا
 272 مصصا مصصا مصصا / مصصا مصصا
 273 مصصا مصصتا مصصتا مصصا
 274 مصصا / مصصا مصصه مصصه
 275 مصصه مصصه * 14 - مصصه مصصا
 276 مصصا / مصصا مصصا مصصا
 277 مصصا حكا مصصا / مصصه مصصا
 278 مصصا / مصصا مصصا / مصصا
 279 مصصا مصصتا مصصا مصصا /
 280 مصصا مصصا مصصا مصصا / مصصا
 281 مصصا مصصا مصصا مصصا / مصصا
 282 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 283 مصصا / مصصا مصصا /
 [119 recto 1]
 284 مصصا مصصا مصصا مصصا /
 285 مصصا مصصا مصصا مصصا / مصصا
 286 مصصا / مصصا مصصا مصصا
 287 مصصا / مصصا مصصا / مصصا
 288 مصصا / مصصا مصصا مصصا
 289 مصصا / مصصا مصصا / مصصا
 290 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 291 مصصا مصصا / مصصا مصصا /
 292 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 293 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 294 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 295 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 296 مصصا / مصصا مصصا / مصصا
 297 مصصا / مصصا مصصا مصصا /
 298 مصصا مصصا مصصا / مصصا
 299 مصصا / مصصا مصصا / مصصا
 300 مصصا / مصصا مصصا /

370 متخلفا ورتج رتج / سعضه ووسو
 371 صتقلا سول مخ سفتقا سول صق صقوا /
 [119 verso 1]
 372 سول ولسلا بعمده لخصصا سول
 373 وعضلا سول ولسلا لا / لاسرا سول
 374 الا لاسرا سول وعضلا
 375 لخصصا سول / لاسرا * 17 - صتقلا سول سول
 376 عجملا لخصصا سول
 377 ولسلا سول / ولسلا سول
 378 سول ولسلا / ولسلا
 379 لخصصا سول / سول
 380 صتقلا سول / ولسلا سول
 381 لاسرا / ولسلا سول
 382 ولسلا / ولسلا سول
 383 ولسلا / ولسلا سول
 384 ولسلا / ولسلا سول
 385 ولسلا / ولسلا سول
 386 ولسلا / ولسلا سول
 387 ولسلا / ولسلا سول
 388 ولسلا / ولسلا سول
 389 ولسلا / ولسلا سول
 390 ولسلا / ولسلا سول
 391 ولسلا / ولسلا سول
 392 ولسلا / ولسلا سول
 393 ولسلا / ولسلا سول
 394 ولسلا / ولسلا سول
 395 ولسلا / ولسلا سول
 396 ولسلا / ولسلا سول
 397 ولسلا / ولسلا سول
 398 ولسلا / ولسلا سول
 399 ولسلا / ولسلا سول
 400 ولسلا / ولسلا سول
 401 ولسلا / ولسلا سول
 402 ولسلا / ولسلا سول
 403 ولسلا / ولسلا سول

336 ولسلا / ولسلا
 337 ولسلا / ولسلا
 338 ولسلا / ولسلا
 339 ولسلا / ولسلا
 340 ولسلا / ولسلا
 341 ولسلا / ولسلا
 342 ولسلا / ولسلا
 343 ولسلا / ولسلا
 344 ولسلا / ولسلا
 345 ولسلا * 16 - ولسلا
 346 ولسلا / ولسلا
 347 ولسلا / ولسلا
 348 ولسلا / ولسلا
 349 ولسلا / ولسلا
 350 ولسلا / ولسلا
 351 ولسلا / ولسلا
 352 ولسلا / ولسلا
 353 ولسلا / ولسلا
 354 ولسلا / ولسلا
 355 ولسلا / ولسلا
 356 ولسلا / ولسلا
 357 ولسلا / ولسلا
 358 ولسلا / ولسلا
 359 ولسلا / ولسلا
 360 ولسلا / ولسلا
 361 ولسلا / ولسلا
 362 ولسلا / ولسلا
 363 ولسلا / ولسلا
 364 ولسلا / ولسلا
 365 ولسلا / ولسلا
 366 ولسلا / ولسلا
 367 ولسلا / ولسلا
 368 ولسلا / ولسلا
 369 ولسلا / ولسلا

438 حلا وئالا وبعلا بلاسترا / سبب وبعلا
 439 حصلا بعلا / سوللا حلا وئالا بعلا /
 440 سوللا وعا حلا وبعلا وبعلا /
 441 سبب سوللا وبعلا سبب سوللا
 442 بلاسرا / سوللا بعلا بعلا
 443 بعلا بعلا سبب / سبب
 444 بعلا بعلا سوللا / بعلا
 445 بعلا بعلا سوللا * 20 - بعلا
 446 بعلا بعلا سوللا بعلا بعلا
 447 بلاسرا / سوللا سوللا بعلا بعلا /
 448 بعلا بعلا سوللا سوللا بعلا بعلا /
 449 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 450 حلا بعلا سوللا / سبب
 451 حلا بعلا سوللا بعلا بعلا
 452 سوللا سوللا / سوللا بعلا بعلا
 453 سوللا سوللا سوللا / سوللا
 454 سوللا بعلا سوللا سوللا / سوللا
 455 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 456 بعلا بعلا سوللا سوللا سوللا
 457 سوللا سوللا سوللا / سوللا
 458 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 459 بعلا بعلا سوللا سوللا /
 [120 recto 1]
 460 سبب بلاسرا بعلا سوللا
 461 بعلا / سوللا بعلا بعلا سوللا
 462 بعلا / سوللا سوللا بعلا
 463 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 464 بعلا / سوللا سوللا سوللا
 465 سوللا سوللا * 21 - سوللا سوللا
 466 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 467 سوللا سوللا سوللا سوللا
 468 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 469 سوللا سوللا سوللا سوللا
 470 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 471 سوللا سوللا سوللا سوللا

404 حلا / سوللا سوللا
 405 حلا سوللا / سوللا سوللا
 406 سوللا سوللا / سوللا سوللا
 407 سوللا سوللا سوللا / سوللا
 408 سوللا سوللا سوللا / سوللا
 409 سوللا / سوللا سوللا سوللا
 410 سوللا حلا سوللا سوللا /
 411 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 412 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 413 سوللا سوللا سوللا سوللا / سوللا
 414 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 415 سوللا سوللا / سوللا سوللا
 [119 verso 2]
 416 سوللا / سوللا سوللا / سوللا
 417 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 418 سوللا سوللا سوللا سوللا
 419 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 420 سوللا سوللا سوللا * 19 - سوللا
 421 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 422 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 423 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 424 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 425 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 426 سوللا سوللا سوللا سوللا
 427 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 428 سوللا سوللا / سوللا سوللا سوللا
 429 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 430 سوللا سوللا سوللا / سوللا
 431 سوللا سوللا سوللا سوللا
 432 سوللا / سوللا سوللا سوللا /
 433 سوللا سوللا سوللا سوللا
 434 سوللا سوللا سوللا / سوللا سوللا
 435 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 436 سوللا سوللا سوللا سوللا /
 437 سوللا سوللا سوللا سوللا

643 بعد اصب، حقا حمرًا، واصتوا / سنتنا
644 صحنًا، هوستحدا حكا، اونا []
645 هولا، ح حذقحدا، قطلا حكا
646 هولا، هولا، هولا، هولا / قطلا ح حضا
647 انا، هولا، هولا، ح حذقحدا
648 ح حذقحدا / هولا، انا، اونا، سدا
649 ح حضا، ح حضا، / انا، ح حضا
650 ح حضا، ح حضا / ح حضا، ح حضا
651 انا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
652 ح حضا، / ح حضا، ح حضا، ح حضا
653 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
654 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
655 هولا، ح حضا، ح حضا، ح حضا
656 ح حضا، ح حضا، / ح حضا
657 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
658 ح حضا، ح حضا، / لا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
659 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
660 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
661 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
662 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
663 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
664 ح حضا، ح حضا، ح حضا * 28 - ح حضا
665 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
666 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
667 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
668 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
669 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
670 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
671 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
672 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
673 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
674 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
675 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
676 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا

[121 recto 2]

609 ح حضا، ح حضا / ح حضا، ح حضا
610 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
611 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
612 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
613 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
614 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
615 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
616 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
617 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
618 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
619 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
620 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
621 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
622 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
623 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
624 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
625 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
626 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
627 ح حضا، ح حضا، ح حضا * 27 - ح حضا
628 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
629 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
630 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
631 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
632 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
[121 recto 1]
633 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
634 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
635 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
636 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
637 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
638 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
639 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
640 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
641 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا
642 ح حضا، ح حضا، ح حضا / ح حضا

849 صح عطا هكوتوا / صح قمع هتوا
850 هتوا / صح هتوا هتوا / صح
851 اوتو هتوا هتوا / هتوا
852 هتوا / صح هتوا هتوا
853 هتوا هتوا / هتوا هتوا
854 هتوا هتوا / هتوا هتوا
[122 recto 2]
855 هتوا / هتوا هتوا هتوا
856 هتوا هتوا / هتوا هتوا
857 هتوا هتوا / هتوا هتوا
858 هتوا هتوا / هتوا هتوا * 37 -
859 هتوا هتوا / هتوا هتوا
860 هتوا هتوا / هتوا هتوا
861 هتوا هتوا / هتوا هتوا
862 هتوا هتوا / هتوا هتوا
863 هتوا هتوا / هتوا هتوا
864 هتوا هتوا / هتوا هتوا
865 هتوا هتوا / هتوا هتوا
866 هتوا هتوا / هتوا هتوا
867 هتوا هتوا / هتوا هتوا
868 هتوا هتوا / هتوا هتوا
869 هتوا هتوا / هتوا هتوا
870 هتوا هتوا / هتوا هتوا
871 هتوا هتوا / هتوا هتوا
872 هتوا هتوا / هتوا هتوا
872 هتوا هتوا / هتوا هتوا
873 هتوا هتوا / هتوا هتوا
874 هتوا هتوا / هتوا هتوا
875 هتوا هتوا / هتوا هتوا
876 هتوا هتوا / هتوا هتوا
877 هتوا هتوا / هتوا هتوا
878 هتوا هتوا / هتوا هتوا
879 هتوا هتوا / هتوا هتوا
880 هتوا هتوا / هتوا هتوا
881 هتوا هتوا / هتوا هتوا

814 هتوا / هتوا هتوا هتوا
815 هتوا هتوا / هتوا هتوا هتوا
816 هتوا هتوا / هتوا هتوا
817 هتوا هتوا / هتوا هتوا
818 هتوا هتوا / هتوا هتوا هتوا
819 هتوا هتوا / هتوا هتوا
820 هتوا هتوا / هتوا هتوا هتوا
821 هتوا هتوا / هتوا هتوا
822 هتوا هتوا / هتوا هتوا
823 هتوا هتوا / هتوا هتوا
824 هتوا هتوا / هتوا هتوا
825 هتوا هتوا / هتوا هتوا
826 هتوا هتوا / هتوا هتوا
827 هتوا هتوا / هتوا هتوا
828 هتوا هتوا / هتوا هتوا
829 هتوا هتوا / هتوا هتوا
830 هتوا هتوا / هتوا هتوا
831 هتوا هتوا / هتوا هتوا
832 هتوا هتوا / هتوا هتوا
833 هتوا هتوا / هتوا هتوا
834 هتوا هتوا / هتوا هتوا
835 هتوا * 36 - هتوا هتوا هتوا
836 هتوا هتوا / هتوا هتوا
837 هتوا هتوا / هتوا هتوا
838 هتوا هتوا / هتوا هتوا
839 هتوا هتوا / هتوا هتوا
840 هتوا هتوا / هتوا هتوا
841 هتوا هتوا / هتوا هتوا
842 هتوا هتوا / هتوا هتوا
843 هتوا هتوا / هتوا هتوا
844 هتوا هتوا / هتوا هتوا
845 هتوا هتوا / هتوا هتوا
846 هتوا هتوا / هتوا هتوا
847 هتوا هتوا / هتوا هتوا
848 هتوا هتوا / هتوا هتوا

916 [وحننا] سلالا * 39 - سلاصعا سندا حقه
 917 حلا زع حسبال / حصصا حبر
 918 واصلح حقه / سبه حسبال
 919 ورس / حبره واهنجر /
 920 حصصونه ونا سدا / حصصنا
 921 ونا بزوح وحننونه / هلا لاه
 922 ونا لاسا وحننونه / حصصنا
 923 ونا سوه قنا عبتنا / سندا
 924 صده قانا سوتنا / صا وستك
 925 حصصه وحننا سلالا سحتوب
 926 رصه / صا حنا حصصه حننا
 927 حصا احصه سدا / حصصنا
 928 واصلح بار / صا ولا حصص
 929 حصصا حاننا ونا / حصصه
 930 سبم صا حنا / لاه اوهنجر
 931 حصصنا سلالا وحننونا / ونا
 932 واصلح سلالا واصلح لاهنا /
 933 سدا ولا هاننا لا سدا حه /
 934 سوه حصصونه حسبال سغه
 935 حصصه / سلالا سنا ونا اوحد
 936 حصصا واصلح / لاه حنا لا
 937 سوا حده / سحننا حصصا
 938 سوه ونا لا سوه حصصه / صا
 939 ونا واصلح لا لاهنا / سدا
 940 صا ونا / الا سوه وحننا
 941 سلالا / سوه واصلح سوا
 942 سنا حده حنجر حصص * 40 - سبم
 943 بصع حنا سلالا حصصه حنا
 944 واصلح / سلالا حنونا ونا /
 945 سلالا ونا واصلح / سدا
 [122 verso 2]
 946 سلالا حننا / سلالا لاهنجر /
 947 اف قنا سبال سلالا حصصنا /
 948 واصلح / حصصنا واصلح
 949 حصصه ونا / اف حصصنا

882 سوتنا سلالا / سلالا حنونا
 883 اوتنس سلالا / سوه حصص
 884 حصصنا حصصنا / سندا
 885 حصصه سلالا / هلا سوه
 886 حصصنا اوتنس / سوتنا
 887 حصصه / سلالا سلالا /
 888 سلالا ونا واصلح / سلالا
 889 واصلح / سلالا وستك
 890 حصصه وحننا سلالا / سحتوب
 89114 حصصنا واصلح * 38 - سبم سوه
 892 لاه سلالا سلالا /
 893 سلالا حنا صا لاه حصصنا
 894 لاه / سوه سبم سلالا
 895 سلالا ونا / سلالا
 896 سلالا حصصنا / سلالا ونا
 897 سلالا ونا حصصنا / سوه
 898 صبا واصلح حصصنا ونا
 899 واصلح / سلالا حه حصصه
 [122 verso 1]
 900 حصصنا / سلالا / سلالا ونا
 901 سلالا سلالا / سلالا ونا
 902 ونا سلالا / اف حصصنا ونا
 903 سلالا / سلالا ونا سلالا
 904 حنونا ونا / سلالا ونا
 905 حنونا ونا / سلالا ونا
 906 حصصنا ونا حنا سلالا / سلالا
 907 حنونا ونا / سلالا ونا
 908 سلالا ونا / سلالا ونا
 909 حنونا ونا / سلالا ونا
 910 حصصنا ونا / سلالا ونا
 911 لاه سبالا حنا سلالا / سلالا
 912 ونا سلالا / سلالا ونا
 913 ونا ونا / سلالا ونا
 914 سلالا ونا / سلالا ونا
 915 سلالا ونا / سلالا ونا

- 950 وڃڻا، ٻهڻا، ڏاڻا / ٻهڻو، ڏاڻو
951 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
952 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
952 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
953 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
954 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
955 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
956 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو - 41
957 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو
958 ٻهڻو، ڏاڻو / ٻهڻو، ڏاڻو

٥٤١ و٥٤٢ / ر٥٤١ و٥٤٢ /
 ٥٤٣ و٥٤٤ / و٥٤٣ و٥٤٤ ٥٤٣ و٥٤٤ /
 ٥٤٥ و٥٤٦ / و٥٤٥ و٥٤٦ ٥٤٥ و٥٤٦ /
 ٥٤٧ و٥٤٨ / و٥٤٧ و٥٤٨ /
 ٥٤٩ و٥٥٠ / و٥٤٩ و٥٥٠ /
 ٥٥١ و٥٥٢ / و٥٥١ و٥٥٢ /
 ٥٥٣ و٥٥٤ / و٥٥٣ و٥٥٤ /
 ٥٥٥ و٥٥٦ / و٥٥٥ و٥٥٦ /
 ٥٥٧ و٥٥٨ / و٥٥٧ و٥٥٨ /
 ٥٥٩ و٥٦٠ / و٥٥٩ و٥٦٠ /
 ٥٦١ و٥٦٢ / و٥٦١ و٥٦٢ /
 ٥٦٣ و٥٦٤ / و٥٦٣ و٥٦٤ /
 ٥٦٥ و٥٦٦ / و٥٦٥ و٥٦٦ /

16 - ٥٦٧ و٥٦٨ / و٥٦٧ و٥٦٨ /
 ٥٦٩ و٥٧٠ / و٥٦٩ و٥٧٠ /
 ٥٧١ و٥٧٢ / و٥٧١ و٥٧٢ /
 ٥٧٣ و٥٧٤ / و٥٧٣ و٥٧٤ /
 ٥٧٥ و٥٧٦ / و٥٧٥ و٥٧٦ /
 ٥٧٧ و٥٧٨ / و٥٧٧ و٥٧٨ /
 ٥٧٩ و٥٨٠ / و٥٧٩ و٥٨٠ /
 ٥٨١ و٥٨٢ / و٥٨١ و٥٨٢ /
 ٥٨٣ و٥٨٤ / و٥٨٣ و٥٨٤ /
 ٥٨٥ و٥٨٦ / و٥٨٥ و٥٨٦ /
 ٥٨٧ و٥٨٨ / و٥٨٧ و٥٨٨ /
 ٥٨٩ و٥٩٠ / و٥٨٩ و٥٩٠ /
 ٥٩١ و٥٩٢ / و٥٩١ و٥٩٢ /
 ٥٩٣ و٥٩٤ / و٥٩٣ و٥٩٤ /
 ٥٩٥ و٥٩٦ / و٥٩٥ و٥٩٦ /
 ٥٩٧ و٥٩٨ / و٥٩٧ و٥٩٨ /
 ٥٩٩ و٦٠٠ / و٥٩٩ و٦٠٠ /

هسعتا حكا اؤدا ههه عقتلا ههتلا /

هصعلا لا بس هههؤا لا ههح /

هعقتا لا هههه /

هحكتا ههح هتق هعا هههه /

اه ههتلا هتقعا ههههق /

ههؤهه ههتلا هه هههه هههه /

اه هتقعا ههتلا هههه هههه /

ههههه ههتلا ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه ههههه /

هحكتا ههح هههه هههه هههه /

ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه /

هحكتا ههه ههههه ههههه /

هحكتا ههههه ههههه ههههه /

ههههه ههههه ههههه /

هههه هههه ههههه ههههه / هههه ههههه ههههه ههههه

ويعلمون انهم صالحون لا / اناسا حقا، الا انهم هم صالحون، ومعهم الحقايق /
بأسرهم

17 - حقايقهم، وهم هم صالحون انصبا هلكنا /

هناهم، وقد عرفنا / قدسنا هيتنا باجرهم /

صحتنا، وقد بعناهم /

معتوا، حقايقهم، وهم /

هم، وما هيتنا، صبا بعناهم /

صحتهم، وما باجرهم /

صحتنا، وهم هم صالحون باجرنا /

هناهم صبا /

قدسنا، ولا بعناهم، وهم صالحون صبا /

صبا، انصبا، صبا، واننا /

صبا، باجرنا /

صبا، باجرنا /

صبا، باجرنا /

صبا، باجرنا، صبا، باجرنا /

سہارا جلا ہوتا ہے، اور اسے /

سہارا، صحت اور *

18 - صحت اور /

سہارا، صحت اور /

هناك من حكايا حرم سعدية هـ اؤوصه /

دهه صفتها هـ ااصس اؤا حروا /

هـ اوج اءا حصا / هـ اا اؤا فوفا ووهرا /

صا وهو بجا هـا /

هـ اؤف هؤقف وءفا بجا صا وسفا /

هـ هـا بروج هـ لا سروه /

هـ بجه هـ لا بجه /

هـ هـا هـا بجا بجا هـا /

هـ بجا لا بجه ده /

هـ بجه اءا اءا /

هـ اءا بجا لاءا /

هـ اءا بجا وءا هـا /

دهه صفتها هـ بجا بجا بجا /

هـ بجه بجا بجا بجا بجا *

19 - هـ بجا بجا بجا /

20 - دوه، حقهلا، سه، عهعلا، اب، هعلا، لدهف /

هعهوا، اب، وعا، لعه /

هعهقا، لوه، اب، هقا، ع، اءءا /

ه، اب، لهوا، وهوا /

ه، اوا، هءرا، ع، اءء، اوا، هعه، /

ه، ه، ع، اءءءء، ع، لءءء، لءوه، ه، هءءء، /

ه، ع، عءا، هءءا، وهوا /

هءءءا، ههه، عهه، واوا /

ه، اوا، لءءء، هءء، لءءء /

اب، هءا، عءا، لءءءء، وءا /

هءءءءا، هءءءا، ع، ه، لءء، لءءءء، عهه، واوا /

ه، ه، هءءء، لهوا، ع، اءءء، /

ا، هءءء، وءءءا، ع، وهءءءء، /

ه، ه، هءءء، حقهوا، وهوا، ع، عهعلا /

ه، وهوا، وهءءءءا، ع، هءءءءا /

ه، هءءءء، عءءءا، وءءءءا، وهوا /

ه، اب، حءءءءا، وءءءا /

ع، اءءء، هءءا، وهءءءا، وءءءا *

21 - هه، حقهلا، سه، لءءء، اءءءا، وءءا، ع، عهعلا / وءءا، لءء، هءءءءء، هه

إِذَا كَانَ حَكْمُهُ رَاقِبًا حَيْثُ كَانَ / أَمْ يَكُنْ حَكْمًا مَعْتَدًا لَهُ؟ وَمَعْلَمًا وَمَعْلَمًا
سُورًا / سِنًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا / أَمْ يَكُنْ حَكْمًا مَعْتَدًا لَهُ؟ وَمَعْلَمًا وَمَعْلَمًا
حَقَقْنَا وَعَلَانَةً نَبَا نَبَا لَمْ يَكُنْ / حَتَّى تَكُونَ سَائِرًا وَمَعْلَمًا وَمَعْلَمًا
وَمَا ذِي

22 - سَمِعْتُمْ إِذَا كَانَ حَكْمُهُ رَاقِبًا حَيْثُ كَانَ / وَعَلَانَةً نَبَا نَبَا لَمْ يَكُنْ
حَقَقْنَا وَمَقَامًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا / وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ
وَحَقُّ / وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ / حَتَّى تَكُونَ سَائِرًا
حَقَقْنَا نَبَا نَبَا لَمْ يَكُنْ حَقَقْنَا / وَمَقَامًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

وَمَا ذِي حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ /

حَتَّى تَكُونَ سَائِرًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

حَقَقْنَا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

وَمَا ذِي حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ /

لَمْ يَكُنْ حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ /

حَقَقْنَا حَقُّ حَقِّهِ وَأَمَّا حَقُّ حَقِّهِ /

أَمْ حَقُّ حَقِّهِ /

سُورًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

أَمْ حَقُّ حَقِّهِ وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

لَمْ يَكُنْ حَقُّ حَقِّهِ /

سُورًا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

حَقَقْنَا وَمَقَامًا وَمَقَامًا /

مدا و صحت رجا و سنال و تقصلا /
هوهوا جهلكر سنال و صره و جلكلا /
هال لونا و اونا هالاصد /
ههلووه هتقصه و اونا هه جلمسا /
ههتقلا و هه و ا ههلمسا /
هله و ا هتقلا هه هه ههلمسا /
ههستال هتقما ههلمسا /
ههه ههوا جهل هه /
ههه و ههه ههلمسا هه جهل هه /
هه ههنا جهلمسا ههلمسا و ا /
هوسلا و الهه الهه ههنا ههه *

26 - ههوا جهل هه /

ههه و ههنا لاونده و هه ههلمسا ههلمسا ههنا و ا /
ههه ههلمسا ههلمسا /
ههه ههلمسا ههلمسا ههلمسا ههلمسا ههلمسا /
ههلمسا و ههلمسا ههلمسا /
ههه ههلمسا ههلمسا ههلمسا و ههلمسا /
ههلمسا ههلمسا ههلمسا ههلمسا /
ههلمسا ههلمسا ههلمسا ههلمسا /

اف بعلوؤقم دتتا وؤصدا /

هعصتا وئؤا هؤهؤا وهدهصدا ه صا دتتا /

هؤا اؤتا اؤدا بعلوؤه ههههه ولا هؤا /

هههههه هههههه ههههه ههههه ههههه وؤا /

هههه هههههه ههههه ههههه /

هههههه هههههه هههههه هههههه /

هههههه وؤا اؤه ههههه هههههه هههههه /

ههههه هههههه هههههه هههههه /

هههههه هههههه هههههه /

هههههه هههههه هههههه /

هههههه هههههه هههههه /

ههههه ههههه ههههه ههههه /

ههههه وؤههههه هههههه هههههه /

هههههه هههههه هههههه هههههه *

סדרו וְאֵלֶּיךָ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /
לְמַעַן לֹא יִשְׁכַּח וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /
אֵלֶּיךָ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /
וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

28 - וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

אֵלֶּיךָ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

אֵלֶּיךָ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ וְחִתָּהּ /

حصلا وادختالا /

هعدهحصلا ومبوا هجوهركلا وبوا /

هتقلالما هجوتو سلا /

هعدهحصلا مده مع وتقا هتتالا /

هعدهحصلا هجوا هجوهركلا ومبوا /

هسبوهسوه هتقلالما وبوا /

هعدهحصلا وتقلالما هتو[علا] /

ههجو هلا تقلا هعدهحصلا هتتالا هتقلالما /

ههجو هعدهحصلا هسلا هتقلالما هسلا هتقلالما /

هسبوهسوه هجوا هسبوهسوه /

ههجو هسبوهسوه هسبوهسوه /

ههجو هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هتقلالما هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه هسبوهسوه /

٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /

29 - ٥٤٤:٤٤٤ ٥٤٤:٤٤٤ ٥٤٤:٤٤٤ /

٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /
 ٥٤٤:٤٤٤ / ٥٤٤:٤٤٤ /

سپڙهه ځي، ښه وځي، ځي /

سپڙهه ځي، ښه وځي، ځي /

30 - سپڙهه ځي، ښه وځي، ځي /

سولسلسل، لؤلؤ سولسول، سولسول وؤلؤ /

سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول *

31 - سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول /

سولسول سولسول سولسول سولسول *

32- هبج لاص اوجا ولا لاصح /
 هعتج وعتا ولا عتج /
 هعلافا عفا ولا لاصح /
 هلاسا اناصه وحصسا /
 هبج عصق لعتا عكفا /
 هوقلا روصعا لعتلج /
 هبج ناره وبتوا وحبجا /
 هسبه هقتلا هك وانا صه /
 هبصهه وحصسا هه حني /
 هعص عكفا حكفا /
 هلاسا وناص روصعا لاصح /
 ههه لعتا حنوب سكا /
 هوقلا بحت وحصا /
 ههه حقتا وسكا زوب ص وعت لعتا /
 هقتلا وحصسا بحت ص هقتلهه /
 هبج ناره افا وعتا حبجا /
 هههه عقتا ص لعتا /
 بحت حقتا وعتا هههه لاصح /
 ههه لورا هلا حلهه ورتع /
 هصبتوه واهومكتر اها هههه /

هؤؤئفءه اؤؤءه ءءءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه ءءءه *

34 - هؤءءه ءءءه ءءءه /

هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /
هؤءءه ءءءه ءءءه /

سَلَامٌ، هَيْتُمْ اسْتَأْمَأُ /
وَصَلَا وَسَعَا اسْلَمَا وَحَدَسَا صَعَا اَوْحَا /
سَعَا سَعَدْتَا وَتَوَا نَلَيْتَكُم /
سَأَلْتُوَا وَوَسَلَا نَلْفَلَسَا /
سَعَبَم لَّا نَعْلَمُ دَسَا عَدَلَا وَلَا عَدَلَلَا /
سَلَامَا كَاوَحَا سَعَا سَحَسَا سَحَسَمَا /
سَعَا سَحَسَمَا سَحَسَقَا وَصَلَا اسْلَمَا *

35 - سَبَبُ مَنَّا اسْلَمَا مَعُ عَصَا اَمِنَا /
سَعَفُوَا وَحَا مَعُ اَسْمَعَلُمُ نَعَلَا /
سَبَبُ اسْحَدُ اَوْحَا سَاهَمَا /
سَا وَوَعَا سَبَبُوَا وَوَعُوَا وَوَعُوَا اَسْمَعَلُمُ /
سَلَمْنَا اَسْمَا اَسْمَا سَعَدُ حَقْتَكُم /
سَحَسَا سَعَفُوَا وَوَعُوَا مَعُ نَعَلَمَا /
وَسَلَمَا سَحَسَمَا سَعَمَا وَوَعُوَا وَوَعَلُمُ مَرِي /
سَعَا سَبَبُ وَاسْحَدَا / سَحَسَا وَاسْحَدَا مَعُ اَسْمَا لَلَاوَا /
سَعُ وَوَعَا حَبَسَا /
سَلَمَسَلَا سَحَا كَاوَحَمَا وَوَحَا /
سَلَمَسَلَا سَعُوَا سَحَسَدَا /
سَحَسَمَا سَحَسَدَا /

هصعلا هصعلا /

اؤنلا اءلا هء وءلا /

هءءءءء هء الهءء وءلا سءلا / هءءءءء هء اءءءءء وءلا /

ءءءءءء هءءءءء وءلا هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء اؤنلا هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء وءءءءء وءءءءء /

هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء وءءءءء وءءءءء /

هءءءءء هءءءءء اؤنلا هءءءءء هءءءءء هءءءءء ❖

36 - هءءءءء هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء وءلا هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء وءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء هءءءءء /

هءءءءء هءءءءء هءءءءء هءءءءء وءءءءء /

37- اذبح ناصعه، صلاه، اتقضا حريمه /
واحتالاً حلاوتيه، وانوعكم صلاه، قانا، مروتاً /
صلاه، وستك عده، وحنا سلالا /
محتوب، اوجها، ورحبه /
صلاه، روجه، واحيمه /
تصد، مفعول حسوا /
صلاه، حقا، ومعنا /
صلاه، واحيمه، حلا، وتسد، مفعول، حذيقه، ومعنا /
محتصه، ومعنا، وحلا /
ناصعه، سلالا، حلا، معنا /
مع، حيسا، مع، حذيقا /
مع، حلا، مع، حلا /
مع، عنيه، اوذا /
مع، صلاه، حقا، ومعنا /
مع، لقا، مع، وقدا، مع، حقا /
سلا، وقع، اوذا، حلا /
صلاه، صلاه، محتلا، حقا، حقا /
صلاه، حذيقه، حلاه، حقا /
حلا، صلاه، حلاه، وانوعكم /
سلا، صلاه، حلاه، وانوعكم، حلاه، حقا /

سجبره واهو معكم / صحه وئيه وبقوا بكم /

صححتنا وبقوا بؤص وئحتوه /

هلا اهلنا بقوا اسد وئحتوه /

صحكتا وبقوا بؤص قضا صبتنا /

سجبره صحه قانا هروقتا /

صلا وئكت عده وئنا سلالنا سحوقم حصه /

صلا وئنا عده وئنا وئنا اءهه بؤص /

هلا وئنا وئنا /

صلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا /

هلا وئنا وئنا وئنا وئنا /

O Alfabeto Siríaco

O alfabeto é consonantal e lido da direita para a esquerda. A fonte segue o padrão "Serto".

ܐ	'	Olaf
ܒ	b	Beth
ܘ	g	Gamal
ܚ	h	Hê
ܘܘܘ	w	Waw
ܘܘܘܘ	z	Zayn
ܘܘܘܘܘ	ḥ	Heth
ܘܘܘܘܘܘ	ṭ	Teth
ܘܘܘܘܘܘܘ	y	Yodh
ܘܘܘܘܘܘܘܘ	k	Kaf
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	l	Lamadh
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	m	Min
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	n	Num
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	s	Semkath
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	'	e
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	p	Pe (Fe)
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	ṣ	Sadh
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	q	Qof
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	r	Resh
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	š	Shin
ܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘܘ	t	Taw